

Marina Siqueira Drey

**“NÃO FIZ ANOTAÇÕES, MORREM COMIGO”:  
O ARQUIVO E A LACUNA BIOGRÁFICA DE JORGE  
AMADO**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para obtenção do Grau de Mestra em Literatura.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Regina Oliveira Ramos.

Florianópolis  
2017



Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Drey, Marina Siqueira

"Não fiz anotações, morrem comigo" : O arquivo e a lacuna biográfica de Jorge Amado / Marina Siqueira Drey ; orientadora, Tânia Regina Oliveira Ramos - Florianópolis, SC, 2017.

190 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós Graduação em Literatura.

Inclui referências

1. Literatura. 2. Jorge Amado. 3. 1941-1942 . 4. Lacuna biográfica. 5. Acervo literário. I. Ramos, Tânia Regina Oliveira. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. III. Título.



## FOLHA DE APROVAÇÃO



Mãe e pai, esta dissertação é mais uma conquista que dedico a vocês, com todo amor e por todo amor.

À guardiã da Mala, nossa Rosa vermelha da revolução, também dedico esta dissertação.





## AGRADECIMENTOS

Reafirmo meus agradecimentos aos meus amores de sempre, Margarete, Rudimar, João Pedro e Luiza. Obrigada por vocês estarem comigo, perto ou longe.

Reafirmo meu agradecimento ao meu amor, Ricardo Henrique, com quem há seis anos iniciei o para sempre. Obrigada por nós. É você, só você.

Reafirmo meu agradecimento à professora Tânia. Obrigada pela confiança e pelos ensinamentos que se estendem para a vida.

Agradeço às Nulime'rs da Mala, Roberta, Rosane, Thalita, Nicola, Crislâynne, Aline, Ailê. Obrigada pela trajetória compartilhada.

Agradeço à Samanta, pela motivação e torcida para a conclusão deste trabalho. Obrigada pela enorme ajuda.

Agradeço à Eduarda, pela parceria acadêmica e doméstica desde a Graduação. Obrigada por dividir os cadernos e a louça da pia.

Agradeço às professoras e aos professores do Curso de Letras Português e da Pós-Graduação em Literatura e, por extensão, à UFSC. Obrigada pelo ensino de qualidade.

Por fim, agradeço ao CNPq pelo financiamento à pesquisa ao longo dos dois anos do mestrado.



Publico esses rascunhos pensando que, talvez, quem sabe, poderão dar ideia do como e do porquê. Trata-se, em verdade, da liquidação a preço reduzido do saldo de miudezas de uma vida bem vivida. (AMADO, 2006, p. 10-11).



## RESUMO

Esta Dissertação de Mestrado tem o objetivo de descrever a pesquisa que empreendi no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Nesse estudo, propus-me a investigar no Acervo Mala de Jorge Amado documentos que corroborassem para o alargamento da narrativa biográfica de Jorge Amado nos dois anos (1941-1942) em que esteve exilado na Argentina e no Uruguai, tanto para escrever *Vida de Luís Carlos Prestes, el Caballero de la Esperanza* quanto para se afastar do regime ditatorial do Estado Novo (1937-1945). Para isso, em um primeiro momento, propus-me à reflexão das motivações de constituição do que denomino “lacuna biográfica”; seguidamente, analiso um *corpus* de obras que tomam Jorge Amado como protagonista, a fim de localizar informações referentes ao período de exílio supracitado e, por fim, elaboro minha narrativa biográfica dos anos da década de 1940 em questão a partir da identificação e análise de documentos provenientes desse arquivo literário que está localizado no Núcleo Literatura e Memória (Nulime) da UFSC.

Palavras-chave: Jorge Amado. 1941-1942. Lacuna biográfica. Acervo literário.



## ABSTRACT

This dissertation aims to describe the research undertaken by me when coursing a post-graduation in Literature at the Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). The main objective of this study was to investigate, in the collection Mala de Jorge Amado [Jorge Amado's suitcase], documents that could contribute for the enlargement of Jorge Amado's biographical narrative that covers the period when he was in exile (1941-1942). This exile in Argentina and Uruguay served both as a departure from the Estado Novo's dictatorial regime (1937-1945) and as retreat to write *Vida de Luís Carlos Prestes, el Caballero de la Esperanza*. To accomplish the mentioned, first, I reflected on what motivated the constitution of what I have called "biographical gap". Afterward, I analyzed a corpus formed by the works that take Jorge Amado as protagonist in order to gather information regarding the exile period mentioned above. Lastly, from the identification and the analyses of the documents in the collection (the literary archive located in the Núcleo Literatura e Memória – Nulime), I formulated my own biographical narrative of the 40's decade years that were the focus of this work.

Keywords: Jorge Amado. 1941-1942. Biographical gap. Literary collection.





## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Jorge Amado no cais de Salvador .....	56
Figura 2 - Capas de livros .....	58
Figura 3 - Jorge Amado em meio a livros.....	58
Figura 4 - Jorge Amado e amigos 1 .....	60
Figura 5 - Jorge Amado e amigos 2 .....	60
Figura 6 - Jorge Amado e amigos 3 .....	61
Figura 7 - Jorge Amado e amigos 4 .....	61
Figura 8 - Genealogia .....	68
Figura 9 - Jorge Amado e Zélia Gattai 1 .....	82
Figura 10 - Jorge Amado, Zélia Gattai e amigos no castelo de Dobris .	83
Figura 11 - Jorge Amado e Zélia Gattai na Tchecoslováquia.....	84
Figura 12 - Jorge Amado, Zélia Gattai e João Jorge.....	84
Figura 13 - Jorge Amado e Zélia Gattai com amigos .....	85
Figura 14 - Jorge Amado e Zélia Gattai 2.....	85
Figura 15 - Jorge Amado e Zélia Gattai 3.....	86
Figura 16 - Família Amado .....	89
Figura 17 - Página de <i>Cadernos de Literatura Brasileira</i> .....	94
Figura 18 - Mapa: Correspondências exilares: com quem falou? Por onde andou?.....	123
Figura 19 - Recorte do Mapa: Correspondências exilares: com quem falou? Por onde andou?.....	124
Figura 20 - Organograma: Escritas no/do exílio .....	127
Figura 21 - Contrato de edição de <i>A Descoberta do Mundo</i> .....	130
Figura 22 - Assinatura de Matilde.....	131
Figura 23 - Envelopes para Matilde .....	131
Figura 24 - Carta de Samuel Wainer para Jorge Amado 1 .....	132
Figura 25 - Carta de Bluma Wainer para Matilde.....	134
Figura 26 - Assinatura de remetente não identificado .....	135
Figura 27 - Assinaturas de Zeriba .....	135
Figura 28 - Excerto de correspondência para Matilde, de Zeriba 1....	136
Figura 29 - Página de correspondência para Matilde, de Zeriba .....	137
Figura 30 - Excerto de correspondência para Matilde, de Zeriba 2....	137
Figura 31- Excerto de correspondência para Matilde .....	138
Figura 32 - Excerto de correspondência para Georgino (Jorge Amado) .....	139
Figura 33 - Recorte de Jornal: <i>La Hora</i> 12/12/41 .....	141
Figura 34 - Excerto de correspondência para Jorge Amado, de Joaquim .....	142
Figura 35 - Rascunho de correspondência redigido por Maria Amado	143

Figura 36 - Correspondência para Jorge Amado, do Liceo Rosarino de Mujeres.....	144
Figura 37 - Envelope de Maria Amado.....	145
Figura 38 - Excerto da correspondência de Maria Cruz para Jorge Amado 1.....	146
Figura 39 - Excerto da correspondência de Maria Cruz para Jorge Amado 2.....	147
Figura 40 - Excerto da correspondência de Maria Cruz para Jorge Amado 3.....	147
Figura 41 - Excerto da correspondência de Maria Cruz para Jorge Amado 4.....	147
Figura 42 - Excerto de correspondência de Pompeu Borges para Jorge Amado 1.....	150
Figura 43 - Excerto de correspondência de Pompeu Borges para Jorge Amado 2.....	152
Figura 44 - Excerto de correspondência de Pompeu Borges para Jorge Amado 3.....	154
Figura 45 - Excerto de correspondência de Pompeu Borges para Jorge Amado 4.....	155
Figura 46 - Fólio de <i>São Jorge dos Ilhéus</i> -Rio, 1940.....	161
Figura 47 - Fólio de “A Terra Adubada com Sangue”.....	162
Figura 48 - Fólio de “O Navio”.....	163
Figura 49 - <i>Terras do Sem Fim</i> , versão publicada p. 06.....	165
Figura 50 - Fólio de <i>São Jorge dos Ilhéus</i> - Buenos Aires, 1942.....	166
Figura 51 - Fólio de Livro Primeiro / “A Terra Adubada com Sangue”.....	167
Figura 52 - Fólio de dedicatória.....	168
Figura 53 - Fólio de original do primeiro capítulo da versão publicada.....	168
Figura 54 - <i>Terras do Sem Fim</i> , versão publicada p.04.....	169
Figura 55 - Fólio de <i>Rimance das três camponesas</i> .....	171
Figura 56 - <i>Terras do Sem Fim</i> , versão publicada p. 122-123.....	174
Figura 57 - Fólio de <i>Noite no Cais</i> 1.....	176
Figura 58 - Fólio de <i>Noite no Cais</i> 2.....	177
Figura 59 - <i>Terras do Sem Fim</i> , versão publicada p. 178-179.....	178

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL – Academia Brasileira de Letras

ANL – Aliança Nacional Libertadora

CCE – Centro de Comunicação e Expressão

CLT – Consolidação das Leis do Trabalho

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FCJA – Fundação Casa de Jorge Amado

Nulime – Núcleo Literatura e Memória

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Pesquisa Científica

PC – Partido Comunista

PCB – Partido Comunista do Brasil (até 1960) / Partido Comunista Brasileiro

TSF – *Terras do Sem Fim*

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>23</b>
<b>1 A LACUNA BIOGRÁFICA: ZONA CINZENTA E CONSTITUIÇÃO BIOGRÁFICA .....</b>	<b>33</b>
1.1 UMA COMPOSIÇÃO LACUNAR: A ZONA CINZENTA .....	33
1.2 UMA COMPOSIÇÃO LACUNAR: DESDOBRAMENTOS HISTÓRICOS.....	35
<b>2 ENTRE O ANÚNCIO E A RENÚNCIA DA VIDA: JORGE AMADO EM 1941-1942.....</b>	<b>47</b>
2.1 O ESPAÇO BIOGRÁFICO .....	47
2.2 IDENTIFICAÇÃO DOS LUGARES DE ENUNCIÇÃO .....	54
2.2.1 Edições comemorativas: 30, 40 e 80 anos de vida literária .....	54
2.2.2 A vida em unidades de materializações: ensaio, entrevista e relato .....	69
2.2.3 A vida em narrativas híbridas: da cronologia à entrevista.....	87
2.2.4 Memórias (auto)biográficas: capitão de longo curso.....	96
2.3 O QUE DIZEM AS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS: MATERIALIZAÇÕES DE 1941-1942 .....	99
2.4 APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS: LEITURAS POSSÍVEIS .....	116
<b>3 DOCUMENTOS PARA UMA BIOGRAFIA NÃO CONTADA.....</b>	<b>121</b>
3.1 “POR ONDEI, ENQUANTO VOCÊ ME PROCURAVA?”: UMA PANORÂMICA DAS RELAÇÕES E REDAÇÕES DO/NO EXÍLIO .....	123
3.2 MATILDE, MARIA E POMPEU: REESCRITA(S) DE VIDA(S) .....	129
3.2.1 Matilde Mendonça Garcia Rosa.....	129
3.2.2 Maria Cruz.....	138
3.2.3 Tomás Pompeu de Acioli Borges.....	148
3.3 PROCESSO CRIATIVO EM FOCO: <i>TERRAS DO SEM FIM</i> .....	156
3.3.1 Primeiras considerações .....	156
3.3.2 Recepção e repercussão.....	158
3.3.3 Descrição e interpretação .....	160
3.3.4 Últimas considerações.....	179
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>183</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>187</b>



## INTRODUÇÃO

Há quase quatro anos padeço da perturbação a que Jacques Derrida ([1995] 2001), em livro homônimo, denominou *mal de arquivo*: este desassossego de “[...] interminavelmente procurar o arquivo onde ele se esconde.” (DERRIDA, 2001, p. 118), um “[...] desejo compulsivo, repetitivo e nostálgico, um desejo irreprimível de retorno à origem, uma dor da pátria, uma saudade de casa, uma nostalgia do retorno ao lugar mais arcaico do começo absoluto.” (DERRIDA, 2001, p. 118). Partilham da “procura”, “desejo” e “compulsão” aqueles que se arrolam e se enrolam com a trama arquivística, com o exercício de cisão, classificação e orientação em prol de uma funcionalidade, de um propósito específico de escolha. Afinal, toda seleção é um recorte, todo (re)arranjo um cesura e, em vista disso, um ato político que implica a efetivação de uma instância de autoridade, já que se subordina àquele que o arquiva, *o arconte*.

Minha condição de arconte diz respeito ao envolvimento com um acervo literário de pouco menos de 1500 páginas que contextualiza e descreve a produção intelectual – política e literária – de Jorge Amado nos anos de 1941 e 1942. Originalmente reunidos em uma mala, os documentos se referem ao período em que Jorge Amado esteve exilado em Buenos Aires e em Montevidéu tanto a fim de elaborar a biografia de Luís Carlos Prestes, uma das mais representativas figuras do Partido Comunista (PC), quanto a fim de desertar do Estado Novo de Getúlio Vargas, ferrenho perseguidor dos militantes e simpatizantes da ideologia marxista-leninista. Denominado “Acervo Mala de Jorge Amado”, este arquivo diz respeito aos papéis que o escritor abandonou quando retornou ao Brasil.

Atualmente, esse material está sob os cuidados do Núcleo Literatura e Memória (Nulime), do Centro de Comunicação e Expressão (CCE), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e é estudado por um grupo de pesquisadoras, graduandas e pós-graduandas, sob a orientação da professora e pesquisadora Dr.<sup>a</sup> Tânia Regina Oliveira Ramos. Desde 2012, ano em que o efetivo trabalho com o Acervo<sup>1</sup> iniciou, seis acadêmicas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), cinco mestrandas, quatro doutorandas e uma pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, o substantivo “acervo” estará registrado como próprio, em maiúsculo (Acervo), quando se referir ao Acervo Mala de Jorge Amado. Assim, quando grafado na forma comum (acervo) indicará uso genérico do vocábulo.

desenvolveram e/ou desenvolvem pesquisas nesse arquivo. O material engloba reportagens, fotografias, contratos editoriais, textos literários em prosa e em versos – estes não apenas em relação a Luís Carlos Prestes já que, por exemplo, excertos de dois romances também compõem o rol da materialidade – e correspondências nas quais sê vê a presença de militantes do PC e da Aliança Nacional Libertadora (ANL), dentre outros.

A investigação que ora apresento nesta dissertação de mestrado teve início, mesmo que simbolicamente, a partir do segundo semestre de 2013 quando fui selecionada como pesquisadora de Iniciação Científica do Projeto *A Mala de Jorge Amado: 1941-1942*. “Simbolicamente” porque o recorte de pesquisa na ocasião era outro, porém, foi esse primeiro envolvimento que me despertou a percepção de que os anos de 1941 e 1942 são lacunares nas narrativas de vida de Jorge Amado. “Lacunares” porque as idas e vindas às obras biográficas que o trazem como protagonista (e aqui vale o parênteses de que quando digo “obras biográficas” o faço em razão de que não há uma biografia oficial do escritor) pouco me auxiliavam para a compreensão contextual do Acervo, na medida em que continuamente reverberavam, *grosso modo*, as mesmas informações: Em 1941 e 1942 Jorge Amado publicou *ABC de Castro Alves* e se exilou na Argentina e no Uruguai para produzir, e posteriormente publicar, uma biografia do líder comunista Luís Carlos Prestes.

A partir disso, o interesse pela abordagem biográfica cresceu e teve como primeiro resultado meu Trabalho de Conclusão de Curso, defendido em 2014. Nele identifiquei e analisei a existência de dois movimentos distintos em relação aos registros de vida de Jorge Amado acerca de 1941 e 1942, com base em duas importantes obras biográficas, a saber i) *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado*; do Instituto Moreira Salles; e ii) *Navegação de Cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*, livro memorialístico do próprio escritor.

Nessa monografia, reconheci que enquanto *Cadernos* não deixa explícita a ausência de informações do espaço de tempo supracitado devido à sua organização textual, uma vez que, em uma leitura descuidada, foge ao leitor a percepção dessa falta de informações quando na leitura do compêndio, em *Navegação de Cabotagem*, Jorge Amado avisa logo nas primeiras páginas que haverá uma parte de sua vida a que o leitor não terá acesso: o período de tempo em que esteve envolvido com o PC e, por isso, em posse de segredos que nunca revelou e/ou revelaria.

A conclusão oriunda desse estudo anterior foi a de que o abandono da “mala”, até então única via de acesso às informações referentes ao período, aliado ao silêncio do escritor a respeito dos anos de envolvimento



com o “Partidão” justificariam a carência de informações de 1941-1942 em publicações biográficas, a exemplo do que se vê em *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado*. Em outras palavras, creditei tal hiato biográfico à falta de dados pelo não compartilhamento tanto documental, tendo em vista o recém socializado Acervo Mala de Jorge Amado, quanto testemunhal, considerando-se que o escritor não se dispôs a elucidar questões referentes à sua vida com o PC.

Dessa forma, motivada pelo contexto recém descrito, propus como projeto a ser desenvolvido no mestrado a elaboração de uma tessitura narrativa dos “espaços abertos” de 1941 e 1942 no registro de vida do escritor a partir do Acervo, considerando o seu ineditismo e a sua consequente potencialidade biográfica. Quero dizer, partindo da hipótese de que a falta de dados biográficos dos anos da década de 1940 foi procedente do desconhecimento público de documentos sobre e de Jorge Amado, além de sustentada pelo desinteresse do escritor em revelar tais informações, foi ponto passivo (ao menos inicialmente) da hipótese o fato de que o mapeamento e o compartilhamento de informações dos documentos do Acervo “resolveriam” essa questão. Não no sentido de esgotar o objeto, é evidente, mas no sentido de trabalhar com a ideia de que a lacuna estaria circunscrita à materialidade desse arquivo e, por isso, passível de ser simbolicamente “preenchida” com uma narrativa fundamentada na documentação em questão. No caso, digo “uma narrativa” devido à própria condição constitutiva de um acervo literário: fragmento por excelência, pois abriga um número sem fim de combinações.

Colocando em outros termos, o mapeamento documental ao qual me candidatei, muito longe de pretender-se solução, procurava se realizar como *uma*, e não *a*, construção dos vazios biográficos em questão. Primeiro, devido à natureza aberta e dinâmica do meu objeto, a julgar seu inacabamento e permissividade de acolhimento de outros e novos materiais. Segundo, em razão da lucidez de que a reconstituição absoluta do vivido não é exequível, pois, como postulou Leonor Arfuch (2010), referência contemporânea para se pensar as materializações do espaço biográfico, a potencialidade de se tomar uma vida existirá tão somente em uma criação na qual se organizam acontecimentos e emoções por meio de uma elaboração temporal particular da estrutura narrativa: construção entre fato e ficção, acontecimento e suposição, prova e hipótese.

“Espaço biográfico”, no caso, como terminologia que a pesquisadora emprestou de Philippe Lejeune para conceituar o que identificou como uma zona interdiscursiva na qual convivem outras valorações culturais, como o caderno de notas, a entrevista, o *blog* etc.,

que falam ao (auto)biográfico, além dos gêneros historicamente canônicos nessa área:

A multiplicidade das formas que integram o espaço biográfico oferece um traço comum: elas *contam*, de diferentes modos, uma história ou experiência de vida. Inscrevem-se assim, para além do gênero em questão, numa das grandes divisões do discurso, a *narrativa*, e estão sujeitas, portanto, a certos procedimentos compositivos, entre eles, e prioritariamente, os que remetem ao eixo da temporalidade. Efetivamente, o que mais a atribuição (auto)biográfica supõe além da ancoragem imaginária num tempo ido, fantasiado, atual, prefigurado? (ARFUCH, 2010, p. 111, grifos da autora).

Nessa direção, ainda segundo Leonor Arfuch (2009, p. 373), tal composição do texto biográfico – que se sustenta “num tempo ido” e “prefigurado”, pois irrecuperável – aproxima-se do arquivo, porque ambos constituem-se por meio do eixo espaço-tempo, “[...] já que a simples lembrança ou vivência – como o texto, a fotografia, o objeto – trazem consigo o tempo e o lugar.”

Todavia, ressalva:

[...] o “ordenamento” do arquivo, expressão já presente desde o distante vocábulo grego – que é, como a narrativa, uma disposição de forma e de sentido – depende exclusivamente da trama, desse tecido caprichoso que tanto a memória como a escrita, ou a busca de indícios que aproxima o arquivista do detetive, possam requerer. O relato não repõe uma ordem prévia da vida, a qual concebe como inexistente, *já que se trata de uma ordem construída performaticamente, no próprio trabalho da narração, o que comprova o trabalho narrativo do arquivo*. Recorrendo a Derrida, “o arquivamento, além de registrar, produz o acontecimento”. (ARFUCH, 2009, p. 373, grifos meus).

E é justamente a possibilidade de se produzir outros registros e acontecimentos que faz da investigação em arquivos uma oportunidade

para se romper discursos hegemônicos e, nessa conjuntura específica, o discurso de maior destaque em relação à vida de Jorge Amado em 1941-1942.

A partir dessa proposição, inicialmente três objetivos foram lançados: i) comprovar a lacuna dos anos do autoexílio (1941-1942) na vida de Jorge Amado por meio da análise de narrativas do espaço biográfico que o tomam como protagonista; ii) revelar documentos do Acervo Mala de Jorge Amado que trazem à luz novas tessituras biográficas do escritor, tanto de ordem política quanto de ordem pessoal; e iii) analisar os registros encontrados no Acervo.

No entanto, já na execução do primeiro ponto objetivado, isto é, ao longo das leituras empreendidas para se comprovar a lacuna em questão, percebi que minhas afirmações referentes ao “hiato biográfico” eram equivocadas, ou pelo menos o eram em partes. Primeiro, porque localizei obras que falavam, sim, sobre o espaço de tempo em questão, tanto para além das “parcas linhas”, a que fiz menção anteriormente, quanto em relação ao conteúdo posto, que se estendia, também, para além de 1941 como o ano em que Jorge Amado publicou *ABC de Castro Alves* e se (auto)exilou para escrever a biografia do líder comunista, e 1942 como o período em que publicou *A vida de Luís Carlos Prestes*.

Segundo, porque eu partia do pressuposto de que a lacuna estava subordinada diretamente à existência ou não de materialidades textuais a respeito desses anos. Assim, no momento em que comecei a localizá-las frustrei-me, e essa decepção esteve ancorada na crença de que a pesquisa havia perdido o sentido, porque, afinal, havia *achado* informações que falavam de 1941 e 1942. E qual sentido faria trazer à tona o que nunca desapareceu da vista? Eis o meu equívoco.

Erro crasso, eu diria, esquecer, ou demorar para notar, que não basta “se fazer ver”, há que “se fazer legítimo” antes de tudo. E foi justamente quando me dei conta de que “achei”, depois de muito pesquisar, obras que não ignoram o autoexílio, que pude reorganizar as diretrizes deste trabalho. Em outras palavras, dei-me conta de que encontrei tais “dizeres” de 1941 e 1942 após, objetiva e continuamente, procurá-los. Ou seja, apenas depois de frustrar-me com buscas “erradas” consegui reunir um *corpus*. E quem mais, além de um pesquisador ou um leitor muito, muitíssimo interessado, o faria? Quero dizer, por qual motivo demorei para encontrá-las? Por que não há larga difusão de exemplares com essas informações como há, por exemplo, dos exemplares de *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado*?

Além disso, não menos importante foi notar que, mesmo localizando informações a respeito dessa lacuna, algo não se preenche, no

sentido de que os dados, por si só, não conseguem suprir o espaço deixado por este intervalo de tempo que, praticamente, não é mencionado nas narrativas de vida mais contemporâneas relativas a Jorge Amado; e nisso incluo a própria Fundação Casa de Jorge Amado, abrigo oficial da materialidade da obra e da vida do escritor.

Também, ainda, pude notar que os livros que encontrei, por mais que trouxessem elementos de 1941-1942, não dispensavam o Acervo, quero dizer, é evidente que um acervo literário não cabe em duas ou três páginas de livro, mas não é a respeito disso que falo. A questão reside na percepção de que a lacuna existe mesmo diante desses materiais, que o hiato se edifica não porque há “parcas linhas” sobre o período, mas devido à sua constituição histórica e factual. Assim, é a sua formação motivada por um regime de exceção, são os sujeitos escondidos atrás dos pseudônimos das correspondências, é o abandono de sua materialidade por parte de Jorge Amado, é, enfim, um contínuo de ilegitimidades que abrem e solidificam essa lacuna para além da existência ou não de dados biográficos.

Isto posto, reorganizei as previsões dos capítulos sugeridas no projeto supracitado e, como dito, uma vez que o vazio biográfico discursivo não se resume à ausência documental por si, ao primeiro capítulo agora coube uma reflexão histórica e constitutiva da lacuna para além de uma análise quantitativa de informações concernentes a 1941-1942. Isto é, com o intuito de pensar filosófica e conceitualmente o termo nessa conjuntura específica, procurei empreender uma discussão que parte do que Primo Levi ([1986] 2016) denominou “zona cinzenta”, o espaço nebuloso do qual provém a memória, para explorar a constituição do Acervo Mala de Jorge Amado e, por extensão, a dinâmica discursiva de 1941 e 1942. Desse modo, em um primeiro momento, procuro percorrer especificamente acerca do conceito de Levi para, posteriormente, elaborar um “contínuo histórico” a fim de explorar e aprofundar a reflexão.

Adiante, no segundo capítulo, dedico-me ao espaço biográfico especificamente. Para isso, primeiro abordo os estudos de Leonor Arfuch (2009, 2010) a respeito das “formas dissimilares” (ARFUCH, 2010) de narrar a vida para, em seguida, identificar e analisar as materializações de 1941-1942 nas narrativas que tomam Jorge Amado como protagonista. Ao total, estudo 11 obras, das quais seis foram selecionadas em pesquisa *on-line* em períodos esparsos, de 2015 a 2016, pois, como disse anteriormente, demorei para conseguir identificar um mecanismo eficiente de pesquisa, dado que as entradas “convencionais” não me traziam resultados profícuos.

No início de 2015, ano de ingresso no mestrado, portava cinco, dos 11, títulos que compõem o atual o *corpus* de análise desse segundo capítulo, eram eles: i) *Navegação de Cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*, de Jorge Amado; ii) *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado*, do Instituto Moreira Salles; iii) *Um baiano romântico e sensual: três relatos de amor*, de Zélia Gattai, João e Paloma Amado, esposa e filhos do escritor; iv) *Conversation avec Alice Raillard*, entrevista de Alice Raillard com Jorge Amado; e v) *Jorge Amado: 30 anos de literatura*, de José de Barros Martins (org.).

Os três primeiros livros recém mencionados são facilmente encontrados por qualquer leitor minimamente interessado na vida do escritor. Por serem obras com edições mais recentes, encontram-se em livrarias convencionais. Já o livro de entrevista foi um achado de Nicola Gonzaga, também pesquisadora do Acervo, em sua viagem para Buenos Aires<sup>2</sup> em 2014. A posse do último livro, por sua vez, é uma coincidência, pois fazia/faz parte do acervo pessoal do escritor catarinense Harry Laus, arquivo doado ao Nulime<sup>3</sup> no decorrer dos anos 2000<sup>4</sup>. Dessa forma, em uma orientação sobre o acondicionamento dessa documentação a um bolsista, a professora Tânia localizou o livro e emprestou-me para a pesquisa.

Com a finalidade de descobrir mais material, em um primeiro momento, realizei buscas simples no próprio *Google* <[www.google.com.br](http://www.google.com.br)>, com entradas genéricas (“Jorge Amado”) e também mais específicas (“Jorge Amado vida”), (“Jorge Amado biografia” etc). A ideia era tanto a de encontrar, se não alguma publicação de caráter biográfico, ao menos uma “pista” que me levasse a tais textos, quanto a de me atualizar sobre o assunto no mercado editorial, isto é,

---

<sup>2</sup> Somente tempos depois, descobrimos que a obra tinha tradução no Brasil, com alteração do título, na tradução, de *Conversation avec Alice Raillard* para *Conversando com Jorge Amado*.

<sup>3</sup> A doação do acervo pessoal de Harry Laus para o Nulime justifica-se em razão do trabalho do núcleo em recuperar, catalogar e compartilhar acervos literários de escritores catarinenses. Essa documentação fica disponível na plataforma *online* Portal Catarina <[www.portalcatarina.ufsc.br](http://www.portalcatarina.ufsc.br)> e é um projeto que conta com a participação de três núcleos de pesquisa da UFSC: o Nulime, o LAPESD (Laboratório de Pesquisa em Sistemas Distribuídos), e o NuPILL (Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística).

<sup>4</sup> Esse Acervo foi deixado como herança pelo próprio escritor à professora e pesquisadora Zahidé Muzart, que ficou com o material desde 1992, na morte de Laus, e, posteriormente, confiou-o ao Nulime para o restauro e conservação.

identificar lançamentos ou projetos de futuras edições. Ao final, nem um nem outro objetivo foi alcançado.

Seguidamente, procurei na Hemeroteca Digital Brasileira<sup>5</sup>, entre páginas de jornais, revistas, anuários e boletins disponíveis para consulta, registros que pudessem iluminar minha investigação, fossem informativos sobre o período do exílio 1941-1942 ou referências a publicações de natureza biográfica sobre Jorge Amado. Não obtendo resultado satisfatório, desloquei a investigação para o site da Fundação Casa de Jorge Amado, nele encontrei menção ao livro *Jorge Amado: 80 anos de vida e obra*, de Rosane Rubim e Mariéd Carneiro (orgs.), obra resultante do trabalho de ambas as pesquisadoras no acervo da própria Fundação.

Prosseguindo, para alargar a busca, passei a fazer uso de ferramentas de intermediação entre sebos e compradores, especificamente, a Estante Virtual<sup>6</sup> <[www.estantevirtual.com.br](http://www.estantevirtual.com.br)> e o Livronauta<sup>7</sup> <[www.livronauta.com.br](http://www.livronauta.com.br)>, uma vez que tais plataformas permitem a visualização do acervo de sebos/ livreiros cadastrados de todo o país. A procura iniciou na estante das biografias<sup>8</sup>, nelas encontrei dois livros inéditos para o *corpus*, o de Álvaro Cardoso Gomes (org.), *Jorge Amado: Literatura Comentada*, e o de Miécio Tâti, *Jorge Amado: Vida e Obra*. Não me sentindo satisfeita, continuei a investigação em outras estantes disponíveis nessas ferramentas, ocorre que o cadastro equivocado das obras<sup>9</sup> não me permitia encontrar, precisamente, os livros que me interessavam<sup>10</sup>. A partir disso, iniciei a empreitada de buscar em todos os registros de livros das estantes alguma obra que servisse ao propósito em questão. Assim, com a entrada “Jorge Amado”, sem

---

<sup>5</sup> A Hemeroteca detém a maior reunião de periódicos – entre jornais, revistas, anuários de literatura e boletins, do Brasil –, disponibilizando mais de 5.000.000 de páginas digitalizadas para consulta *on-line* e gratuita.

<sup>6</sup> No ar desde 2005, a Estante Virtual é um *site* que reúne o maior acervo de sebos do Brasil. Atualmente, tem mais de 2.600 sebos/livreiros cadastrados e quase 16.000.000 de exemplares de livros à venda.

<sup>7</sup> O Livronauta existe desde 2010 e, da mesma forma que a Estante Virtual, é um *site* de intermediação entre sebos/livreiros e compradores, tendo atualmente cerca de 4.000.000 de livros e mais de 600 vendedores cadastrados.

<sup>8</sup> Ambas as plataformas de busca mencionadas organizam seu acervo em seções, “estantes”, de acordo com o gênero/ tipo do exemplar.

<sup>9</sup> Com erros no registro dos títulos e/ou gênero.

<sup>10</sup> Isto é, nesse percurso, adquiri alguns exemplares que não serviam ao meu propósito, pois como são livros mais antigos, não conseguia informação complementar, além da fornecida pelos vendedores.

nenhum outro complemento, procurei os títulos que me interessavam. Demorou, mas depois de inúmeras páginas com os romances do escritor à venda, encontrei *O Baiano Jorge Amado e sua obra*, de Paulo Tavares, *Jorge Amado: Retrato Incompleto*, de Itazil Benício dos Santos e *Jorge Amado Povo e terra: 40 anos de literatura*, de José de Barros Martins (org.). Considerando as 11 obras selecionadas um número produtivo para o *corpus* e tendo em vista o tempo de leitura, análise e redação do texto, encerrei a seleção dos livros no início de setembro de 2016.

Após organização e leitura do *corpus* elaborei uma leitura crítica dessas obras tanto em uma perspectiva “macro”, ao discorrer acerca de sua materialidade como um todo, quanto em uma perspectiva “micro”, ao abordar com especificidade as passagens que tocam aos anos de 1941 e 1942. A partir desse mapeamento, teci uma reflexão acerca do(s) discurso(s) que se pode(m) depreender do intervalo biográfico em questão para, finalmente, no terceiro capítulo deste trabalho, lançar-me à elaboração da minha narrativa de 1941-1942 no tocante à biografia de Jorge Amado.

Para isso, dividi tal produção discursiva em três momentos. Ao primeiro, coube a tessitura de uma visão panorâmica do Acervo Mala de Jorge Amado. Isto é, selecionei no material os documentos que, a meu juízo, dessem conta de elucidar a potencialidade biográfica geral desse arquivo no que diz respeito às pessoas com que Jorge Amado manteve contato, aos lugares que frequentou e à produção escrita (literária e não literária) que manteve consigo e/ou elaborou no período do exílio. Dessa forma, optei por trabalhar com o recorte de correspondências enviadas a Jorge Amado em 1941 e em 1942 e, ainda, selecionei um *corpus* de textos de sua autoria. Determinado o recorte e selecionados os documentos, elaborei uma apresentação semiótica dos dados por meio da criação de um mapa que denominei “Correspondências exilares: com quem falou? Por onde andou?” e de um organograma intitulado “Escritas no/do exílio”.

O segundo momento da narrativa que empreendi, por sua vez, privilegiou três personagens da vida de Jorge Amado que, por um motivo ou outro, foram excluídos e/ou diminuídos nas obras biográficas a seu respeito. Denominei-o “Matilde, Maria e Pompeu: reescrita(s) de vida(s)” e nele construí um percurso das presenças desses sujeitos em 1941 e 1942 na vida de Jorge Amado. Para isso, selecionei no Acervo documentos que tivessem relação com tais personagens a fim de examinar materializações que os contextualizassem empiricamente em Buenos Aires ou em Montevideu, isto é, que dessem conta de suas presenças “reais” no período de tempo em questão.

Por fim, no terceiro e último momento dessa tessitura biográfica, dedico-me a investigar o processo criativo de *Terras do Sem Fim* a partir dos originais dos primeiros capítulos desse romance encontrados no Acervo. Com isso, intenciono não somente elucidar distintos equívocos biográficos quanto a seu período e contexto de elaboração, como ainda inaugurar a fortuna crítica desse processo de criação, haja vista que não há, até então, nenhum estudo a respeito da gênese dessa obra. Posteriormente, passo às Considerações Finais deste trabalho, que retomam e sintetizam as discussões apresentadas.



# 1 A LACUNA BIOGRÁFICA: ZONA CINZENTA E CONSTITUIÇÃO BIOGRÁFICA

## 1.1 UMA COMPOSIÇÃO LACUNAR: A ZONA CINZENTA

Talvez esteja nas reflexões de um sobrevivente de Auschwitz o início da compreensão dos desdobramentos constitutivos dessa lacuna que ora identifiquei como um contínuo de ilegitimidades. Refiro-me a Primo Levi e, especialmente, a seu *Os Afogados e os Sobreviventes* ([1986] 2016), um dos livros em que relata sua experiência nos campos de concentração quando foi prisioneiro na Segunda Guerra Mundial. Neste título, Levi elabora o conceito de “zona cinzenta” para fazer referência a um local metafórico dos *Lager* (termo alemão utilizado para se falar dos campos de extermínios) no qual o requisito básico de sobrevivência era o de que um outro morresse em seu lugar. Quer dizer, nos campos só sobreviviam aqueles que tomavam o lugar do outro, do que se alimentava menos, do que morria de frio, de sede, de exaustão, do colega selecionado para as câmaras de gás.

É desse espaço que advém a zona cinzenta e é nesse lugar em que estão todos os sujeitos dúbios, desde os que vigiam e punem seus semelhantes, os próprios colegas de infortúnio, até os que cometem “pequenas” violências ou aceitam mínimas vantagens em nome da sobrevivência. Primo Levi registra que sua formação em química ilustra tal questão, pois o conhecimento na área rendeu-lhe uma função menos penosa na fábrica de borracha do campo. O “privilégio” o enquadrou na zona cinzenta e, por fim, permitiu-lhe ser um dos 18 sobreviventes entre os quase 700 prisioneiros que com ele dividiram o vagão do trem para Auschwitz. Assim, é a partir dos sujeitos que emergiram dessa zona que se pode conhecer a história dos que tombaram, a partir desse lugar obscuro que se construiu a memória dos *Lager*, cuja ênfase recai na insuficiência humana para reter recordações que, não “inscritas na pedra”, tendem ao apagamento, à modificação e à incorporação de registros externos:

Conhecem-se alguns mecanismos que falsificam a memória em condições particulares: os traumas, não apenas os cerebrais; a interferência de outras recordações ‘concorrentes’; estados anormais da consciência; repressões; recalques. Todavia, mesmo em condições normais desenrola-se uma lenta degradação, um ofuscamento dos contornos,

um esquecimento por assim dizer natural, a que poucas recordações resistem. (LEVI, 2016, p. 17).

É para resistir que Levi escreve, resistência esta que o acompanhou ao longo da vida desde o término da Segunda Guerra até a sua morte, quando cometeu suicídio em 1987. Primo Levi construiu uma profícua e impactante obra a fim de compreender aquilo que lhe acometeu em Auschwitz, o que se desenrolou em todas as frentes possíveis: de privações físicas e psicológicas ao assalto não menos importante da linguagem, “se falarmos, não nos escutarão e, se nos escutarem, não nos compreenderão.” (LEVI, 1988, p. 32), registrou em sua primeira publicação após a saída do campo.

Levi discorre acerca da impossibilidade de definir esse roubo de subjetividade – que foram os campos de extermínio – através das palavras, afirmando que o aniquilamento do sujeito passa também pela escrita remendada de trapos oriundos dos escombros dos *Lager*, que, em si, carregam o fragmento, e representam a própria ruína. Nessa direção, fica posto uma reflexão que parte de um fracasso, fracasso que perpassa e constitui a recordação do que foi experienciado.

O ex-prisioneiro coloca a proposição do fragmento e da impossibilidade de reconstituição precisa da denúncia do aprisionamento:

A história popular, e também a história tal como é tradicionalmente ensinada nas escolas, se ressentem dessa tendência maniqueísta que evita os meios-tons e a complexidade: são propensas a reduzir a torrente dos acontecimentos humanos aos conflitos, e os conflitos a duelos, nós e eles, os atenienses e os espartanos, os romanos e os cartagineses. Decerto, este é o motivo da enorme popularidade dos esportes espetaculares, como o futebol, o basebol e o pugilismo, nos quais os contendores são dois times ou dois indivíduos, bem distintos e identificáveis, e no fim da partida haverá os derrotados e os vencedores. Se o resultado é o empate, o espectador se sente fraudado e desiludido: num nível mais ou menos inconsciente, ansiava por vencedores e perdedores, identificando-os respectivamente com os bons e os maus, porque são os bons que devem levar a melhor, senão o mundo estaria de pernas pro ar. (LEVI, 2016, p. 27-28).

É, por fim, na renúncia às justificativas “maniqueístas” que a lacuna biográfica (como problema de constituição biográfico) pode ser lida em sua constituição, em seus desdobramentos e “achados” e, por isso mesmo, proponho que seja essa a condição de via de leitura do Acervo Mala de Jorge Amado, emprestando a motivação da sobrevivência da zona cinzenta como metáfora para se refletir o Acervo como aquilo que emergiu de um lugar ambíguo. E, ainda, a partir disso, fazer pensar sobre as leituras que podem se sobressair desse lugar de rememoração, dessa imagem oriunda de um outro tempo. Assim, na seção que se segue, a fim de explorar o conceito recém-abordado, procurei elaborar uma reflexão que parte da figura histórica de Getúlio Vargas e chega ao Nulime, uma vez que o afastamento que culminou na existência do Acervo iniciou no Estado Novo e chegou no Núcleo, o espaço em comum no qual as subjetividades de pensar essa “mala” se encontram.

## 1.2 UMA COMPOSIÇÃO LACUNAR: DESDOBRAMENTOS HISTÓRICOS

Habilidoso, estrategista, articulado, dúbio, dissimulado, nacionalista, populista, ditador, fascista; não raro encontramos esses adjetivos em descrições que se dispõem a descreverem os governos de Getúlio Vargas como presidente do Brasil (1930 a 1945 e 1951 a 1954). De todo modo, mesmo as opiniões mais reducionistas, que se limitam a digladiar considerações a nível de “bom X mau”, acordam que “polêmico” é, metaforicamente, a unidade mínima de significação para “Getúlio Vargas”. Se nos dias atuais, em outro contexto histórico e com distanciamento temporal, ainda nos deparamos com avaliações dualistas de sua figura, não é surpresa encontrarmos declarações dessa natureza na fala dos contemporâneos aos períodos dos governos em questão:

Getúlio Vargas foi um representante lídimo do que se chama caudilhismo. Ele não era um estadista, era um caudilho. [...] Ele não empregou jamais sua inteligência em benefício do país [...] o que Getúlio fez de permanente foi consolidar a corrupção dentro do país, porque em torno dele formaram todos os ladrões públicos da época. Getúlio Vargas foi nazista até o momento que percebeu que a Alemanha estava perdida [...] ele era absolutamente fascista. (DUARTE, s/d, apud REVISTA GETÚLIO VARGAS, p. 20).

Vargas deve ser encarado como o último grande caudilho gaúcho da história do Brasil e não como um ditador nos moldes europeus. [...] A sua vocação nacionalista vinha de longe, provavelmente das mesmas raízes que fazem dos homens os mais exaltados patriotas de qualquer comunidade. [...] E foi como que procurando preservar na história esta sua liderança nacionalista, que Getúlio Vargas nos seus tão agitados e trágicos três anos e meio de governo de retorno tomou as iniciativas mais audaciosas de sua longa carreira política [...]. Ao dar o golpe que o tornou ditador em 1937 [...], acabou por evitar que o Brasil caísse prisioneiro do fascismo em sua graduação mais sinistra. (WAINER, s/d, apud REVISTA GETÚLIO VARGAS, p. 20).

O Getúlio era absolutamente incompatível com um regime democrático. [...] Ele precisava refletir [...], o maquiavelismo dele era um maquiavelismo a prazo, não era à vista. Ele precisava de tempo para conceber os seus planos políticos. (LACERDA, s/d, apud REVISTA GETÚLIO VARGAS, p. 20).

Diziam-no maquiavélico, mas seu maquiavelismo nada tinha que ver com o de *O Príncipe*; antes era temperado pela sedução e bondade, sublinhado pelo “homem cordial” que o tornou sempre acolhedor, [...] envolvente, sem deformação ou mistificação. (LEITE, s/d, apud REVISTA GETÚLIO VARGAS, p. 20).

Paulo Alfeu de Junqueira Duarte, membro do Partido Democrático, foi jornalista e adversário político de Vargas a partir da “prorrogação” do Governo Provisório, antes disso, incentivou o Golpe de 1930 que colocou o “caudilho” (no excerto, no sentido pejorativo: autoritário e autocrático) no poder. Samuel Wainer<sup>11</sup>, jornalista, adversário político de Getúlio no seu primeiro período de governo, diretor e dono do *Última Hora*, jornal pró e “por” Vargas, já que foi de interesse e apoio do “caudilho” (no excerto, como líder carismático), que o

---

<sup>11</sup> É válido o registro de que a escolha pelo depoimento de Samuel Wainer não é gratuita, uma vez que ele aparece nas correspondências do Acervo. Na época, dirigia a *Diretrizes*, representativo periódico na luta contra o regime de Vargas.

compêndio pôde ser lançado. Carlos Frederico Werneck de Lacerda, o sempre mencionado “pior inimigo político de Getúlio Vargas”, foi o principal articulador da campanha contra sua eleição em 1950, além de contínuo opositor em todo o mandato constitucional do presidente. Cassiano Ricardo Leite, poeta modernista, nacionalista, diretor, por convite e escolha de Vargas, do jornal *A Manhã*, órgão oficial do Estado Novo.

Se os depoimentos acima servem para ilustrar a polaridade discursiva em torno da imagem desse histórico “caudilho” (e aqui faço uso da dubiedade do termo), a reflexão que se segue procura contextualizá-los. Começo, então, registrando as mudanças ocorridas no país sob a liderança desse governante já em 1930, quando o Brasil ainda era majoritariamente agrário e exportador. Na época, Getúlio se comprometeu em acelerar a urbanização e a industrialização das cidades, além de impulsionar o fortalecimento do Estado; é desse período a criação da Companhia Siderúrgica Nacional e da Vale do Rio Doce (ambas privatizadas na década de 1990, aquela por Fernando Collor de Mello e esta por Fernando Henrique Cardoso). Além disso, não se pode deixar de mencionar as alterações que ocorreram no âmbito trabalhista já no primeiro governo: o salário mínimo foi institucionalizado, houve a regulamentação da Justiça do Trabalho e, cerca de dois anos antes de ser deposto (1943), Vargas sancionou a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho).

Tais medidas, aliadas à promoção e à manutenção de sua imagem como “protetor” da classe trabalhadora – via DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) –, estabeleceram um ambiente de culto à personalidade do governante que passou a receber o predicativo de “o pai dos pobres”. Concomitante a isso, por outro lado, o regime travava uma perseguição sem medidas aos militantes do PCB (na época, Partido Comunista do Brasil), principalmente após a declaração de Luís Carlos Prestes em apoio à Intentona de 1935<sup>12</sup>, liderada pela Aliança Nacional Libertadora (ANL)<sup>13</sup>. Apoio que serviu de pretexto tanto para as

---

<sup>12</sup> A Intentona Comunista (ou Levante Comunista / Revolta Vermelha) foi uma tentativa de deposição de Getúlio Vargas em novembro de 1935.

<sup>13</sup> A ANL foi uma organização de cunho político, cuja composição se deu por setores de diversas correntes ideológicas. Fundada oficialmente em março de 1935, teve por objetivo lutar contra a influência fascista no Brasil. É pertinente observar que a ANL contou com o apoio do PCB, mas este não aderiu completamente a ela.

repressões das atividades do partido quanto para o fomento do medo “ao credo vermelho”.

É, em vista disso, a faceta do “Getúlio ditador” que melhor contextualiza os desdobramentos da “mala”, isso porque foram os acontecimentos motivados pela perseguição ao PCB e a seus membros/simpatizantes que orientaram o exílio forçado de Jorge Amado para os vizinhos latinoamericanos em 1941-1942 a mando do Partido.

Assim, retorno para 1937 a fim de registrar a ilegalidade de Vargas ao declinar do 3º parágrafo do artigo 1º das “Disposições Transitórias” da Constituição da República, de 1934, que previa a eleição presidencial para o ano de 1938<sup>14</sup>, quando, apoiado por generais do Exército brasileiro, efetuou um autogolpe sob a alegação de proteger o país do perigo iminente do comunismo. “Autogolpe” porque já estava no poder desde 1930, primeiro via Governo Provisório, que impediu Júlio Prestes de ocupar o cargo presidencial ao qual fora eleito, e depois em 1934, por meio da eleição indireta da Assembleia Constituinte.

A constatação irrefutável da ameaça comunista fora anunciada no dia 30 de setembro do ano de 1937 pelo general Góis Monteiro, chefe do Estado Maior do Exército, em uma comunicação de rádio no programa Hora do Brasil, que discursou acerca de uma descoberta alarmante para a segurança do povo brasileiro: o Plano Cohen. Na notícia, Monteiro relata o Plano<sup>15</sup> como um documento apreendido pelas Forças Armadas que continha uma estratégia de tomada do país pelo PCB. Frente à autenticidade do documento e à “ameaça vermelha”, Vargas solicitou ao Congresso Nacional a decretação do Estado de Guerra e, assim, fez uso dos poderes legais dessa condição iniciando uma obstinada perseguição aos comunistas, bem como a qualquer opositor político e, no dia 1º de novembro, instaurou a ditadura do Estado Novo.

Esta ruptura do sistema liberal-democrático fazia coro à ascensão de regimes totalitários nas décadas de 1920 e 1930, como a Itália com Mussolini, a ex-URSS com Stálin, e a Alemanha com Hitler. Em 1939 eclodiu a Segunda Guerra Mundial e a perseguição aos militantes comunistas ficou ainda mais enérgica. Vargas não conseguiu ocultar sua simpatia pela ideologia nazifascista, atestada já em 1936, quando

---

<sup>14</sup> “§ 3º - O Presidente eleito prestará compromisso perante a Assembleia, dentro de quinze dias da eleição e exercerá o mandato até 3 de maio de 1938.” (BRASIL, 1934).

<sup>15</sup> Posteriormente, em 1945, o próprio Góis Monteiro revelou que o Plano era uma fraude para justificar a instauração do golpe de 1937.

deportou para a Alemanha Olga Benário sob a justificativa de que a militante comunista era uma ameaça para a segurança do país.

Olga, que na ocasião estava grávida de Anita Leocádia Prestes, sua filha com Luís Carlos Prestes, teve o *Habeas Corpus* negado pela Corte Suprema dos Estados Unidos do Brasil (hoje Supremo Tribunal Federal) devido à baixa de um decreto por Vargas. Nesse documento resolveu-se que determinados direitos que asseguravam aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no Brasil a garantia de liberdade e segurança, estavam suspensos dado o Estado de Guerra promulgado.

Frente às manipulações do governo Getulista, muitos intelectuais brasileiros autoexilaram-se uma vez que a repressão do Estado Novo não dava margem à oposição, sendo capaz de encontrar meandros legais, como no caso de Olga Benário, para punir seus adversários políticos, bem como ilegais, através de encarceramentos arbitrários, torturas e assassinatos. Dentre os fugitivos desse governo estava Jorge Amado que procurou abrigo na Argentina (1941) e no Uruguai (1942) para escrever, a mando do PCB, uma biografia de Luís Carlos Prestes.

Nesse contexto, na época de partida a Buenos Aires, Jorge Amado sequer havia chegado ao trigésimo aniversário de vida, porém a simpatia à causa comunista já datava de quase uma década, mais precisamente, desde 1932, quando filiou-se à Juventude Comunista aos vinte anos de idade sob influência de Rachel de Queiroz, partícipe e amiga daquela denominada “geração do romance de 30”. O relacionamento do escritor com o PCB foi, de início, difuso, a considerar que seu processo de efetivo alinhamento disciplinar aos preceitos deste ocorreu progressivamente. Como ápice da militância, destaco o período em que foi deputado federal da Constituinte, de 1946 a 1948, até ter o mandato interrompido devido à cassação do registro do PCB e conseqüente ilegalidade de seus membros; fato que o obrigou ao segundo autoexílio político da vida, este com duração de cinco anos (1948-1952).

Ao longo de sua trajetória, quando indagado acerca de sua atuação no legislativo, Amado se reconheceu como um deputado responsável e participativo, além de continuamente registrar seu alinhamento disciplinar às diretrizes do PCB, desde a presença assídua nas sessões da Câmara até a entrega mensal do salário à diretoria da agremiação.

Em entrevista à Alice Raillard, declarou:

Eu era um quadro do Partido que não ganhava nada, nem um centavo. Por exemplo, durante o tempo de meu mandato de deputado, fiquei endividado. Foi a única vez que fiquei devendo a

um editor. Eu não ganhava nada, a ajuda de custo que me davam não cobria meus custos de transporte, e eu não recebia nada mais porque parara com todo trabalho literário. De tal forma que, no fim do meu mandato, eu tinha dívidas. Paguei tudo, claro, e desde então nunca mais fiz um centavo de dívida.

*Eu não era um dirigente do Partido, eu exercia funções de direção, mas não detinha funções para as quais tivesse sido eleito. Não era membro de comitê nenhum. Era um membro de base. A única diferença é que eu não pertencia a nenhuma célula, trabalhava diretamente ligado à alta direção do Partido. (AMADO, 1990 apud RAILLARD, 1990, p. 264, grifos meus).*

Arrisco afirmar que esse envolvimento direto com a “alta direção do Partido” é também capaz de contextualizar a expatriação de 1941-1942 para a elaboração da biografia de Prestes, quando Amado foi “servir à campanha que pedia pela sua anistia.” (AMADO, 1990 apud RAILLARD, 1990, p. 104). Quer dizer, a decisão sobre o autoexílio não partiu do escritor, havia um projeto maior: a campanha em prol da libertação de Prestes. De forma que o prefixo em “autoexílio” é praticamente eufemístico nesse caso, pois é ponto passivo, julgo, a afirmação de que a rigidez da militância comunista da época orientava uma verticalização que não tolerava insubordinações. O próprio escritor, anos mais tarde, declarou que o sectarismo do Partido foi uma das principais motivações para o seu afastamento.

Assim, em um primeiro plano, vê-se que o Acervo Mala de Jorge Amado teve origem em um projeto que previa a anistia do líder comunista Luís Carlos Prestes, preso em 1936 no Rio de Janeiro. Logo, torna-se evidente que os desdobramentos do relacionamento de Jorge Amado com o PCB são imperativos para a contextualização desse arquivo. Em vista disso, para melhor compreensão do entorno e constituição deste acervo literário, retomo a afirmação de que o engajamento de Amado com o PCB ocorreu de forma difusa, porém, com fins de elucidação, *grosso modo*, localizo três macro momentos desse engajamento do escritor: i) contexto inicialmente marginalizado dentro Partido, dado que a própria Juventude Comunista era uma “linha” mais escamoteada da agremiação; ii) posteriormente, supervalorização do estereótipo de Amado como *escritor*



*representante do povo*<sup>16</sup> a fim de se explorar a noção de *escritor para o povo*, no sentido da função pragmática que sua produção literária desempenhou; iii) por fim, militância de dentro do círculo hegemônico do PCB; sendo que para chegar nesse *status* foi fundamental o papel de Jorge Amado como escritor intelectual com grande apelo popular. Afinal, que principal função teria o “romancista do povo”<sup>17</sup> senão a de espalhar para o mundo a história de seu herói? Eis, conseqüentemente, a elaboração da biografia que na edição argentina denominou-se *Vida de Luís Carlos Prestes, el Caballero de la Esperanza*.

Não menos importante para a história do Acervo é a observação de que o segundo momento de expatriação do escritor (1948-1952) é comumente considerado “o” exílio de sua vida. Sendo o período de 1941-1942, em vista disso, localizado como menor nas escritas biográficas que o tomam como protagonista, no sentido de ser diminuída a urgência política de perseguição na conjuntura do Estado Novo. Ilustro:

1941 – É publicado em Ilhéus, de autoria de Jorge Amado, o livreto de 26 páginas intitulado *Castro Alves, o Lírico*, estudo crítico e biográfico lido no ginásio Municipal de Ilhéus em 1940, na edição “Vamos Ler!”, pela Empresa A Noite.

Conclui *ABC de Castro Alves*, entrega os originais à Livraria Martins Editora que passa a ser a editora exclusiva de seus livros. (mar.)

*Decide escrever um livro sobre Luís Carlos Prestes, pensando numa campanha pela anistia. Sai do Brasil em busca de material para o livro. Vive entre 1941 e 1942 na Argentina e no Uruguai, pesquisando. (RUBIM; CARNEIRO, 1992, p. 38, grifos meus).*

Ainda, há o caso de 41-42 não ser considerado um exílio, como na passagem de apresentação do livro-entrevista de Alice Raillard,

---

<sup>16</sup> Nesse caso, a preocupação social já estava presente em sua produção intelectual desde o início da carreira, como em *Cacau* (1933), *Suor* (1934) e *Capitães da Areia* (1937), por exemplo. No entanto, biografias como *ABC de Castro Alves* (1941) e *Vida de Luís Carlos Prestes* (1942) ilustram mais ainda a afirmativa de que o engajamento ideológico fica latente na função de objeto político conscientizador das classes oprimidas.

<sup>17</sup> Em referência ao *slogan* da campanha que o elegeu, como o candidato mais votado, em São Paulo (1945): “Para Deputado Federal Jorge Amado, romancista do povo”.

*Conversando com Jorge Amado*, em que Hermes Rodrigues Nery registra:

Em sua casa, no Quai des Célestins, *em seu exílio voluntário*, Jorge Amado me apresentou Alice Raillard, com quem passei, dias depois, uma agradável tarde de julho, às vésperas do bicentenário da Revolução Francesa, onde pudemos conversar sobre Jorge, Gláuber, Vinícius, Darcy Ribeiro, entre tantos que fizeram história literária em nosso país. (NERY, 1990, p. 12, grifos meus).

Além de marcar o adjunto no singular, “em seu exílio voluntário”, Nery não localiza data nessa passagem, o que pode sugerir, àqueles que pouco conhecem a biografia do escritor baiano, que houve apenas um episódio desta natureza na vida de Amado. Dessa forma, sendo a passagem recém descrita ambientada na França, vê-se que se fala do episódio 48-52. No entanto, como dito, 41-42 foi aclimatado por interesses do PCB, contudo, as motivações deste exílio político não se restringiam a isso, pois, como visto, a época do Estado Novo foi marcada pela tensão de perseguição àqueles que se aliavam aos preceitos comunistas. E, nesse caso, Jorge Amado era um nome visado, a exemplo das prisões que sofrera em 1936, sob acusação de participar da Intentona Comunista (1935), e em 1937, devido à supressão de liberdade política instaurada pelo Estado Novo. 1937 foi, aliás, o ano em que 1640 exemplares de livros do escritor, entre *Capitães da Areia*, *Mar Morto*, *Cacau*, *Suor*, *Jubiabá* e *O País do Carnaval*, foram queimados em praça pública. Episódio que foi registrado pelo Jornal do Estado da Bahia, de 17 de dezembro, com a manchete: “Incinerados vários livros considerados propagandistas do credo vermelho.”

É a partir desse contexto que o autor afirma a necessidade de sair do país para escrever a biografia de Prestes, não somente para recolher informações, mas também porque era inviável permanecer no Brasil, conforme diz em entrevista à Alice Raillard, ao ser indagado acerca de uma obrigatoriedade no ato de partida em 1941:

*Fui expressamente obrigado.* As dificuldades, eram grandes, a situação se agravava muito em 39. Em 39, Vargas fizera uma série de discursos em Minas Gerais, onde tomou posição, colocando o Brasil praticamente ao lado do Eixo, das forças

nazifascistas. Desde então a repressão foi muito forte, muito violenta, foi um momento em que o PC foi praticamente aniquilado, houve torturas e prisões em massa. *Nos 39-40, eu era preso sem cessar* – a todo momento, fosse pelo 7 de setembro, pelo 1º de maio, em todas estas datas eram detidas quantidades enormes de pessoas a fim de garantir a ordem. E em 41, diante da decisão de escrever um livro sobre Prestes e da impossibilidade de fazê-lo no Brasil, fui para a Argentina, onde fiquei, sem passaporte. Deixei o Brasil sem quaisquer papéis, atravessei a fronteira e ali fiquei. Eu sequer tinha uma identidade. E lá, assim que cheguei, comeci a atuar politicamente; aliás, para mim era impossível retornar ao Brasil. Lá, eu escrevi. (AMADO, 1990 apud RAILLARD, 1990, p. 125, grifos meus).

“Lá” não somente escreveu como também publicou, pela Editorial Claridad, *Vida de Luís Carlos Prestes, el Caballero de la Esperanza*, cuja tradução para o espanhol foi feita pelo militante e amigo Tomás Pompeu Acioli Borges. Três meses após a publicação da edição, uma notícia motivou a mobilização de Jorge Amado e os demais exilados a retornarem ao Brasil: o governo brasileiro entra oficialmente na Segunda Guerra Mundial ao declarar apoio aos Aliados (União Soviética, Reino Unido e Estados Unidos); decisão resultante do torpedeamento a cinco embarcações brasileiras pelos países do Eixo (Alemanha, Japão e Itália). Deste momento, Amado registra a lembrança:

Vou visitar Júlio de Mesquita Filho para comunicar-lhe a decisão tomada na reunião de Montevideu pelos exilados comunistas, ratificada na véspera em Buenos Aires: dado que o Brasil declarou guerra ao eixo nazifascistas, colocou-se ao lado das Nações Unidas, nosso lugar, nosso posto de combates é na pátria, o tempo do exílio terminou, a nova tarefa é ajudar o governo no esforço de guerra. Recito meu relambório com convicção e jactância, Julinho Mesquita, ouve-me com boa educação e ceticismo:  
– Vocês vão se entregar à polícia? É demais. (AMADO, 2006, p. 53).

Sim, era demais. E a princípio, o escritor sabia dos riscos, pois, antes de regressar ao país, deixou no Uruguai tanto documentos que recolheu quanto que produziu neste período de afastamento. Dessa forma, ficaram para trás documentos de ordem investigativa que coletou para escrever a biografia de Prestes, como reportagens, fotografias, textos literários em prosa e em versos, quanto de ordem pessoal, como correspondências trocadas com militantes do PCB e da ANL, algumas de natureza pessoal, outras de natureza pública, e romances (entre eles, um que viria a ser publicado futuramente, intitulado *Terras do Sem Fim*, e outro, engajado na causa comunista, até hoje inédito). Dado o abandono mencionado não houve, por conseguinte, compartilhamento documental desse material deixado no Uruguai, em 1942. Além disso, anos mais tarde, ele mesmo afirmou que nunca socializou, e sequer viria a socializar, os acontecimentos referentes ao intervalo de tempo em que manteve relação direta com o Partido<sup>18</sup>: “Sobre tais lembranças não fiz anotações, morrem comigo” (AMADO, 2006, p.14), escreveu Jorge Amado.

É verdade que não houve registro posterior por parte dele, todavia, os documentos abandonados em Montevidéu vieram à tona quase 70 anos depois, porque uma militante comunista os guardou na ocasião de partida de Jorge Amado, em 1942; “Rosa” foi o nome que escolheu para ser identificada, em homenagem à Rosa de Luxemburgo. A “nossa” Rosa foi guardiã desse papéis até o fim da vida, pois segundo afirma sua herdeira, Leonor Scliar, sua mãe por diversas vezes tentou devolvê-los a Jorge Amado, que os recusou em todas as ocasiões.

Nesse contexto, graças à Leonor e, ainda, em razão da recusa de dois professores, essa reunião documental acabou chegando ao Nulime na condição de espólio no ano de 2011 e, em 2012, transformou-se em objeto de estudo, por meio do *Projeto A Mala de Jorge Amado: 1941-1942*, cuja primeira atividade foi a catalogação que identificou a existência de pouco menos de 1500 páginas. Esses documentos descrevem e contextualizam não somente a produção literária e intelectual de Jorge Amado, mas, em certa medida, também a própria história do Brasil, do Partido Comunista e de diversos intelectuais da América Latina nos dois primeiros anos da década de 1940.

É, em suma, tendo em vista que o Acervo Mala de Jorge Amado foi motivado por: i) uma intimação partidária a um intelectual visado pelo

---

<sup>18</sup> É pertinente observar que o escritor rompe oficialmente suas relações com o PCB na década de 1950 (1955). Logo, a declaração a que se faz menção estende-se a todo o período em que se manteve ligado ao Partido e não somente aos anos de 1941-42.

governo, porém “protegido” pelo nome próprio que lhe conferia *status* de privilégio; ii) um contexto de regime de exceção violento amparado pela bandeira do nacionalismo; iii) o abandono de sua materialidade por parte de seu compilador que, por um lado, não demonstrou interesse em preservá-lo, mas por outro lado também não fez questão de destruí-lo; iv) pela guarida dos arcontes que, secretamente, o acomodaram ao longo de quase sete décadas e, conseqüentemente, decidiram o que seria preservado ou não; v) pelo desmerecimento de sua existência por parte de dois professores pesquisadores, quando se recusaram a investigá-lo por desinteresse; e, finalmente, vi) pelas distintas versões de sua trajetória, dado que Leonor “reelabora” a história da “mala”, modificando etapas, detalhes e sujeitos em torno dessa reunião documental, que o conceito de “zona cinzenta” foi reivindicado.

Isso porque, como avalia Agamben (2008, p. 31, grifos do autor), essa zona

[...] não se situa *além* do bem e do mal, mas está, por assim dizer, *aquém* dos mesmos. [...] E, sem que consigamos dizer por qual motivo, percebemos que esse *aquém* é mais importante do que qualquer *além*, que o sub-homem deve interessar-nos bem mais do que o super-homem. Essa infame zona de irresponsabilidade é o nosso primeiro círculo do qual confissão alguma nos conseguirá arrancar e no qual, minuto a minuto, é debulhada a lição temível da *banalidade do mal*, que desafia as palavras e os pensamentos.

Nessa conjuntura, discutem-se os contornos indefinitos do “bom” e do “mal”, de forma que o papel de “juiz” passa a ser invalidado pelas “provas” não serem capazes de nem absolverem e nem condenarem, já que a capacidade de deliberação fica comprometida. Quero dizer, é sob esse prisma que procuro ler a figura de Jorge Amado, preso diversas vezes num contexto de perseguição, tortura e morte de militantes comunistas, mas nunca vítima de agressão física, porque, afinal, naquela época já era “Jorge Amado” e, nesse contexto, algum outro militante da causa acabou por receber as penalidades a que o romancista foi poupado. Ou, para citar outro exemplo, quando Jorge Amado foi tanto intimado quanto amparado pela agremiação, já que teve o apoio de membros do Partido para se estabelecer no exílio, enquanto outros militantes ficaram para trás, sendo perseguidos e mortos. Quer dizer, o contexto de motivação, elaboração e surgimento desse arquivo é inteiramente localizado sob essa ordem da

“situação-limite”, desde as movimentações “da origem”, como visto, com Getúlio Vargas.

Isto é, a “mala” passa à alegoria de “testemunha” que, nas palavras de Agamben (2008, p. 162), “[...] não são nem os mortos, nem os sobreviventes nem os submersos nem os salvos, mas o que resta entre eles.” Porque o que “resta” dela não pode ser dissociado da complexidade, não se submete à lógica “maniqueísta” (LEVI, 2016, p. 27) que rege as explicações dicotômicas do mundo. É, por fim, nesse sentido que se recorre aos *Lager*, a experiência máxima da atrocidade humana, para se metaforizar as situações-limite e, nesse caso, que se recorre à zona cinzenta, para se pensar a questão da sobrevivência do testemunho simbólico da “mala”: possível, portanto, devido a um microcosmo ambíguo, sem inocentes nem culpados já que o “sobreviver” faz da vítima também um algoz. Assim, interessa compreender, em síntese, que essa lacuna deve ser tomada como um problema biográfico circunscrito à lógica da dominação, já que a sobrevivência daquilo que hoje se denomina Acervo Mala de Jorge Amado se deu em razão do que precisou ser feito.

## 2 ENTRE O ANÚNCIO E A RENÚNCIA DA VIDA: JORGE AMADO EM 1941-1942

### 2.1 O ESPAÇO BIOGRÁFICO

É por intermédio da memória que a história de uma vida se constitui como relato e, por conseguinte, como narrativa e como história. Nesse movimento, ela articula, em um mesmo plano, as condições individuais e as condições coletivas de transmissibilidade da narração. Dizendo de outra forma, a memória é compreendida como fenômeno de construção tanto individual, na medida em que está contida na recordação dos acontecimentos que tecem a vida dos sujeitos, quanto coletivo, uma vez que a experiência individual se desenvolve na relação com outro(s) sujeito(s). A experiência e o tempo atravessam-se em concomitância, de forma que se agrupam e constituem a estrutura da vivência humana. Tal relação interdependente é comprovada pela memória que se alonga do passado ao presente em um exercício ininterrupto que Henri Bergson (1989, p. 145) chamou de “duração interior”. A lembrança, dessa forma,

[...] é, se se quiser, o desenrolar de um novelo, pois não há ser vivo que não se sinta chegar pouco a pouco ao fim da sua meada; e viver consiste em envelhecer. Mas é, da mesma maneira, um enrolar-se contínuo, como o de um fio numa bola, pois nosso passado nos segue, cresce sem cessar a cada presente que incorpora em seu caminho; e consciência significa memória. (BERGSON, p. 146).

Se não há consciência sem memória, a vida passa a ser tomada como uma adição regular e consecutiva das experiências do passado. Nesse sentido, supõe-se que o processo de duração interior tenha, em cada releitura que fizer da memória, a competência de organizar seus rastros e, mais do que isso, seja capaz de arranjar as lembranças de forma que no ato de narrar, além da identificação objetiva, haja a constatação de uma “função social”. Função esta que se dá porque a natureza da comunicação é, por excelência, dialógica e, dessa forma, destinar-se sempre a outrem.

No que se refere à ação de contar uma vida, essa perspectiva interlocutora sinaliza a consideração de que o *valor*<sup>19</sup> da narrativa

---

<sup>19</sup> A ideia de *valor* da narrativa biográfica é oriunda das considerações de Bakhtin que postula que “um valor biográfico não só pode organizar uma narração sobre

biográfica esteja contido na sua competência de indagar a vida e a relação entre os indivíduos já que, segundo Leonor Arfuch ([2002] 2010), as escritas de caráter biográfico devem ser vistas como construções discursivas e, por isso, não restritas a relatos objetivos nos quais identidades essencialistas se configuram. Isto é, para a autora, no caminho contrário, tais espaços/formas de narração do “eu” devem ser vistos como lugares em que há uma identidade narrativa dialogicamente constituída, o que significa estar atento a pelo menos três questões, a saber: a da subjetividade dos sujeitos, a das formas de narrar, e a da relação dialética entre o *eu* e o *outro*.

É, portanto, assumindo os postulados da autora frente às escritas de si – que reconhece os textos de natureza biográfica com a condição mínima de problematizar a subjetividade dos partícipes, a materialização da narração e a troca entre os sujeitos – que proponho a leitura de 11 obras acerca do espaço de tempo supracitado. Nessa perspectiva teórica, ao investigar questões substanciais em torno do narrar uma vida, sem, todavia, perder-se no que Lévinas (1979) reconheceu como a *solidão de existir*<sup>20</sup>, Leonor Arfuch propôs um estudo significativo para o entendimento das concepções que governam os gêneros biográficos, desde as escritas que se ocupam do registro de vida do outro, a exemplo de *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado*, àquelas em que nos deparamos com a enunciação de um “eu” que trata de si, como em *Navegação de Cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escrevei*.

Segundo a autora, os gêneros biográficos podem ser reconhecidos para além dos gêneros canônicos, como a biografia e a autobiografia, em consequência da paradoxal e constitutiva duplicidade da globalização que intensificou a produção de narrativas de vida, permitindo que gêneros mais abrangentes e transversais, como a entrevista, o retrato de autoajuda, o anedotário, o testemunho, o blog, as “[...] variantes do *show – talk show, reality show*” (ARFUCH, 2010, p. 15) por exemplo, passassem a fazer

---

a vida do outro, mas também ordena a vivência da vida mesma e a narração da nossa própria vida, esse valor pode ser a forma de compreensão, visão e expressão da própria vida”. (BAKHTIN, [1979] 1982 apud ARFUCH, 2010, p. 55).

<sup>20</sup> Acerca dessa questão Leonor Arfuch (2010, p. 129, grifos da autora) aponta que “Contrariamente à ideia moderna da singularidade como o que não se repete de cada ser em sua diferença, Emmanuel Lévinas, numa perspectiva ontológica coloca o ponto do irredutível naquilo que é comum a cada um dos seres humanos, a *solidão do existir*, o mais privado, o que não pode ser compartilhado com ninguém, apesar de estarmos rodeados de seres e coisas.”



parte deste universo de escrita, em razão de que estes seriam procedentes dos processos de subjetivação plurais e dinâmicos das ressignificações dos sujeitos. Canônicos ou não todos eles vêm integrar, portanto, o que Leonor Arfuch denomina de o *espaço biográfico*, terminologia que, nas palavras da teórica:

[...] se revelou altamente produtiva, enquanto horizonte analítico para dar conta da multiplicidade, lugar de confluência e circulação, de semelhança de família, proximidades e diferenças. A expressão, tomada emprestada de Philippe Lejeune (1980), vinha assim introduzir uma delimitação do universo.

[...] O empréstimo – na verdade, quase metafórico – se abria, no meu projeto, a outro desenvolvimento conceitual: *uma espacialização* [...] onde confluíam num dado momento formas dissimilares, suscetíveis de serem consideradas numa interdiscursividade sintomática, por si só significantes, mas sem renunciar a uma temporalização, a uma busca de heranças e genealogias, a postular relações de *presença e ausência*. (ARFUCH, 2010, p. 21-22, grifos da autora).

A ideia do espaço biográfico enquanto lugar no qual se fundem diversas configurações de subjetivação é, portanto, substancialmente compreendida como parte da composição do mundo contemporâneo e de sua correlacionada subjetividade que “ressuscitou” o sujeito naquilo reconhecido como a virada subjetiva<sup>21</sup> e colocou em voga a constituição heterogênea do ser. “Constituição” representada desde a diversidade narrativa do espaço biográfico que não se resume a um somatório de gêneros, mas, ao contrário, caracteriza-se como lugar de inteligibilidade no qual uma subjetividade dialógica e plural se constrói.

É somente neste contexto que todas as 11 materializações propostas são reconhecidos enquanto narrativas legítimas do biográfico, no sentido de não ocuparem categorias secundárias de classificação devido a suas construções que transbordam os limites das formas do

---

<sup>21</sup> Essa noção diz respeito ao aumento significativo, por volta do dos anos de 1980, do exercício da literatura do *eu*, que passa a ser objeto de manifestação pública, além de íntima, dado que a biografia passa a ser “reivindicada pela musa da história” (DOSSE, 2009, p. 16).

cânone, tanto do gênero biografia quanto do gênero autobiografia. Assim, essas obras poderiam ser lidas como a *hibridização* da *hibridização*, se dessa forma fosse possível defini-las; primeiro porque nessas narrativas estão contidas as questões “ficção ou história?”, “fabulação ou realidade?”, historicamente discutidas no tocante à tessitura biográfica; segundo porque superada a primeira questão – uma vez que se assume a escrita da vida como ficção e história, tendo em vista, no mínimo, que ela se estrutura via linguagem –, a segunda hibridização estaria na própria forma em que se apresentam, pois nenhuma constitui-se, a rigor, como uma “biografia canônica”, se for possível colocar nestes termos.

A exemplo de *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado*, que se materializa com mais de um gênero do espaço biográfico: o primeiro corresponde a uma acepção clássica de biografia, pois se trata de uma narrativa cronológica, que ambiciona a totalização da vida do personagem Jorge Amado; já o segundo gênero contido na obra é a entrevista, partícipe do universo biográfico tanto quanto a própria biografia pura, conforme assevera Leonor Arfuch (2010). Aliados a estes dois gêneros, ao leitor ainda são propostos outros formatos (ensaios, fotos, depoimento de amigos etc.) que, reunidos, intentam oferecer Jorge Amado em sua plenitude. Ambição histórica do gênero biográfico, que é desconstruída, como Leonor Arfuch coloca, por meio da *ilusão biográfica*, tecida por Pierre Bourdieu (2006), sobre a qual discorrerei mais adiante neste trabalho.

No que diz respeito ao único título assinado pelo próprio Jorge Amado, *Navegação de Cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*, há propositalmente, a meu juízo, o anúncio do espaço mestiço, do discurso bastardo, quando abdica da qualidade de gênero maior ao assumir-se em uma realidade de apontamento e não de memória. Dessa forma, o autor retoma acontecimentos de sua vida por meio da negação do gênero memorialístico enquanto monumento, desde a origem, no prefácio.

Em vista de considerações como essas, é plausível que Leonor Arfuch tenha incorporado a perspectiva bakhtiniana dos gêneros do discurso no espaço biográfico, tendo em vista que estes se dão “como agrupamentos marcados constitutivamente pela heterogeneidade e submetidos a constante hibridização no processo da interdiscursividade social” (ARFUCH, 2010, p. 29). Assim, observa o dialogismo como uma dinâmica intrínseca à linguagem que possibilita, por um lado, a compreensão específica das formas que produz, e por outro

[...] habilita a ler, na dinâmica funcional do biográfico, em sua insistência e até em sua saturação, a marca da *falta*, esse vazio constitutivo do sujeito que convoca a necessidade de identificação e que se encontra [...] no *valor biográfico* – outro dos conceitos bakhtinianos – enquanto ordem narrativa e atribuição de sentido à (própria) vida, uma ancoragem sempre renovada. (ARFUCH, 2010, p. 29-30, grifos da autora).

Por este motivo, Leonor Arfuch assinala para o fato de que o universo do espaço biográfico se dá somente no interior da categoria da narrativa, uma vez que a possibilidade de contar uma vida, ou ainda, a de *restaurar* o vivido, existe somente em uma tessitura em que estão organizados fatos, sentimentos e afetos sob uma perspectiva temporal que é própria da narrativa. Isso porque a narrativa biográfica vem a ser um terceiro tempo, advindo da inseparabilidade entre ficção e história, configurado por um entrelugar que renuncia à *mimesis* em prol da *poiésis*, que desloca o mesmo para um si mesmo para, finalmente, via narrativa, construir a vida.

Em outras palavras, a temporalidade separa o vivido do narrado e, por isso, se torna uma diferenciadora que fica entre a enunciação e a história, ou seja, entre o tempo do narrado e o tempo do ocorrido, conforme coloca o filósofo Paul Ricoeur (1994), em razão de que o tempo presente impõe sua perspectiva atual sobre o que foi contado, sem que o então autor, antes personagem, consiga abdicar desta imposição. Nesse sentido, não há a possibilidade de um resgate, dado que a composição biográfica é a própria fragmentação do sujeito encadeada sobre uma identidade em construção, produção e, por conseguinte, invenção.

Assim, Leonor Arfuch remete-nos à “ilusão biográfica”, uma das críticas mais contundentes à biografia, tecida pelo sociólogo Pierre Bourdieu ([1986] 2006) que identifica tal ilusão como a noção de unidade e progressão deslocada comumente de uma certa ideia de narrativa para o relato biográfico. Os pressupostos que configurariam a biografia, conforme observa Bourdieu, são construtos sociais – assim como é a noção de história unitária, constituída por uma sucessão cronológica, e orientada por uma intenção da qual um planejamento é depreendido – legitimados pelos contratos sociais a que somos resignados – os documentos oficiais de identificação, o nome próprio etc. Nas palavras do estudioso:

Tentar compreender uma vida como uma série única e autossuficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro liame que a associação a um “sujeito” cuja constância é sem dúvida apenas a do nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar reproduzir um trajeto de metrô sem levar em conta a estrutura da rede, ou seja, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. Os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social, ou, mais precisamente, nos diferentes estados sucessivos da estrutura de distribuição das diversas espécies de capital que estejam em jogo no campo considerado. (BOURDIEU, 2006, p. 88).

Em vista disso, podemos concluir que a organização dos fatos vividos não passa de uma ilusão, tal qual postula o autor, considerando-se que o sujeito não se restringe a uma ordenação exclusivamente cronológica quando efetua o movimento de contar um fato que se deu no passado, “como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um ‘sujeito’” (BOURDIEU, 2006, p. 189). Isto é, ao elaborar uma sequencialidade de acontecimentos, acaba por eleger fatos em conformidade com outros fatores que lhe são pertinentes e, dessa forma, estrutura a ilusão biográfica, pois a composição apresentada sempre poderá ser outra. Assim, desnuda a crença do senso comum de que a história de uma vida é passível de ser contada como um todo, por meio de uma lógica óbvia da trajetória narrada.

A essa pretensão ingênua, Bourdieu assinala que o que está posto em um trabalho biográfico será sempre o embate entre experiências e identidade, encadeadas pela via da comunicação e da linguagem, pois o desafio de escrever uma vida inscreve-se num espaço em que o factual histórico e o ficcional unem-se, ou conforme escreve Paul Ricoeur (1991, p. 191), encontram-se num “misto instável entre fabulação e experiência”.

Por esse motivo, ainda, os gêneros do espaço biográfico são tidos como *locus* transversal e interdisciplinar enquanto objeto de estudo, em razão de que trazem em si a interrogação a respeito do que seja, efetivamente, a significação da história de uma vida. – quer dizer, o significado de narrar uma existência – . Ao mesmo tempo, a significação da história delinea o gênero e exhibe uma indagação a respeito do conceito de história de vida, que, quando tomado pelo senso comum, como já observei, parte da premissa de que uma vida pode ser compreendida como

narrativa, como relato, no qual a existência dos sujeitos é resultado de uma série de desdobramentos espaço-temporais demarcados por um começo, um meio e um fim (que acima denominei “trajetória”). A questão que está posta é: seria possível o descolamento de uma vida de forma tão linear e objetiva?

“Não”, é a resposta que encontramos no espaço biográfico. Isso porque, como pontua Leonor Arfuch (2010), a competência de reflexão acerca do que fazemos e, nesse caso, acerca do que fazemos conosco (e também daquilo que permitimos que seja feito) é resultado da nossa condição humana, e esta se dá pela linguagem, que autoriza uma (re)invenção, (re)construção, (re)criação de nós mesmos. Por isso, essa linearidade se torna possível apenas dentro da categoria narrativa que supre as lacunas inerente à vida com linguagem, uma vez que ao biógrafo cumpre operação de “fazer escolhas drásticas e dolorosas, aceitar as falhas, as lacunas na documentação, e preenchê-las com a dedução lógica ou com a imaginação; é o espaço sonhado da invenção, da ficção. É o instante da escrita” (DOSSE, 2009, p. 16).

Esse caráter quase inclassificável do gênero biográfico, “[...] dividido entre a propensão ficcional e a ambição de relatar o real vivido” (DOSSE, 2009, p. 20), é o que permite a ele o trunfo “[...] de abrir as portas ao conjunto das ciências humanas e literárias” (DOSSE, 2009, p. 17) e, assim, figurar enquanto espaço transversal de estudos, revisitado assiduamente nos últimos anos. Desse modo, aberto, transversal e múltiplo, permite que outras discursividades dos espaços públicos transformem por absoluto os gêneros canônicos desse lugar, de forma que

O avanço da mídiatização e de suas tecnologias da transmissão ao vivo fez com que a palavra biográfica íntima, privada, longe de se circunscrever aos diários secretos, cartas, rascunhos, escritas elípticas, testemunhos privilegiados, estivesse disponível, até a saturação, em formatos e suportes em escala global. Nesse horizonte, uma forma peculiar parece concentrar as funções, tonalidades e valores – biográficos – reconhecíveis aqui e ali nos diferentes gêneros: a entrevista, que poderá se tornar indistintamente biografia, autobiografia, história de vida, confissão, diário íntimo, memória, testemunho. (ARFUCH, 2010, p. 151).

A seguir, como movimento para a exploração da proposição que aqui se intenciona discutir, isto é, a lacuna de 1941-1942 nas materializações textuais partícipes deste espaço transversal de estudo, proponho, além do registro específico de ocorrência (ou não) dos anos em questão em cada uma das obras do *corpus* selecionado, o “reconhecimento macro” desses lugares de fala. Isto é, procuro compreender e analisar o discurso geral de cada obra, a fim de melhor compreender as menções a 41 e 42.

Para isso, organizei-as por quatro “blocos de semelhança”, com o intuito de identificar aproximações em suas composições. Ao primeiro, “Edições comemorativas: 30, 40 e 80 anos de vida literária”, coube a descrição dos três livros produzidos em homenagem aos aniversários de publicação do primeiro romance de Jorge Amado, *O País do Carnaval*. O segundo, “A vida em unidades de materializações: ensaio, entrevista e relato”, foi organizado com quatro publicações que se dedicaram a trabalhar vida e obra de Jorge Amado por meio de padronização de escolha de gênero. Dessa forma, há “livro-entrevista”, “livro-ensaio e livro-relatos” nesta seção. O terceiro bloco, “A vida em narrativas híbridas: da cronologia à entrevista”, é constituído por três obras que privilegiaram mais de um gênero textual para manifestarem suas considerações biográficas a respeito do autor. Portanto, o mesmo livro, pode ser constituído por ensaio, entrevista, fotografia, depoimento etc. Finalmente, “Memórias (auto)biográficas: capitão de longo curso”, o último e quarto bloco de descrição, contextualização e apresentação das obras, destina-se exclusivamente aos “apontamentos” que o próprio Jorge Amado escolheu para destacar de sua vida.

Com intuito de facilitar a identificação das obras ao longo da análise, optei por indicar entre parênteses, após o título dos livros, um número, de 1 a 11. Assim, o leitor poderá ser guiado pela menção do numeral, mais fácil de assimilar do que os títulos das obras, por vezes, extensos e de difícil memorização. A ordenação dos algarismos organiza-se pela posição em que cada livro foi citado nas apresentações dos “blocos de semelhança”. Isto é, o primeiro será formado pelas obras 1, 2, 3; o segundo, pelas 4, 5, 6 e 7; o terceiro, pelas 8, 9 e 10; e, por fim, o último bloco, pela obra 11.

## 2.2 IDENTIFICAÇÃO DOS LUGARES DE ENUNCIÇÃO

### 2.2.1 Edições comemorativas: 30, 40 e 80 anos de vida literária

Das três edições lançadas em homenagem aos aniversários de *O País do Carnaval*, duas foram organizadas pela Editora Martins, responsável oficial pela obra do autor na época. São elas: *Jorge Amado: 30 anos de literatura* (1961) e *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura* (1972). A última e mais jovem da tríade, *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa*, foi organizada pelas pesquisadoras Rosane Rubim e Maried Carneiro e, em 2016, completou 24 anos desde sua publicação no ano de 1992.

*Jorge Amado: 30 anos de literatura* (1) tem capa assinada por Clovis Graciano, o desenhista, pintor, ilustrador e muralista brasileiro não apresenta uma personalidade qualquer, mas uma “estrela”: são 377 páginas de livro cuja capa, dourada, indica o *status* do homenageado. O livro foi publicado no auge da carreira literária de Jorge Amado, fenômeno de vendas na época; distinção também confirmada na segunda página, pelo editor, que registra a impressão de dez exemplares “em papel especial”, fora do comércio, com rubricagem do autor.

Em nota ao leitor, a editora apresenta a obra:

Este livro é uma homenagem da Livraria Martins Editora ao escritor Jorge Amado, quando é comemorado, pelos intelectuais e pelo povo, o trigésimo aniversário da publicação da primeira edição de “O País do Carnaval”, seu romance de estreia [...].

Conta este volume de uma primeira parte, constituída de matéria inédita. Numa segunda parte, reunimos artigos, trechos de ensaios, estudos, críticas, crônicas, entrevistas, opiniões, cartas e referências diversas aos livros de Jorge Amado e à sua figura humana. (MARTINS, 1961, p. 07).

Precisamente, além das considerações de apresentação e do prefácio, o livro é composto por cinco seções, identificadas pelos títulos sem indicação numérica, denominadas: i) Cronologia; ii) Títulos, Prêmios, Livros; iii) Traduções e adaptações das obras de Jorge Amado; e v) Depoimento sobre um escritor e um homem.

Destaco na obra a preocupação com a “narrativa da imagem”, se for possível colocar nestes termos. Isso porque as fotos selecionadas sustentam o estereótipo de Jorge Amado como homem simples, mesmo grandioso, a exemplo da primeira, que traz o autor no cais de Salvador

entre barcos, vestido com uma camisa comum, cigarro na mão, semblante pacato, olhar reflexivo e, possivelmente, ensaiando um sorriso. Ilustr:

**Figura 1- Jorge Amado no cais de Salvador**



Fonte: MARTINS, 1961, s/p.



Eduardo Portella, amigo pessoal do homenageado, membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), escritor, crítico e Ministro da Educação na ditadura de 1964-1986 – no governo de João Figueiredo –, é quem prefacia o compêndio. Nele, discorre acerca da obra e da crítica da produção amadiana, além de tecer suas considerações a respeito dessa criação literária. Segundo aponta,

A composição novelística de Jorge Amado ao longo de sua carreira literária oscila, de forma inquietante e clara, entre dois planos que se inscrevem, cada um deles, no território do mágico e do real, do símbolo e da evidência, do temporal e do anacrônico. O que não quer dizer que o suporte realístico de sua ficção seja, em nenhum momento, negligenciado ou colocado em plano secundário. De modo algum. O que acontece é que a realidade é sempre mais rica, e na realidade habitam o real e o fantástico. (PORTELLA, 1961, p. 14).

O ensaio de Portella também endossa, a meu juízo, a denominada “narrativa da imagem” porque, no meio do ensaio, há oito páginas seguidas com imagens relacionadas a Jorge Amado. Seis são de capas de livros publicados pelo autor em outros idiomas: alemão, albanês, árabe, búlgaro, chinês, eslovaco, esloveno, finlandês, grego, hebreu, húngaro, holandês, ídiche, inglês, islandês, italiano, lituano, norueguês, polonês, francês, romeno, russo, servo-croata, sueco, tcheco e ucraniano; e as outras duas são dedicadas a uma mesma foto na qual Jorge Amado se encontra em meio a vários livros. Ilustro:

**Figura 2- Capas de livros**



Fonte: MARTINS, 1961, s/p.

**Figura 3- Jorge Amado em meio a livros**



Fonte: MARTINS, 196, s/p.

Aliadas à sugestão inicial da imagem do cais (Figura 1), forma-se o lugar-comum: “homem importante, mesmo do povo”. Quero dizer, a camisa displicente, com o botão aberto, colarinho torto, tecido mal passado, e a simplicidade do ambiente, com estante de madeira e alguns

objetos aparentemente simples (Figura 3), se “fundem” com os livros que, não bastasse serem muitos, estão em diversos idiomas, indicando a presença da literatura de Jorge Amado ao redor do mundo (Figura 2).

Seguidamente, “Cronologia” cumpre o exercício sugerido pelo nome da seção, pois as dezesseis páginas apresentam, em ordem cronológica crescente, a vida e a obra de Jorge Amado; do nascimento (1912) à data de publicação do livro (1961). Nesse ínterim, não há interrupção na organização das informações, isto é, a elas não se interpõem imagens, quadros ou notas explicativas. Assim, tem-se uma ordenação linear e, diga-se, desamparada de uma diagramação interessante, pois as informações, padronizadas em uma grande bloco de letras miúdas centralizadas, não se destacam aos olhos do leitor.

Dessa seção, a ênfase recai nos equívocos de registro, como em “1941 – Junho – Jorge Amado desquita-se da esposa.” (MARTINS, 1961, p. 35). No caso, Matilde Garcia Rosa, primeira esposa do escritor, com quem se casou em 1933. Todavia, a data do desquite está equivocada, pois o evento só ocorreu em 1944. Além disso, cito a ausência de informações sobre Eulália Dalila Jorge Amado, filha do escritor com Matilde. Não há menção da menina, de apelido Lila, nessa seção que pretende descrever os acontecimentos relevantes da vida do autor, todavia, mais adiante, na seleção de fotos, ela aparece em um retrato no colo do pai.

“Títulos, Prêmios, Livros” inicia e finda na mesma folha. São duas páginas para registrar oito títulos, sete prêmios e 18 livros. Seguidamente, “Traduções e adaptações das obras de Jorge Amado” se vale de sete páginas para mencionar as traduções e as adaptações da obra do escritor que, na época, não chegavam nem à metade do que alcançou na vida.

“Duvidosas” talvez seja o adjetivo que melhor sintetize as impressões que a organização de “Depoimento sobre um escritor e um homem” me despertou. Isso porque a seção tem um “quê” de “última hora”: após a reprodução da espirituosa frase que Jorge Amado declarou em entrevista a Moacyr Felix (1958), “Sou apenas um baiano romântico e sensual”, há nada menos que a sucessão de 80 imagens – 63 fotografias, quatro capas de livros e 13 obras de arte (ilustração, retrato, escultura, desenho, pintura) –, distribuídas em 40 páginas, não numeradas. Simplesmente ignoradas, tanto na contagem da paginação quanto no índice do final do livro, fazendo com que a obra, efetivamente, tenha mais de 400 páginas.

Por outro lado, as imagens selecionadas, como já mencionado, elaboram uma narrativa bastante sólida no que se refere a um discurso de vida. Aqui, a ordenação apresenta um literato culto, viajado, com amigos de renome em todo o mundo: escritores, artistas, políticos. Moscou, Paris,

Tcheco-eslováquia, Berlim, Polônia.... Jorge Amado, além de bem relacionado, é sinônimo de sucesso de vendas, a considerar as tantas capas de edições estrangeiras de seus livros. Ilustro:

**Figura 4 - Jorge Amado e amigos 1**



Fonte: MARTINS, 1961, s/p.

**Figura 5- Jorge Amado e amigos 2**



Fonte: MARTINS, 1961, s/p.

### Figura 6 - Jorge Amado e amigos 3



Fonte: MARTINS, 1961.s/p.

### Figura 7 - Jorge Amado e amigos 4



Fonte: MARTINS, 1961.s/p.

A distribuição de fotos segue uma certa ordenação cronológica não rígida e, como visto acima, as imagens são legendadas com o nome dos sujeitos e, geralmente, com o local e ano em que foram produzidas. Além disso, não há grande quantidade de referências familiares. Zélia Gattai, por exemplo, segunda esposa de Jorge Amado e presença constante nos discursos mais contemporâneos da vida do escritor, demora a ser vista mesmo que seja o membro familiar com a maior quantidade de aparições, cinco. Já Matilde não tem vez nessa seção e, como dito, Lila aparece em uma fotografia com o escritor. Por óbvio, também há retratos com João Jorge Amado e Paloma Jorge Amado, filhos de Jorge Amado e Zélia Gattai.

Ainda a respeito da justificativa de o porquê “duvidosa”, tem-se, para concluir esta quinta e última parte do livro, nada menos que 317 páginas de declarações. São reunidos exatamente 310 depoimentos, não tão bem organizados, que registram críticas, resenhas e afins acerca da obra e vida do homenageado. Em tese, eles estão dispostos conforme a obra/obras a que fazem referência, no entanto, mais de uma vez, é possível identificar erro na sequenciação das passagens.

Por fim, dizer que *Jorge Amado: 30 anos de literatura* (1) é, muito antes de fonte profícua de informações sobre o autor, uma obra fundamentalmente mercadológica, não me parece exagerado. As faltas da obra dão testemunho de um período em que publicar Jorge Amado era sinônimo de venda, o que explica o volume de páginas (para justificar o preço) e os equívocos de ordens diversas, que denunciam uma produção às pressas, para fins de rápida comercialização.

Pouco mais de dez anos depois, em 1972, com *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura* (2), a Editora Martins repete a publicação de uma obra comemorativa a *O País do Carnaval*, agora com 40 anos. O livro de 247 páginas tem capa assinada por Carybé, o argentino “[...] mais baiano dos baianos” (AMADO, 1972, p. 23), amigo muito íntimo do escritor homenageado. Artista que em muito se dedicou a retratar a cultura do povo baiano, Carybé se fez presente por diversas vezes como ilustrador de livros de Jorge Amado.

*Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura* (2) é uma publicação em que se determinam dois momentos distintos de leitura – descontadas a breve apresentação inicial e a, também objetiva, relação de títulos, prêmios, livros, traduções e adaptações do homenageado, ao final do livro. No primeiro, textos não ficcionais do escritor: o discurso proferido na posse da cadeira nº 23 da ABL (1961), e “Carta a uma leitora sobre romance e personagens”. Seguidamente, em “Alguns ensaios e artigos sobre a obra de Jorge Amado” – segundo direcionamento de

reflexão – abre-se a palavra a 18 sujeitos que falam, cada um, sobre algum aspecto da obra ou da vida de Jorge Amado. De romance, poesia e estilo à povo, terra e vida. De Eduardo Portella e Miécio Tati, assíduos à obra em questão, a Tristão de Athayde e Antonio Candido<sup>22</sup>.

Nesse contexto, não é difícil concordar com a Editora quando menciona os “universitários e secundaristas” como os principais destinatários do livro, porque “Este volume enfeixa artigos e depoimentos sobre a obra amadiana dando-nos um painel crítico de grande importância para sua correta compreensão e localização.” (MARTINS, 1972, Prefácio). Restrições óbvias ao “correta”, ademais, é bem plausível de se concordar com o editor. Os textos têm condições de contextualizar, nortear e refletir Jorge Amado, o jovem aspirante à revolução, o militante, o homem, o político, o romancista.

A respeito do estudo da obra do baiano, destaco o texto de Roger Bastide, “Sobre o Romancista Jorge Amado”, originalmente o prefácio de *Les Deux Morts de Quinquin la Flotte*, tradução de *A Morte e a Morte de Quincas Berro D’água* para a edição francesa. Nesse ensaio, tem-se um oportuno panorama da obra de Amado, não somente porque Bastide toca em pontos basilares desta produção literária, mas também porque contextualiza os movimentos do escritor com seu entorno social. Dessa forma, indica as circunstâncias de sua produção intelectual por meio de determinada cronologia linear sem, contudo, perder-se nas estagnações de datas e lugares, de forma que a progressão textual segue de maneira bastante fluida.

---

<sup>22</sup> Precisamente, os autores presentes nesta compilação, por ordem de aparição, são: i) Roger Bastide, com *Sobre o romancista Jorge Amado*; ii) Eduardo Portella, com *A Fábula em Cinco Tempos*; iii) Juarez da Gama Batista, com *Gabriela e Dona Flor*; iv) Antonio Candido, com *Poesia, Documento e História*; v) Miécio Tati, com *Estilo e Revolução no Romance de Jorge Amado*; vi) Haroldo Bruno, com *O sentido da terra na Obra de Jorge Amado*; vii) Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), com *Gabriela ou o Crepúsculo dos Coronéis*; viii) Wilson Martins, com *A Comédia Baiana*; ix) Vinicius de Moraes, com “*A Morte e a Morte de Quincas Berro D’Água*”; x) Fábio Lucas, com *Plano, com Epígrafe, de um Estudo sobre a Morte de Quincas Berro D’Água*; xi) Luís Forjaz Trigueiros, com *Implacável, Ardente Saga*; xii) M. Cavalcanti Proença, com *Pastores da Noite e da Liberdade*; xiii) Ricardo Ramos, com *Os Pastores de Jorge Amado*; xiv) Adonias Filho, com *Jorge Amado*; xv) Antônio Olinto, com “*Tenda dos Milagres*”, *Magia e Revolução na Literatura de Língua Portuguesa*; xvi) R. Magalhães Júnior, com *Discurso de Recepção na Academia Brasileira, na Posse de Jorge Amado*; e xvii) Renard Perez, com *Jorge Amado: Notícia Biográfica*.

É, todavia, principalmente devido a “Jorge Amado: Notícia Biográfica”, de Renard Perez, que este compêndio ingressou no rol de materializações do espaço biográfico que interessam ao recorte desta investigação. Em 12 páginas corridas, sem subdivisões ou marcações de destaque, Perez elabora uma narrativa, que parte do nascimento de Jorge Amado e chega a 1971, data de escrita do ensaio.

O texto traz a clássica hibridização entre factualidade e fabulação comum às escritas biográficas, uma vez que prevê cenários e elabora enredos às informações empíricas que utiliza da vida de Jorge Amado. O ensaio opta, ainda, pela recorrente ordenação cronológica linear para apresentar a vida do biografado, entretanto, abdica das datas para orientar a escritura do texto, de forma que elas participam, mas não determinam a fala.

Também não há preocupação em padronizar as informações. Por vezes, demora-se mais de um parágrafo para dar conta de determinado recorte temporal, enquanto em outros momentos aborda um ano em uma linha. É comum a indicação de imprecisões temporais, como em “a essa época” ou “a esta altura”, mas, no geral, há bastante informações atreladas às datas. Precisamente, há 39 registros de anos, o que é bastante significativo numa materialização de 12 páginas.

Mais significativos ainda são os registros que trazem as informações completas – isto é, com a indicação do dia e do mês, além do ano –, pois não passam de quatro: i) 10/08/1912, nascimento de Jorge Amado; ii) 08/07/1945, casamento com Zélia Gattai; iii) 29/11/1945, eleição como deputado federal pelo PCB; e iv) 06/04/1961, eleição para a ABL. Em suma: nascimento, casamento, política e imortalidade literária.

Para finalizar esta seção comemorativa, *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa* (3), de organização de Rosane Rubim e Maried Carneiro, tem muito a dizer. Este, indubitavelmente, foi o livro que mais rendeu surpresas: o mais simples, pela materialidade física, o mais completo, pelo conteúdo biográfico, o mais maçante, pela exposição dos dados, no sentido de abdicar de qualquer indício de fabulação em virtude do objetivo proposto: o de figurar como fonte para pesquisadores. Intenção destacada não somente na apresentação do livro, na nota introdutória, mas também no título, “subsídios para pesquisa”, e, para arrematar, no excerto presente na parte traseira do livro:

Este trabalho é o resultado de cinco anos da organização técnica e do atendimento ao usuário do Acervo Jorge Amado. Não tem como objetivo



analisar o trabalho do escritor, mas apenas condensar, de maneira sistemática, as informações contidas no acervo nos seus diversos suportes, para assim contribuir com futuras pesquisas sobre sua vida e obra. (RUBIM, CARNEIRO, 1992).

De todos, esse é o único que desconsidera o público em geral como destinatário, endereçando-se, precisamente, aos investigadores da obra e da vida de Jorge Amado. Noto, neste caso específico, uma diferença de público que repercute diretamente na sua constituição, essa é uma pesquisa para pesquisas. Das três organizações comemorativas, é a menor em tamanho, haja vista suas 190 páginas, porém a mais completa fonte de compilação sobre o autor no que diz respeito a dados da, e acerca de, sua obra e vida – ao menos, se faz inferir a partir do olhar subordinado a 1941-1942.

A apresentação da obra tem a assinatura de ninguém menos que Myrian Fraga, curadora da Fundação Casa de Jorge Amado por 30 anos, local que abriga todo o acervo oficial do escritor. Zélia Gattai, seguidamente, toma a palavra com “Pontual ou pontualíssimo?” e deixa registrado, registradíssimo, os seus 50 anos de “onipresença” na vida do escritor:

De minha parte, jamais me nego a responder a questões sobre Jorge Amado, pois seus leitores, espalhados pelos quatro cantos do mundo, querem saber dele, como é, como não é, e eu vou respondendo, na medida do possível, o que sei sobre o homem que é meu marido há quase meio século. (GATTAI, 1992, p. 23).

Findo o depoimento de Zélia, há o registro de um “bate-volta” com o escritor cujo título é “Perfil 80 anos”. Desta curta seção de duas páginas, destaco: “Meu ideal de felicidade: é a Zélia”, “Novela: Anarquistas, graças a deus”<sup>23</sup>, “Mulher marcante: Zélia Gattai” (AMADO, 1992, p. 26). De bobo Jorge Amado não tinha nada. Quero dizer, em uma obra em que se propõe mapear toda a sua vida de forma abrangente e, por extensão, todos os seus relacionamentos “oficiais”, o autor deixa claro, na parte que lhe cabe, que Zélia é a “mulher marcante”, seu “ideal de felicidade”.

---

<sup>23</sup> GATTAI, ZÉLIA. *Anarquistas, Graças a Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Em seguida, abre-se a seção “Cronologia”, na qual se dispõem os acontecimentos da vida/obra do escritor tal qual o título indica, de forma cronológica. Literalmente, ano a ano, uma vez que, com exceção de 1916 e 1919, todos, absolutamente todos os anos de vida de Jorge Amado são mencionados. Para isso, 81 páginas são requeridas. O início se dá em 1880, ano de nascimento do pai do escritor, João Amado, e o fim em 1992, com informações às vésperas da publicação da compilação. Nesse ínterim, localiza o nascimento dos familiares, pais e irmãos, filho e filhas, esposa e ex-esposa. Isto é, além do reconhecimento comum à Zélia Gattai, João Jorge e Paloma Jorge, Matilde Garcia Rosa e Eulália Dalila também são citadas e, mais do que isso, contextualizadas nesta publicação.

A seção em questão, “Cronologia”, é constituída tanto por informações que sequer ocupam toda uma linha, como “1915 Nasceu seu irmão Jofre.” (RUBIM, CARNEIRO, 1992, p. 3), quanto por registros que ultrapassam páginas, a exemplo do ano de 1961 que inicia na página 57 e termina na 59. Não há imagens na cronologia, ela é elaborada apenas por texto escrito, de forma que se evidencia a intenção do compêndio em manter a objetividade sem, contudo, abdicar do detalhamento. Assim, contextualiza acontecimentos relevantes para o próprio Jorge Amado e seu entorno sem, contudo, demorar-se nos excessos. Noto a intenção de identificar a construção do futuro grande escritor e, obviamente, não deixa de registrar anedotas famosas, a exemplo do episódio de escrita de “O Mar”<sup>24</sup>.

A primeira grande surpresa, como já antecipado, é que Matilde Garcia Rosa, não somente é citada, como também contextualizada em um tempo histórico real na obra, para além do espectro que se faz em outras narrativas biográficas que a localizam, quando muito, no casamento e no desquite com o escritor. Aqui, por exemplo, tem reconhecida sua condição de coautora, raramente mencionada nas retrospectivas de vida dedicadas a Jorge Amado:

1933:Casa-se com Matilde Garcia Rosa, em Estância, Sergipe. (dez.)

É publicado pela Schmidt o livro infantil *Descoberta do Mundo*, coautoria com Matilde

---

<sup>24</sup> Conta-se que quando Jorge Amado tinha 11 anos (1923) foi chamado na frente da turma pelo professor Pe. Cabral, que lhe conferiu inúmeros elogios à sua redação, denominada “O Mar”. Ao que se diz, o Padre olha para ele e fala: “esse vai ser escritor!” A partir disso, passa-lhe a emprestar clássicos da literatura mundial.

Garcia Rosa, ilustrações de Santa Rosa e publicado também no suplemento juvenil, do Rio de Janeiro. (RUBIM, CARNEIRO, 1992, p. 35).

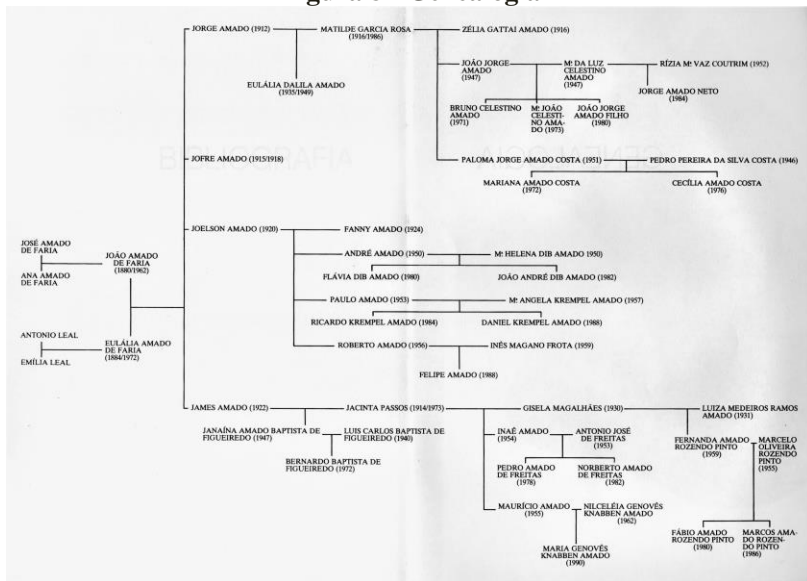
Também não são deixadas de lado as criações literária que Jorge Amado dedicou a ela, como:

1937: Publica o poema Cantiga da Amazônia na revista “A selva”, em Manaus. Este poema faz parte da coletânea *A Estrada do Mar*, publicada um ano depois, e que inicialmente se chamaria “Cantiga do Pacote Voador: Poema de Viagem e de Angústia para Matilde”. (out.) (RUBIM, CARNEIRO, 1992, p. 36).

Essa edição ainda proporcionou a descoberta do “Mendonça” no sobrenome de Matilde, “1986: Falece aos 73 anos Matilde Mendonça Garcia Rosa, ex-esposa de Jorge Amado. (fev.)” (RUBIM, CARNEIRO, 1992, p. 88), até então por mim desconhecido passados já três anos de pesquisa com/no Acervo.

Após “Cronologia”, é a vez de “Genealogia” falar Jorge Amado. Aqui Lila e Matilde são colocadas em par de igualdade com os demais membros da família do autor:

### Figura 8 - Genealogia



Fonte: RUBIM, CARNEIRO, 1992, p. 113.

A meu juízo, exemplos como esses tornam possível afirmar que o discurso que se empreende nesta obra transgride a personalidade comum às demais narrativas do autor, de modo que equilibra informações a respeito de sua vida, isto é, não apaga os acontecimentos do início da trajetória de Jorge Amado, como é comum ocorrer em outras construções.

Não há vaidades ou cuidados pessoais, o objetivo é informação para o pesquisador e, por isso, os recortes são mais amplos, de tamanho suficiente para caber (várias vezes) uma ex-esposa, por exemplo, o que pode ser possível, em meu julgamento, devido à própria construção da obra: são acontecimentos sobrepostos, um a um. No caso, organiza-se uma tessitura sem “romanceio” e, também por isso, possivelmente, não exista o espaço para elaboração de testemunhos de “amor perfeito” – segundo casamento perfeito – como ocorre em outras obras, como poderá ser notado mais adiante.

*Jorge Amado 80 anos de vida e obra* (3), minuciosamente, ainda, oferece o registro da obra de Jorge Amado para além da identificação já apresentada em “Cronologia”. Na seção “Bibliografia” a relação da produção literária do autor é proposta por títulos em ordem de publicação, com um resumo catalográfico, contendo: nome do livro, local de publicação, editora, ano da publicação (1ª ed.) e número de páginas.

Alguns mencionam o artista/fotógrafo responsável pela capa, também em alguns exemplares há indicação da pessoa que prefaciou o livro. Por fim, indica a “edição atual” da obra – lembrando que essa é uma publicação de 1992.

Um detalhe interessante é que Zélia Gattai foi a responsável por todas as fotos dos romances/edições indicadas como “atuais” (1992), o que sugere seu trabalho em direção à preservação da obra do marido. Além dos romances, há um catálogo das demais produções de/sobre Jorge Amado: teatro (uma peça), poesia (um livro), literatura infantil, memória, guia, conto, coautorias – aqui também estão inclusas as parcerias musicais do autor que, por exemplo, compôs com Caymmi famosas canções da MPB, como *Alegre Menina*, comumente atribuída a Djavan –, produções cinematográficas, músicas, traduções, discursos, palestras e conferências, dentre outros.

A partir da leitura e análise das três obras apresentadas, *Jorge Amado: 30 anos de literatura* (1), *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura* (2) e *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa* (3), é possível afirmar que dois macro movimentos editoriais são realizados. O primeiro, engloba os dois livros (1;2) editados pela Martins e tem como objetivo geral a apresentação de publicações de caráter mais mercadológico, voltadas para o público em geral. O segundo, por seu turno, conta com um livro (3) destinado a pesquisadores da obra e da vida do escritor baiano. Assim, a diferença substancial entre essas duas propostas reside no conteúdo de suas publicações, já que *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa* (3) traz denso e profícuo material para investigação enquanto *Jorge Amado: 30 anos de literatura* (1) e *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura* recortam e “pincelam” elementos da obra e da vida do escritor.

### 2.2.2 A vida em unidades de materializações: ensaio, entrevista e relato

Das quatro obras que mantém o que aqui será identificado como uma “unidade de materialização”, duas têm como opção de gênero o ensaio, uma a entrevista e a última, considerando a ordem de publicação, o relato pessoal. Assim, *Jorge Amado: Vida e Obra*, de Miécio Táci (1961) e *Jorge Amado: Retrato Incompleto*, de Itazil Benício dos Santos (1993) ocupam a primeira categorização, seguidos por *Conversando com Jorge Amado*, de Alice Raillard (1990) e, por fim, *Um Baiano Romântico e sensual: três relatos de amor*, de Zélia Gattai, João Jorge e Paloma Jorge, companheira e filhos do casal (2002).

As orelhas de *Jorge Amado: Vida e Obra* (4) convidam o leitor a

[...] tudo aquilo que é importante saber sobre o autor de *Gabriela Cravo e Canela* [...] o escritor, o jornalista, o “descobridor” generoso e desinteressado de vocações, o escritor brasileiro provavelmente mais conhecido no estrangeiro, o ideólogo e o idealista – o leitor trava conhecimento com Jorge Amado sob todas as suas diferentes faces. Faces que, de resto, se integram na face singular e única do homem.

Embora seja cotado entre os bons ficcionistas brasileiros de hoje, Miécio Táti em nenhum momento se deixou levar pela ficção [...]. (TÁTI. 1961, s/p, grifos meus).

Naturalmente, considerando-se seu momento de produção e publicação, é compreensível tal consideração para registro da intenção da obra, mesmo que nos dias atuais sejam até risíveis materializações nestes termos tão absolutos, “tudo aquilo que é importante”, “em nenhum momento se deixou levar pela ficção”. Isto é, essa tentativa “preto no branco” de limpar a linguagem. De todo modo, fica a informação de que esse livro promete-se relevante quanto aos recortes de vida de Jorge Amado. Agora, basta saber o que para Miécio Táti é “importante saber sobre o autor de *Gabriela Cravo e Canela*”.

Para socializar os acontecimentos que julga de maior destaque da vida do amigo e homenageado, Táti optou por redigir miniensaios temáticos que, ao final da leitura, constituem a “unidade Amado”. Assim, o livro é regido por títulos que trazem informações não fixadas pela linearidade espaço-temporal. Vale a observação de que os próprios títulos, se lidos à parte do texto, seguidamente um a um, contam uma história. História esta, diga-se, por muito deixada levar pela ficção, a considerar os complementos que o próprio leitor pode atribuir a ela. Não por acaso, aliás, o índice da obra se encontra ao final do livro, como se não quisesse deixar o leitor criar sua própria história de Jorge Amado.

São, precisamente, 52 momentos de criações em potencial a partir dos títulos assim denominados: i) Um jovem entre rebeldes; ii) Cenário e alma de uma obra; iii) Um pouco de Deus e fuga, com castigo; iv) A palmatória de dona Guilhermina; v) Nascimento há 48 anos; vi) O Bar Brunswick entra na História; vii) *Lenita*, uma abominação; viii) Rio e Faculdade; ix) *O país do Carnaval*; x) *Rui Barbosa número 2*; xi) Descoberta de caminhos; xii) *Cacau*; xiii) Teorias e discussões sobre literatura interessada; xiv) *Suor*; xv) Menino de buço, fazedor de amigos;

xvi) Publicitário e jornalista em prisão por ideias; xvii) *Jubiabá*; xviii) *Mar Morto*; xix) Literatura, romance e política como resultados sociais; xx) Reexaminando o modernismo; xxi) Sete meses vivendo de romances; xxii) Viagem por toda a América e segunda prisão; xxiii) *Capitães da Areia*; xxiv) Romances incinerados; xxv) *A estrada do mar*; xxvi) A atividade jornalística; xxvii) Macumba radiofonizada, a comédia *Philadelpho* e outros planos; xxviii) *Agonia da Noite e Sinhô Badaró*; xxix) *Brandão entre o mar e o amor*; xxx) *ABC de Castro Alves*; xxxi) Sobre “neutralidade na arte” e sobre “arte pela arte”; xxxii) *Vida de Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*; xxxiii) *Revolução & Letras*; xxxiv) A Bahia por mensagem; xxxv) *Terras do Sem Fim*; xxxvi) Do palco às ruas da Bahia e novamente Ilhéus; xxxvii) *São Jorge dos Ilhéus*; xxxviii) *Bahia de Todos os Santos*; xxxix) Da Bahia para São Paulo; xl) *Seara Vermelha*; xli) *O amor do Soldado*; xlii) Da Câmara ao exílio; xliii) *O Mundo da Paz*; xliv) Volta ao Brasil; xlv) *Os Subterrâneos da Liberdade*; xlvi) *Para Todos*; xlvii) *Gabriela, Cravo e Canela*; xlviiii) *Duas novelas*; xlix) Planos para breve; l) Trinta anos depois; li) e Jorge Amado analisa Jorge Amado.

É, portanto, por meio desses recortes que nos deparamos com a vida de Jorge Amado, sendo que não há registros de fotografias na obra. A única imagem que se faz ver é aquela que se depreende do texto do autor. Este, por seu turno, por óbvio e mesmo tendo negado, faz uso contínuo da fabulação da linguagem ao descrever cenários e episódios, ao supor sucessões de acontecimentos e assim por diante.

A partir dessa perspectiva, a título de exemplo, o leitor lê e projeta o homenageado no contexto do Movimento Modernista, em atuação na Academia dos Rebeldes, na sua profissão de repórter, redator e, finalmente, romancista; prevista desde menino, quando já “[...] exímio em composições sobre o mar.”, avalia Táci (1961, p. 16).

Da grande narrativa que se constrói, não se pode deixar de mencionar o impertinente e recorrente discurso machista que localiza, por exemplo, a mãe de Jorge Amado continuamente como coadjuvante em relação ao marido, pois “homem de vontade” era João Amado, que “[...] reuniu economias, comprou novamente terras, novamente progrediu.” (TÁTI, 1961, p. 18). Afinal, parece que pouco importa ao autor dessa obra que as economias reunidas foram resultado do trabalho de ambos, Eulália Leal e João Amado, em sua tamancaria.

Na mesma direção de menor importância, Matilde aparece como um adendo nas informações destacadas entre parênteses:

Tentaria a volta ao mundo nos sertões da Bahia, de Sergipe e Alagoas (1933), depois de casado (casara-se com Matilde Garcia Rosa, nesse mesmo ano), guardando carinhosamente, para futuras narrativas, a lembrança dos “casos” a contar e que por essas e outras viagens a vida lhe ensinava. (TÁTI, 1961, p. 40-41).

Nesse caso, no meu entendimento, a menção parece somente querer explicar a posterior aparição desta, que foi a primeira companheira de vida do escritor, em algumas dedicatórias de Jorge Amado, pois Táti registra todos os “oferecimentos” dos livros feitos pelo escritor baiano até 1961, data da publicação desta compilação. Assim, há, por exemplo: *Jubiabá*, “A Matilde, lembrança da viagem para recolher material [...]” (TÁTI, 1961, p. 68), *Mar Morto*, “A Matilde, esse romance de Gamboa de Cima [...]” (TÁTI, 1961, p. 81), *Capitães da Areia*, “Matilde: Jogávamos jogos de prenda. Andávamos de carro-de-boi. Morávamos em casa mal assombrada. Conversávamos com moças e mágicos. Achavas a Bahia imensa e misteriosa. A poesia deste livro vem de ti.” (TÁTI, 1961, p. 94) e *Bahia de Todos os Santos*, “A Matilde, quase baiana.” (TÁTI, 1961, p. 183).

Observo, antes de continuar, que há insistência nesta(s) materialização(ões) que tocam à Matilde porque, neste trabalho, interessa-me mencionar o que o Acervo Mala de Jorge Amado poderá trazer de novo, ou de diferente, a respeito dos anos do exílio em 1941-1942. E, nesse caso, Matilde pouco teve vez na larga narrativa de vida do autor, o que se materializa de forma diferente no Acervo, uma vez que se tem a presença desta por meio de correspondências endereçadas a ela.

De resto, saliento que *Jorge Amado: Vida e Obra* (4), antes de ser um ensaio destinado a pensar a vida do autor, é um trabalho que contextualiza a aparição e constituição do “escritor Jorge Amado” por meio de acontecimentos com o “homem Jorge Amado”. Quero dizer, os registros de vida estão subordinados às informações de sua produção intelectual, a fim de fazerem entender como esta se deu no curso da vida daquele identificado como o “autor de *Gabriela, Cravo e Canela*”.

De saída, há de se dizer, a respeito da segunda obra-ensaio aqui apresentada, *Jorge Amado: Retrato Incompleto* (5), que o constrangimento é sentimento constante na leitura do texto. Também não deixa de ser menor a impaciência despertada pela elaboração da narrativa, quase um canto de louvor a Jorge Amado. Nesse sentido, o autor elabora uma materialidade linguística que se quer rebuscada – vide uso



desmedido de próclises, por exemplo – e acaba por pecar no quesito “situcionalidade”, já que a obra não alcança a formalidade que Itazil Benício procurou atingir.

No que diz respeito à organização, o livro tem 207 páginas também regidas por orientações temáticas. Ao final, na mesma direção do livro de Táci (4), tem-se um ensaio a respeito de determinados pontos da obra e da vida de Jorge Amado. *Jorge Amado: Retrato Incompleto* (5), todavia, como se registra no título, tem uma ambientação mais contemporânea e abdica do caráter totalitário de se apreender o sujeito, isto é, de discorrer acerca do “tudo” importante na vida do escritor.

*Retrato Incompleto* (5) também faz uma seleção de “partes” da vida de Jorge Amado, sendo 21 divisões no total. Aqui, no entanto, os títulos dos minicapítulos parecem inclinar-se mais para o lado do “genérico”. Ilustro: i) Palavras Iniciais; ii) A Varinha de Condão – O Gênio Artístico; iii) A Nação Grapiúna; iv) O Menino Grapiúna; v) A Rebelião; vi) A Vocação; vii) O Movimento Modernista; viii) O Povo; ix) As Religiões – O Culto Afro-brasileiro; x) A Linguagem; xi) A Criação; xii) O Ano de 1930; xiii) Os Cadernos do Aprendiz de Romancista; xiv) I Congresso de Escritores Brasileiros; xv) O Longo Exílio na Europa; xvi) A Partir de *Gabriela* – Nova fase na Vida e na Obra do Escritor; xvii) O Humor; xviii) As Academias; xix) Os Prêmios; xx) “Vou passar Vinte Anos Esquecido...”; e xxi) A Esperança – Uma réstia de Luz.

Também nessa obra (5), vê-se a abstenção do uso tradicional da organização cronológica comum às escritas biográficas. Assim, sem marcações rígidas de lugares e datas – “muito tempo” ou “naquela época” –, o autor procura construir-se enquanto um contador de histórias (“reais”). Bem verdade, o livro não leva a cabo (tampouco se propõe a fazê-lo) a proposição cronológica de ordenação dos fatos, de forma que os miniensaios são guiados somente pelos eixos-temáticos, que desobrigam o autor à coesão imediata entre si.

Importante, ainda, é a localização que o próprio Itazil faz de seu livro:

Este livro não tem, de longe sequer, a pretensão de estudar, muito menos do ponto de vista da crítica literária, a obra de Jorge Amado. Pela simples razão de que o autor jamais estudou, jamais praticou, jamais fez crítica literária.

Médico, exercendo especialidade médica abrangente e em constante evolução, professor de medicina na especialidade, ninguém mais ciente

das responsabilidades que assume quem emite conceitos, juízos e opiniões sobre qualquer assunto. Conhece, além disso, o autor a complexidade que envolve a crítica literária e a objetividade com que deve ser encarada e tratada. (SANTOS, 1993, p. 11).

De imediato, pergunto ao autor: seria o ensaio biográfico um estudo sem seriedade? Quer dizer, se ele não se arrisca à crítica literária devido à complexidade que a envolve, seria plausível chegar à conclusão de que a mesma consideração não se estende às narrativas do espaço biográfico? Parece que sim, a considerar esse seu *Retrato Incompleto*.

Além disso, é “curioso” – para não recorrer a outros vocábulos, possivelmente, desalentantes – que Itazil Benício reivindique sua qualidade de médico, “ninguém mais ciente das responsabilidades que assume quem emite conceitos, juízos e opiniões sobre qualquer assunto.”, como medida de autoridade para reconhecer a seriedade da prática da crítica literária. Ao se observar questões desta ordem, que fique claro, não se está defendendo que a prática da escrita seja um direito de alguns, apenas. O que se quer, sim, é evidenciar o *status* de inferioridade que o autor parece ter conferido à prática biográfica.

Dado esse panorama mais genérico da obra, destaco três questões que me chamaram atenção na leitura desse livro. A primeira reside nas escolhas lexicais que denotam imprecisão quando se refere, Itazil Benício, ao momento de militância política de Jorge Amado no PCB, como se ambientando, estivesse ele, o lugar do inominável, do perigoso, ilustro:

Jorge, que desejou ‘viver ardentemente’, além da atuação política, *em certa fase de sua vida*, mantém intensa atividade intelectual. Rebelde, afeito sempre às mudanças, à renovação, sua *atuação política foi destacada em certa fase de sua vida*. Amante da liberdade e sempre engajado nos movimentos para a liberdade, militante comunista, deputado pelo Partido Comunista, preso político, exílios, não dispunha do seu tempo, dedicado a reuniões e viagens, até 1955, quando deixa o partido, cessa sua atividade militante, *para escrever apenas*. (SANTOS, 1993, p. 19, grifos meus).

Também ganha meu interesse, como segundo ponto de destaque, os juízos de valor que o escritor dessa obra elabora. Exemplifico:

Por outro lado, *é a essência estética que confere perenidade à obra de arte, e, pois, condições para resistir ao curso do tempo*. O trabalho artístico, a obra de arte de real valor, em qualquer dos seus múltiplos aspectos, no romance, no conto, na poesia, na pintura, no cinema, resiste ao tempo, que costuma passar sobre todas as coisas, resiste ao modismo e às inovações. (SANTOS, 1993, p. 20, grifos meus).

Fica, para mim, a dúvida: com qual autoridade Itazil Benício tece tais considerações? A do médico? A do leitor? A do sujeito que desconhece a crítica literária?

Por fim, como terceira e última observação de destaque, falo sobre as passagens em que Zélia Gattai se torna personagem na obra, como em:

Chamava-se Zélia, Zélia Gattai. Leitora assídua e constante dos livros de Jorge Amado, vibrava com a mensagem social e humana neles contida, mensagem que se espalhava e desdobrava em múltiplas faces e aspectos, de ordem econômico-social, mas, na verdade, expressões de seu conteúdo nuclear – liberdade. [...] Trazia consigo um desejo íntimo, muito íntimo mesmo: o de conhecer o escritor Jorge Amado, o escritor famoso e festejado, mas, também, o militante político antifascista, de quem já reunia, dispostos com carinho em sua estante, alguns relidos, todos os livros publicados, inclusive o último saído, *São Jorge dos Ilhéus*. (SANTOS, 1993, p. 143).

A partir desse excerto, não me parece exagero afirmar que o autor do livro empreende um discurso laudatório em torno do relacionamento de Zélia Gattai e Jorge Amado, ambientando um cenário quase de conto de fadas, cujo final desemboca no “final feliz” que une o intelectual de grande destaque e a “fã” com consciência de classe – afinal “vibrava com a mensagem social e humana”, pois ciente dos valores que realmente importavam, “liberdade” –. Registro, por fim, a diferença de exposição textual da passagem acima com a que menciona Matilde e Lila:

[...] Jorge não regressou, com a delegação de que fora presidente, à Bahia. Permaneceu em São Paulo, passando a residir, em um apartamento alugado, na Avenida São João, com sua filha Lila, do primeiro casamento, de nove anos de idade, então em sua companhia, [...]. Jorge desquitara-se de Matilde Garcia Rosa em dezembro de 1944. Do casamento, que se dera em Estância, Sergipe, em dezembro de 1933, nascera, a 25 de janeiro de 1935, Eulália Dalila Amado (Lila). (SANTOS, 1993, p. 16).

Nada mais se diz sobre elas.

Findas as considerações acerca das obras-ensaios, *Conversando com Jorge Amado* (6) passa a objeto dessa contextualização de narrativas do espaço biográfico. A obra, com suas 318 páginas, é uma entrevista concedida pelo escritor, em Língua Portuguesa, à Alice Raillard, estudiosa e entusiasta da obra de Jorge Amado. Conforme apresentação, esta “longa conversa”

[...] é um painel da vida política e cultural do Brasil desde os anos 30, com romances de Jorge Amado sendo analisados pelo próprio escritor ao longo da narrativa. São depoimentos reais, através de uma visão crítica e às vezes bem humorada, onde desfilam homens do estado, intelectuais, atores, músicos, políticos, pessoas famosas do mundo todo e o povo da Bahia – matéria viva de seus romances. (RAILLARD, 1990, apresentação).

Para isso, Alice organizou a fala de Jorge Amado em 13 momentos distintos, porém complementares: i) A Casa; ii) A Academia do Rebeldes; iii) País do Carnaval; iv) O Milagre Brasileiro; v) A Tenda dos Milagres; vi) *Jubiabá*; vii) *Os Subterrâneos da Liberdade*; viii) Terras Violentas I; ix) Terras Violentas II; x) Terras Violentas III; xi) Do Brasil e de Outras Partes; xii) *Gabriela*; e xiii) O Mundo em Forma de Romance.

Nessa entrevista, indagações muito bem estruturadas provocaram o escritor a um retorno profundo e profícuo à sua obra e à sua vida. Juntos, entrevistadora e entrevistado conseguiram produzir uma das mais completas narrativas biográficas do autor. De forma que assuntos de natureza doméstica, pessoal, pública, política, literária, sentimental etc. estão presentes nas questões e respostas sem, contudo, marcarem fronteiras rígidas e artificiais. Quer dizer, os registros são fluidos,

contextualizados e condizentes com a vida em sua realidade plural e múltipla.

Além disso, em algumas passagens, chega a ser desconfortável a leitura dessa entrevista, que já ultrapassa 26 anos de idade, tamanha a sua atualidade. Quero dizer, em muito, parece descrever “o aqui e o agora”, a realidade brasileira contemporânea. Refiro-me, principalmente, à impossibilidade de indiferença diante de registros que falam à situação política do Brasil na década de 1990 – nas palavras do autor, “reaprendendo a democracia” – porque fazem ver que tal aprendizagem ainda se encontra em vias embrionárias, a considerar a ruptura democrática que se instalou no país, em pleno ano de 2016, com o afastamento da presidenta Dilma Rousseff. Ilustro com o excerto:

Nós estamos reaprendendo a democracia, o exército da democracia, depois de tantos anos em que tudo era decidido autoritariamente através da vontade de alguns senhores que estavam no poder. Estamos nos habituando a não ficar chocados com as coisas mais normais que haviam desaparecido do nosso horizonte, como por exemplo que uma greve não é um ato ilegal, que invariavelmente terminará com pancadaria com a polícia, em intervenção do exército, prisão de líderes e operários, mas sim que é um direito, algo pacífico ao qual os operários podem recorrer para defender seus direitos; já vimos isso nas últimas greves. Estamos começando a viver uma outra época no Brasil depois de anos de uma ditadura implantada por um sistema militar incompetente, violento, brutal [...]. (AMADO, 1990 apud RAILLARD, 1990, p. 26).

Assim, em uma direção que problematiza seu entorno e consequentes desdobramentos, Jorge Amado e Alice Raillard conversam desde as motivações do escritor no engajamento na causa comunista (desde a Juventude Comunista) aos azulejos da Casa do Rio Vermelho, todos de Carybé. Da Academia dos Rebeldes a *Gabriela, Cravo e Canela*. Do Candomblé às ditaduras argentina e brasileira. De seu processo criativo à visita de Sartre e Beauvoir ao Brasil.

No que diz respeito ao envolvimento com o PCB e, especialmente, à influência do partido em sua produção intelectual, destaco a resposta de

Jorge Amado quando indagado acerca da divisão comum que parte da crítica especializada costuma fazer de sua obra, diz ele:

Construíram uma teoria, que foi retomada aqui por certas pessoas, segundo a qual minha obra se dividia em suas partes; uma anterior à *Gabriela* e a outra posterior. É uma estupidez, uma bobagem total. Foi então que um amigo, cujo nome não quero citar, e que conhecia a realidade das coisas, escreveu um artigo sobre *Quincas Berro D'Água* e *Capitão de Longo Curso*, para afirmar que eu abandonara todo o interesse pelo povo, pela vida, e que meus heróis eram podres – um artigo ridículo, um tecido de asneiras... A crítica em si era tão boba que não consegui me abalar, mas eu estava magoado pelo fato de amigos conseguirem escrever tais coisas, *cumprindo ordens, submetendo-se a elas. Eu sei... Conheço bem o mecanismo... Compreendo como ele e outros chegaram a tomar estas posições*. Falo nisso sem rancor. Explico o que houve, em que condições, acreditando na ideia de que até certo momento eu teria feito uma obra revolucionária, de denúncia social, para um amanhã melhor, uma nova era, uma obra ao lado do povo, e que de repente eu teria modificado minhas posições, abandonado minha atividade militante do Partido! ... Eles não diziam explicitamente que era por isso. Diziam que a obra se tornara folclórica, que era a negação da obra passada, não sei mais o quê, como se os elementos da vida, do folclore não estivessem presentes em livros como *Jubiabá*, *Mar Morto*, a presença de Iemanjá, do candomblé etc., ou e *Capitães da Areia*... Tudo isso é uma tolice incomensurável. Mas perdura até hoje: as duas obras, a do início, revolucionária, denunciando a injustiça social, e a outra. Não, minha obra é uma unidade, do primeiro ao último momento. Só se pode dizer que existe, no início, uma profusão do discurso político, correspondendo ao que eu era então. (AMADO, 1990 apud RAILLARD, 1990, p. 266-267, grifos meus).

Desse depoimento, destaca-se a recorrente “ambientação sectária” do PCB a que Jorge Amado faz referência quando discorre sobre os motivos de sua ruptura com o Partido, na década de 1950. Além disso, é possível fazer uso desse excerto para nos reportarmos ao primeiro capítulo deste trabalho, quando se discute o “autoexílio” do escritor para a elaboração da biografia de Prestes: “Eu sei... Conheço bem o mecanismo...”, diz em relação ao cumprimento de funções e regras estipuladas pela “diretoria”.

Ainda no que diz respeito às questões contextuais de 1941 e 1942, é pertinente mencionar a provocação de Alice Raillard acerca do “getulismo”: “a coisa mais complicada de se entender, assim como o peronismo!” (RAILLARD, 1990, p. 69). Em resposta, o escritor justifica:

São fenômenos típicos do continente latino-americano: os caudilhos. O getulismo é uma projeção do caudilhismo que vem desembocar num movimento muito poderoso no Brasil. O populismo.

[...]

Getúlio Vargas criou uma legislação trabalhista que representou um progresso importante, depois tirou partido da popularidade que adquirira – era um caudilho no fundo, um gaúcho, e daí vem toda a questão do populismo no Brasil. Em dado momento, tirou partido disso para se tornar ditador, assumir o tom durante oito anos, instaurar a ditadura do Estado Novo – não era realmente fascista, o fascismo é uma ideologia muito precisa, não era este o caso. Era uma ditadura sul-americana, Getúlio se apoiava nos militares – são sempre eles que sustentam as ditaduras: os militares na América Latina têm um papel a meu ver extremamente negativo. (1990 apud RAILLARD, 1990, p. 69-71).

Mais adiante, não satisfeita, insiste:

A.R. – Jorge, você me diz que as coisas não devem ser vistas de uma perspectiva europeia, que para entende-las não se pode partir de uma visão ideológica... Mas, antes que percamos o fio da meada, é sobre o início dos anos 30 que

falávamos... E, me parece, as posições, inclusive as suas, eram bastante diferentes...

J.A. – (*quase violentamente*) – Claro, todas elas! De todos nós! Naquele tempo, a divisão do Brasil em esquerda e direita era pivô de tudo. Aquilo a que hoje chegamos estava então começando. Só dava nisso, direita-esquerda. Mas há uma diferença...

“Será que vai ser um romance proletário?” Tudo estava nisso. Todas as coisas que estão lá eram corretas para a época, nada tenho a abolir ou mudar. O que é feito, feito está. Em 1930, estávamos sob uma influência ideológica imediata – eu nunca lera Marx, não sei se muitos entre nós o leram, Prestes talvez; mas a maioria dos líderes do PC sem dúvida jamais leu. Nós nos dizíamos marxistas, e quando escrevi *Cacau* declarei que queria fazer um “romance proletário”, eram todas as influências das quais falei, assim como a onda da época, de um determinado tipo de literatura. (RAILLARD, 1990, p. 74, grifos da autora).

Se nas indagações de Raillard vê-se caminhar lado a lado a provocação (o “enfrentamento”) e a tentativa genuína de se compreender de maneira profunda a conjuntura histórica, política e social da produção intelectual do escritor baiano, em Jorge Amado vê-se o discernimento e a maturidade em relatar tais recortes do passado. Quero dizer, o afastamento do espaço e do tempo parecem ter dado conta de conter o “entusiasmo” e, porque não?, a inocência que o guiavam, por exemplo, no período da compilação do Acervo. Nesse sentido, essa entrevista tem uma colaboração particular no contexto de investigação em questão, principalmente, ao se comparar o discurso que emerge, de maneira geral, da “mala” e o que Jorge Amado aqui apresenta, aquele ambientado por noções mais simplificadoras, dualistas – “eles X nós”, “bom X mal”, “herói X bandido” – e este mais atento à complexidade das (rel)ações humanas. Refiro-me ao discernimento do escritor em pintar os quadros políticos de ontem, em nada semelhantes àquele do jovem e enérgico biógrafo do “cavaleiro da esperança”.

Por fim, no que diz respeito a quarta e última obra abordada nesta seção, *Um Baiano Romântico e sensual: três relatos de amor* (7), observo que o relato a que farei destaque será apenas o de Zélia Gattai. Recorte motivado em razão da temática discutida pela autora, que não deixa de



discorrer a respeito de episódios da vida de Jorge Amado que antecederam sua relação com o escritor.

Quer dizer, metaforicamente, se é que se pode falar nesses termos, Zélia Gattai “cria” memórias que antecedem 1945, ano em que começou a se relacionar com aquele que viria a se tornar o companheiro de uma vida. Isso porque ela “rememora” lembranças anteriores a seu relacionamento que falam, aliás, ao exílio de 1941 e 1942. Para isso, justifica que teria, o próprio Jorge Amado, contado a ela esses fatos para que soubesse de sua boca o que realmente aconteceu quando não compartilhavam uma vida em comum. Ou seja, de imediato, noto um esforço da autora (e determinada imposição, eu diria) em registrar uma onipresença na vida de Jorge Amado, como se quisesse deixar clara sua presença absoluta na vida com o esposo.

Quanto à obra, estruturalmente, o livro está organizado em três momentos, além da apresentação assinada por Eduardo Portella, presença já recorrente nessas escritas de caráter biográfico sobre Jorge Amado. São eles: i) “Ai, que saudades de Jorge!”, de Zélia Gattai Amado; ii) “A completa verdade sobre as discutidas aventuras do comandante Jorge Amado, capitão de longo curso”, de João Jorge Amado; e iii) “Meu melhor amigo”, de Paloma Jorge Amado. Juntos, esses relatos somam 231 páginas que fazem jus ao subtítulo da obra, isto é, são “três relatos de amor”.

Na décima primeira página do livro, Zélia Gattai inicia suas tratativas textuais. Porém, antes disso, há uma imagem que ocupa toda a página dez: Jorge e Zélia, idosos, em 1990, abraçados, sorrindo. É um aviso que me disse: “esta é uma história de vida. Aqui o abraço é permanente, sempre o foi. Entrelaçamento cumprido até quanto nos foi possível, interrompido apenas quando no esvanecimento do corpo. Um abraço da vida que só a morte separou.”

## Figura 9- Jorge Amado e Zélia Gattai 1



Fonte: GATTAI, 2002, p. 10.

Ao lado da imagem, a palavra:

No início do ano 2000, doente, abatido, ainda assim Jorge comemorou comigo os 55 anos de nosso amor, 55 anos de nosso primeiro encontro. Verdade seja dita, apenas ele me viu pela primeira vez em maio de 1945. Eu o vira, de longe, meses antes. Segundo ele sempre confessou, ao pôr os olhos em mim, o clima rolou em seguida: rolou o clima quem diz sou eu agora, recatada; ele falava em tesão. (GATTAI, 2002, p. 11).

O texto segue nesse estilo até o fim. Zélia vai construindo sua identidade de contadora de histórias espontânea e despreocupada, por meio de estruturas simples e registros coloquiais – como em “[...] e ai de quem ousasse abrir a boca!” (GATTAI, 2002, p. 13) ou “Discreta, entrei direto, dando apenas um alô. Nem me dera conta, burra, de que o rapaz magrinho era Jorge Amado.” (GATTAI, 2002, p. 15) –.

Do conjunto do depoimento elaborado por ela, chama a minha atenção o fato de que as ilustrações não ganham *status* secundário na produção. Pelo contrário, elaboram, independentemente, sua própria narrativa. Ou melhor dizendo, a narrativa de vida do casal Amado, a considerar a frequência da presença de Zélia e do casal nas fotografias. O

que se torna óbvio, inclusive, uma vez que o livro é um depoimento dela e dos filhos sobre lembranças da vida em comum.

Sobre estes registros, uma ressalva: majoritariamente, as fotos são oriundas do arquivo “Zélia Gattai”, cuja residência é, e sempre foi, a Fundação Casa de Jorge Amado. Ou seja, não há dúvidas dessa presença que atravessa a narrativa de vida do referido autor, sugerida desde a capa do livro, na qual se registra uma foto do casal ainda jovem, sorrindo, com os rostos colados, lado a lado. Isto é, a obra é de autoria dos três, esposa e filhos, porém a capa traz somente Zélia e Jorge.

O livro não fixa datas. O que o guia são as fotos, que não têm ordenação cronológica ou temática. Todas as imagens estão em preto e branco, o que atribui certa materialização poética às fotografias, que ilustram uma bonita vida em comum. Feliz e rica, cultural e sentimentalmente falando; rodeada de amigos, lembranças e experiências, mas que se foi, quer dizer, não mais o é. O preto e branco dão a ambientação dúbia do registro e do luto, pois demarcam a dor da saudade. Ilustro:

**Figura 10 - Jorge Amado, Zélia Gattai e amigos no castelo de Dobris**



Fonte: GATTAI, 2002, p. 48.

**Figura 11 - Jorge Amado e Zélia Gattai na Tchecoslováquia**



Fonte: GATTAI, 2002, p. 50.

**Figura 12 - Jorge Amado, Zélia Gattai e João Jorge**



Fonte: GATTAI, 2002, p. 55.

**Figura 13 - Jorge Amado e Zélia Gattai com amigos**



Fonte: GATTAI, 2002, p. 25.

**Figura 14 - Jorge Amado e Zélia Gattai 2**



Um beijo na testa.

Fonte: GATTAI, 2002, p. 97.



**Figura 15 - Jorge Amado e Zélia Gattai 3**



Fonte: GATTAI, 2002, p. 110.

Como sugerido na seleção de imagens acima reproduzidas, as fotografias vão desde a mocidade, a partir de quando Jorge Amado e Zélia Gattai iniciaram a relação afetiva, até a velhice, com fotos espontâneas e divertidas do casal já idoso. Da mesma forma que as imagens vão sendo dispostas, o texto de Zélia avança com anedotas a respeito da vida a dois e episódios felizes, engraçados, sentimentais, amorosos vão sendo dispostos um a um.

Por fim, destaco que pouco a pouco, palavra a palavra, imagem a imagem, essa narrativa de vida conquista e hipnotiza, de maneira que o discurso do “casal Amado”, como um contínuo um do outro, torna-se consistente e irreparável. Tanto que em certa altura da leitura há um latente desconforto em continuar a identificar um “discurso da manutenção da imagem”. Como se ao fazê-lo, isto é, ao procurar “pistas” que desconstruam a “aura” da narrativa de vida aqui empreendida, eu estivesse praticando a mais alta ofensa, sendo o sujeito mais petulante.

Quero dizer, o texto de Zélia Gattai, como qualquer texto, é uma construção, uma elaboração discursiva em prol de um objetivo, de uma função. E, nesse caso específico, fica evidente na minha avaliação, que a autora organiza esse espaço de fala para edificar uma imagem imaculada em torno de seu relacionamento com Jorge Amado, a ponto de obter tanto sucesso que me deixa constrangida ao questionar e/ou problematizar determinados elementos que o compõe.

Por fim, a partir das observações apresentadas acerca das quatro obras analisadas nesta seção: *Jorge Amado: Vida e Obra* (4), *Jorge Amado: Retrato Incompleto* (5), *Conversando com Jorge Amado* (6) e *Um Baiano Romântico e sensual: três relatos de amor* (7), é possível localizar três macro-elaborações discursivas: i) a primeira, engloba os dois livros (4;5) que se assemelham quando na tentativa de apresentar a vida e a obra de Jorge Amado a partir de recortes temáticos pertinentes, na visão dos autores. Ao que parece, nesses casos, Matilde e Eulália Dalila não são suficientemente relevantes para terem lugares de destaque nos recortes; ii) a segunda, fala à entrevista de Alice Raillard (6) que, em uma proposta muito particular e significativa, orientou seu entrevistado à discorrer acerca de sua vida e obra sob uma perspectiva de contextualização histórica e política; iii) a terceira, corresponde à narrativa de Zélia Gattai (7) que, por meio de uma dicção intimista, organizou seu texto com episódios nos quais sequer esteve presente, a fim de indicar ao leitor, simbolicamente, certa ubiquidade na vida de Jorge Amado.

### 2.2.3 A vida em narrativas híbridas: da cronologia à entrevista

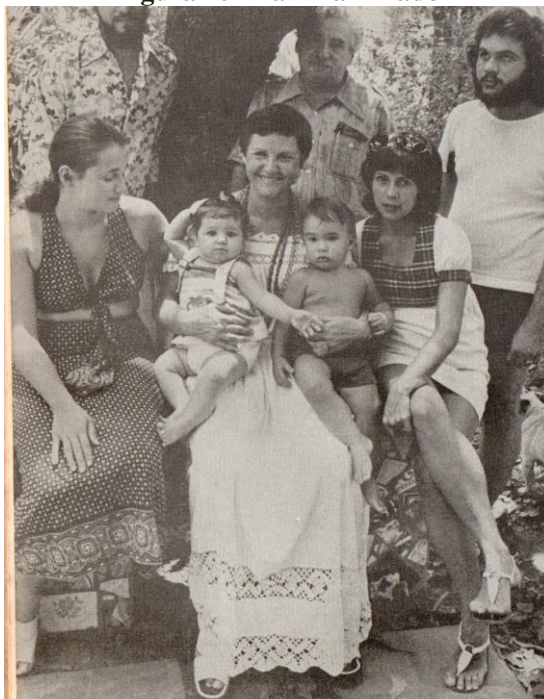
Esta terceira seção de apresentação e contextualização da obras que falam à vida de Jorge Amado é dedicada a pensar as narrativas que se estruturaram por meio da materialidade múltipla da composição, no sentido de recorrerem a mais de uma realização de gênero para a elaboração do discurso de vida do personagem biografado. Foram elas: *O Baiano Jorge Amado e sua obra*, de Paulo Tavares ([1980] 1982), *Jorge Amado: Literatura Comentada* (1981), uma organização de Álvaro Cardoso Gomes e *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado*, do Instituto Moreira Salles.

No que diz respeito a *O Baiano Jorge Amado e sua obra* (8), chamo atenção para a apresentação do organizador do compêndio, Paulo Tavares, que avisa: “Dada a permanência do prazo concedido [para organizar o livro], não será improvável deparar-se com algum anacronismo ou discrepâncias outras entre os elementos citados.” (TAVARES, 1982, s/p). Quer dizer, de imediato, o leitor é informado de que essa compilação foi devorada pelo mercado editorial, no sentido de ter sido elaborada o mais rápido que se pôde devido à necessidade de circular nas prateleiras ou, sem eufemismos, de faturar. Honesto, porém desestimulante.

O livro de 196 páginas, com capa dura, é dividido em cinco partes, a saber: i) Icnografia; ii) Cronologia; iii) Bibliografias; iv) Antologia; e v) Enfoques. No que diz respeito à “Icnografia”, são reproduzidas dez fotografias em preto e branco que trazem, principalmente, Jorge Amado ao lado de amigos famosos, a exemplo de Pablo Neruda, Ferreira de Castro, Oscar Niemeyer e Anna Seghers. Espirituoso, o autor, Paulo Tavares, registra inclusive uma imagem sua com Jorge Amado. A família, esposa, filhos, nora, genro e netos, também aparecem em uma fotografia denominada “O Patriarca”. Ilustro:



**Figura 16 - Família Amado**



**O Patriarca**

Sob a árvore, de pé, Jorge Amado entre Pedro Costa e João Jorge Amado, e, sentadas, Zélia Amado, com os netinhos Bruno e Mariana ao colo, entre Paloma Amado Costa e Maria Celestino Amado, no quintal da casa à Rua Alagoinhas, 33, na Bahia, em 1972.

Fonte: TAVARES, 1982, p. 16.

“Cronologia”, sem surpresas, elabora o que o nome sugere, uma relação de informações orientadas por datas. Há indicação, além da marcação dos anos, dos meses em que determinado episódio ocorreu, sendo que, ao lado direito da página ficam os textos e, ao esquerdo o ano de referência do acontecimento, com fonte maior, mais destacada. Assim, há o indício de que as informações procuram não despertar equívocos quanto ao espaço de tempo em que se desenvolveram.

O texto, que não tem imagens de nenhuma natureza, toma como início o nascimento de Jorge Amado, em 1912, e conclui suas

considerações em 1979, data de embarque do escritor para o Senegal. Destaco, das informações apresentadas, que em vários momentos tive a impressão de que esta materialidade fosse um contínuo de *Jorge Amado: Vida e Obra* (4), de Miécio Táci. Isso porque as referências aos pais de Jorge Amado se aproximam muito no que diz respeito ao “papel” de João Amado como provedor, que monta uma tamancaria, que trabalha para readquirir bens, e de Eulália Leal como uma “figurante” ou uma “ajudante”.

A composição das informações é bastante sintética, de forma que não há uma elaboração em formato de produção textual. O que se encontra é um conjunto de frases informativas concisas, dispostas uma abaixo da outra, e, nesse sentido, não há tentativa aparente de se complementar os dados de forma a contextualizá-los. Assim, por exemplo, é dito que Jorge Amado em “1933, dez. Casa-se, em Estância, com Matilde Garcia Rosa.” (TAVARES, 1982, p. 26), da mesma maneira que sua união posterior é informada: “1945, jul. Casa-se na Capital paulista com Zélia Gattai.” (TAVARES, 1982, p. 36). Isto é, não há uma diferenciação nas formas de dizer, nesse caso.

Chamou-me atenção, ainda, a desinformação quanto à Eulália Dalila, pois, primeiro, a mim me pareceu que o autor creditou o apelido, Lila, como nome, “1935, jan. 25. Nascimento de sua filha Lila.” (TAVARES, 1982, p. 30). Segundo, quando menciona a morte da menina, diz: “1949, dez, 19. Falece de mau súbito, no Rio, sua filha Lila.” (TAVARES, 1982, p. 38), o que é um equívoco, já que Eulália morreu de leucemia.

Ainda sobre o livro, é interessante mencionar que sua terceira parte, “Bibliografia”, traz uma relação organizada das obras de Jorge Amado publicadas até a ocasião de elaboração deste compêndio, orientando em cada uma o nome, o gênero, a editora, a cidade e ano tanto da primeira edição quanto da edição “atual” de cada volume (considerando-se 1980, data da publicação do compêndio de Tavares). Todavia, mais interessante, para mim, foi notar o item “coautorias” sem a presença de *Descoberta do Mundo*, publicação de Jorge Amado e Matilde Garcia Rosa, como já mencionado anteriormente.

Já em “Antologia”, propõe-se um questionário a Jorge Amado, semelhante àquele da obra de comemoração aos 80 anos, para, seguidamente, oferecer ao leitor “Dezesseis trechos colhidos ao acaso nas obras de Jorge Amado e que bem refletem as características do escritor [...]” (TAVARES, 1982, p. 145), na opinião do compilador. Para finalizar, “Enfoques” propõe-se a contextualizar Jorge Amado no cenário da literatura brasileira da época, além de trazer textos que discutem alguns

tópicos recorrentes na obra amadiana, como a religião, a terra, e a liberdade.

A segunda publicação abordada neste tópico, *Jorge Amado: Literatura Comentada* (9), com organização de Álvaro Cardoso Gomes, possivelmente, é o livro mais conhecido de todos. Isso porque faz parte da coleção “Literatura Comentada”, uma publicação da Editora Abril, dos anos 1980, que se popularizou facilmente em razão do baixo custo – também devido às grandes tiragens –, da propaganda, com direito a horário nobre na televisão, e da facilidade de localização, porque estava presente senão em toda, em praticamente toda, banca de revista da época.

Cada volume trazia um único autor para ser abordado. Assim, apresentava-se uma pequena biografia do homenageado da edição, excertos de sua obra, com comentários e explicações, entrevista, avaliações críticas, e exercícios de fixação. Ou seja, bem verdade, a coleção constituiu-se, na prática, como uma elaboração paradidática. Especificamente, no que toca à edição dedicada a Jorge Amado, com capa de Vitório de Paulo Gazolli, há 11 seções para as 128 páginas: i) Entrevista biográfica; ii) Cronologia biográfica; iii) Obras do autor; iv) Textos selecionados; v) Panorama da época; vi) Cronologia histórico-literária; vii) Características do autor; viii) Verificação dos conteúdos; ix) Exercícios de fixação; x) Atividades de criação; e xi) Livros para consulta.

Na seção “Entrevista Biográfica”, assinada pelo jornalista Antônio Roberto Espinosa, Jorge Amado responde a indagações diversas em torno de sua trajetória de vida. Assim, do ponto de vista das precisões biográficas, essa conversa é esclarecedora no que diz respeito a equívocos que se repetem no tocante à determinadas informações de sua vida, a exemplo do fato de lhe atribuírem nascimento em Ilhéus, ou da influência do Pe. Cabral e da história da redação, “O Mar”, sempre romantizada por quem a conta. A esse respeito, Jorge Amado declara: “A influência dele sobre mim não foi tanto pelo fato citado da redação de português [...] veio de outra coisa, da abertura dele, do seu não sectarismo.” (AMADO, 1981, p. 07).

“Cronologia”, por seu turno, deixa enganar quem se detém apenas ao título. Não porque não segue a ideia de ordenação sucessiva de fatos, mas porque se materializa em apenas uma página, tendo somente 22 datas mencionadas. Ou seja, traz pouquíssimas informações a respeito da vida do autor. No geral, inclusive, o livro tem esse caráter de “resumo”, quer dizer, identifico um discurso de “vender uma ideia geral” do autor-tema, no caso, de Jorge Amado, o que implica uma organização que não

reivindica a noção de plenitude do sujeito homenageado, o que não ocorre com a próxima obra que será apresentada, por exemplo.

*Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado* (10) foi publicado no ano de 1997 pelo Instituto Moreira Salles, organização sem fins lucrativos que se propõe a promover, desenvolver e ampliar programas culturais que atuam, principalmente, nas áreas de fotografia, música, literatura e iconografia. Uma vez que é detentor de acervos nas distintas áreas acima mencionadas, o objetivo fundamental do Instituto é o de

[...] difundir esses acervos da maneira mais ampla. Isso requer um ingente trabalho prévio de higienização e digitalização de imagens e sons, e sua melhor catalogação, para servir a exposições e a publicações e atender pesquisadores e outros consulentes. Mas vai além. O IMS tem aperfeiçoado e renovado seu endereço na internet ([ims.com.br](http://ims.com.br)) para propagar de forma ágil e gratuita seus acervos e sua programação. [...] Memória está em quase tudo o que o IMS faz. Ser guardião do passado é missão das mais nobres. De um passado que não fique estagnado, mas que seja também fundamental para entender o presente e enfrentar o futuro. Na melhor inspiração de sua história, o IMS quer construir legados culturais. É a isso que vem se devotando. (PINHEIRO, 2016, *on-line*).

Assim, *Cadernos Jorge Amado* (10) faz parte de um projeto maior que se propõe dar voz, ou melhor, capa – haja vista que cada volume é destinado a uma única figura expoente da literatura brasileira – ao autor. Em razão de sua “surpreendente dimensão popular e internacional” (CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 1997, p. 6)<sup>25</sup> e de sua peculiar influência sociocultural, Jorge Amado ocupa o terceiro número da coleção, atrás somente de João Cabral de Melo Neto e de Raduan Nassar, escolhidos para o primeiro e segundo volumes da coleção, respectivamente.

As 170 páginas em papel couchê A4, contando da primeira à última folha do exemplar, seguem o mesmo padrão das demais publicações da *Cadernos de Literatura Brasileira* desde a apresentação da capa, com

---

<sup>25</sup> Daqui em diante as referências serão indicadas somente com a denominação “Cadernos”.

uma foto com efeito preto e branco do autor escolhido, até o conteúdo, que propõe uma exploração, que se pretende absoluta – eu diria –, da vida e da obra do escritor. A *Cadernos Jorge Amado*, excluída a apresentação, é dividida em nove seções assim denominadas: i) Memória Seletiva; ii) Confluências; iii) Entrevista; iv) Geografia Pessoal; v) Inéditos; vi) Variantes; vii) Correspondências; viii) Ensaios; e ix) Guia.

Em “Memória Seletiva”, destaca-se o que identifico como uma intenção de se apreender a totalidade da vida do autor, uma vez que a narrativa inicia, em uma perspectiva cronológica linear, com o episódio que antecede o nascimento de Jorge Amado, o casamento dos pais no ano de 1911, até o último registro possível da trajetória do escritor, a escolha de *Tieta do Agreste* como tema do carnaval de Salvador em 1997. No que diz respeito à seção, saliento a padronização das informações: são dispostas em colunas idênticas de texto, nas quais estão contidas as informações da vida do autor, contadas em curtos parágrafos iniciados pelo ano ao qual se referem. As informações, de fácil apreensão, são auxiliadas por inúmeras fotos que dão conta de elucidar o breve texto biográfico.

Dessas imagens do compêndio, destaco a presença de Zélia Gattai que, depois de Jorge Amado, é quem aparece com maior frequência nas ilustrações. Assim, nesta parte da obra, tem-se uma descrição sintética, organizada e *visualmente* totalitária da vida do autor, uma vez que todas seguem uma mesma ideia, qual seja a de objetivamente tratar de Jorge Amado de forma que uma perspectiva homogênea (padronização no tamanho das informações acerca de cada ano de informações) prevaleça. Ilustro:

## Figura 17 - Página de *Cadernos de Literatura Brasileira*



O escritor trabalha em *Tenda dos milagres* na casa de Genaro de Carvalho (Bahia, 1969)



Jorge Amado e Zélia Gattai pouco antes de embarcarem para os Estados Unidos (1971)

1968 A UBE insiste em apresentar novamente a candidatura de Jorge Amado ao Nobel. O escritor concorda, mas exige que ela seja feita junto com a do romancista português Ferreira de Castro, seu amigo. O cineasta polonês Roman Polanski visita Jorge Amado na Bahia para "agradecer a alegria que seus livros me proporcionaram na juventude".

1969 Lança *Tenda dos milagres* (tiragem de 75 mil exemplares), livro que começou a escrever na casa de campo do pintor baiano Genaro de Carvalho. Até hoje o escritor ainda se inclina a considerá-lo seu melhor romance.

1970 Recebe em São Paulo o Prêmio Juca Pato, da União Brasileira de Escritores, como "Intelectual do Ano". Lidera, ao lado do escritor gaúcho Erico Veríssimo, um movimento contra a censura prévia aos livros. Estréia o filme *Capitães da areia*, produção americana dirigida por Hall Bartlett.

1971 Nasce em Salvador seu primeiro neto, Bruno, filho de João Jorge e Maria da Luz Celestino. Divide com Ferreira de Castro o Prêmio Gulbenkian de Ficção, entregue na Academia do Mundo Latino, em Paris. Faz conferência no Instituto de Letras da Universidade da Pensilvânia.

1972 Sua mãe morre em Salvador, aos 88 anos de idade. Nasce Mariana, a primeira neta, filha de Paloma e Pedro Costa. Sai *Tereza Batista canadã de guerra*. A escola de samba Lins Imperial, de São

20

Fonte: CADERNOS, 1997, p. 20.

Em “Confluências”, o leitor é convidado a admirar Jorge Amado por meio do depoimento de amigos, enquanto escritor, companheiro e ser humano. Nesta seção edifica-se – na minha leitura – uma forma de assinatura que advoga em favor de Amado, como possibilidade de oferecer ao escritor maior credibilidade – se é que o renome do autor não baste por si – via o *status* do(s) outro(s) que o complementa(m):

Ao lado do escritor peruano Maria Vargas Llosa, escreve sobre Jorge Amado o antropólogo Darcy Ribeiro (no que viria a ser um dos seus últimos textos), o cineasta Nelson Pereira dos Santos, o economista Celso Furtado, a tradutora Francesa

Alice Raillard e o arquiteto Oscar Niemeyer.  
(CADERNOS, 1997, p. 06).

Em “Entrevista” Jorge Amado fala de sua trajetória ao longo da vida no que toca a assuntos de ordem diversa, como o processo de criação, a crítica em torno da sua produção, suas preferências de leitura, dentre outras questões. A diferença em relação ao livro de Alice Raillard (6), por exemplo, é a forma de abordagem com que se guiam os temas, naquela obra bem mais aprofundados.

Seguindo, na seção “Geografia Pessoal” ensaiam-se em 19 páginas, 19 fotos, em distintos tamanhos, que procuram visualizar, literalmente, a produção ficcional de Jorge Amado. As imagens de Salvador e de Ilhéus possibilitam ao leitor mais atento uma desconstrução do estereótipo exclusivamente festivo e turístico destes lugares, dado que além de belas paisagens, deparamo-nos com o povo trabalhador e simples; o mar vem acompanhado de barcos de pescadores e Salvador tem seu momento sarjeta, com edificações insalubres e sujeira na rua. Em Ilhéus a imagem de um trabalhador no cacauzeiro ocupa duas páginas da compilação.

“Inéditos, Variantes e Correspondência” vêm de uma vez só. São 11 páginas que pincelam, ilustram, materializam e certificam tanto a produção ficcional do autor, via imagens de originais, quanto sua vida social, por meio da digitalização de bilhetes recebidos dos famosos Mário de Andrade, Otto Lara Resende e Pablo Neruda. “Inéditos”, especificamente, é reservado para que o público entre em contato com uma pequena parte de *A apostasia universal de Água Brusca*, romance que o escritor nunca concluiu. “Variantes” é exemplificado com quatro versões de *Do Recente Milagre Dos Pássaros Acontecido Em Terras De Alagoas, Nas Ribanceiras Do Rio São Francisco*. “Correspondência” segue, para concluir, com imagens dos originais de mensagens, na íntegra, recebidos pelo autor; neste espaço a presença que faço questão de registrar é a da Fundação Casa de Jorge Amado que, escreve *Cadernos* (10), cedeu “gentilmente” para a revista os exemplares para a publicação.

“Ensaaios” traz textos teóricos a respeito da produção ficcional de Jorge Amado, cujos autores são Eduardo de Assis Duarte, Fábio Lucas e Roberto DaMatta. Esta seção me parece reivindicar, por parte da *Cadernos*, a autoridade da crítica especializada para “convencer” o leitor acadêmico de que Jorge Amado é digno de sua atenção. Como se quisesse dizer: “mesmo que Jorge Amado ainda ocupe os primeiros lugares entre os maiores *best-sellers* do país, ainda que escreva com uma linguagem “fácil” as mazelas do mundo, mesmo seus livros tendo sido adaptados

para a televisão e cinema, não esquecendo também e que o autor mesmo reconhece-se *menor* esteticamente, comparado a outros destaques da literatura brasileira<sup>26</sup>, ainda assim deve ser visto como intelectual com espaço na Academia”.

Por fim, nas páginas finais do volume, há o que é denominado de “Guia” um roteiro de todas as produções do autor desde o início da vida até o ano de 1997, período em que *Cadernos* foi às bancas e livrarias. Assim, tendo em vista todas as seções recém-descritas da obra, acredito que a afirmativa: “*Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado* intenta edificar-se enquanto compêndio-referência sobre Jorge Amado” não soará exagerada. Quero dizer, identifico a intenção desse material em passar para o leitor tal impressão, a de que ele, por si, baste para quem quer conhecer tudo na obra do escritor baiano. Isso porque se organiza a partir de um discurso de “integralidade”, da seleção de seções à padronização das informações, que não deixam espaço para, em uma leitura rápida, notar-se possíveis “falhas” informativas, pois sugerem que o leitor, naquela obra, desbravou Jorge Amado de cima a baixo.

Afirmo, por fim, que a partir da análise das obras inseridas nessa seção, *O Baiano Jorge Amado e sua obra* (8), *Jorge Amado: Literatura Comentada* (9) e *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado* (10), identifico duas macro propostas de elaboração narrativa: i) a que se vale do uso variado de gêneros textuais para, abertamente, propor um “resumo” da obra de Jorge Amado, e aqui insiro os dois primeiros livros (8;9) abordados na seção; e ii) a que se vale da materialidade múltipla dos gêneros para impor a noção de “totalidade de apreensão” de vida/obra de Jorge Amado, e aqui se insere o último compêndio (10) apresentado na seção. Dessa forma, enquanto o primeiro grupo assume que sua elaboração é resultado de uma seleção de recortes, o segundo, pelo contrário, advoga em favor de uma ilusão da compreensão máxima do biografado, como se não houvesse, depois daquela determinada publicação, nada mais de relevante para se falar acerca do personagem-protagonista em questão.

#### 2.2.4 Memórias (auto)biográficas: capitão de longo curso

Quando comemorava “oitenta aniversários”, Jorge Amado publicou *Navegações de Cabotagem*, um livro com memórias que não é de memórias, conforme a declaração do próprio autor no que seria um

---

<sup>26</sup> “Não sou Guimarães Rosa. O Rosa é o mais importante, um escritor que a gente olha, preza e se sente pequeno diante dele”. (AMADO, 1997, p. 06).



quase subtítulo da obra: “Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei”, originalmente publicado no ano de 1992. “Quase”, pois a primeira edição do livro não trazia o adendo ao título, diferente da que tenho em mãos, “By herdeiros de Jorge Amado”, da Editora Record (2006), no qual o anúncio ao gênero renegado é dado já na capa.

O livro reúne as lembranças do autor e, por conseguinte, as de acontecimentos marcantes do século XX, todas elas registradas sem ordenação cronológica, uma vez que, nas palavras dele: “As notas que compõem esta navegação de cabotagem (ai quão breve a navegação dos curtos anos de vida!), à proporção que me vinham à memória, começaram a ser postas no papel a partir de janeiro de 1986” (AMADO, 2006, p. 09). Assim, mesmo que não siga uma ordenação temporal crescente, é possível identificar a lembrança mais antiga, que ocorreu por volta da década de 1920, na qual Jorge Amado discorre acerca do ciclo do cacau, bem como a mais recente, datada por volta dos anos de 1990, quando o autor residia ora em Paris, ora em Salvador.

Nesse ínterim, fala de suas produções ficcionais e das adaptações que delas emergiram; da mesma forma, o entorno familiar alcança acentuado espaço, e Zélia Gattai, especialmente, ganha *status* de comandante na navegação amadiana que, rememora sua capitã desde as primeiras páginas da viagem. Amigos também não são esquecidos, famosos ou não. Do mundo artístico muitos nomes emergem, a exemplo do artista plástico Aldemir Martins, do cubista Pablo Picasso, dos poetas Raul Bopp e Nicolás Guillén, assim como de outros escritores renomados da literatura como Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Osman Lins, Pablo Neruda, Gabriel García-Márquez, Mario Vargas Llosa e Raquel de Queiróz (massivamente, as rememorações trazem homens no papel de destaque).

As 544 páginas da edição que detenho se dão, portanto, sem um ordenamento que cumpra uma lógica temporal cronológica linear, ou qualquer outra aparente, seja uma divisão por capítulos, uma anunciação de temas comuns, uma marcação de rememorações preferidas, ou marcantes, ou tristes, ou felizes... Nada. A noção que se passa é a de que, metaforicamente, se está à deriva. Dessa forma, a leitura dos acontecimentos narrados, supostamente de maneira aleatória, organiza-se de um jeito que o leitor não é capaz de arranjar os fatos lado a lado, como em uma (auto)biografia por exemplo, e o único recurso que ainda poderia lhe caber para organizar a dispersão de informações, seria o da data e o do lugar, registrados na maioria dos apontamentos. Todavia, Jorge Amado (2006, p. 09) anuncia:

De logo quero avisar que não assumo qualquer responsabilidade pela precisão das datas, sempre fui ruim para as datas, elas me perseguem desde os tempos de colégio interno. Estudante de história, interessado nas figuras e nos feitos, esquecia as datas e eram as datas que os professores exigiam. A referência a ano e a local destina-se apenas a situar no tempo e no espaço o acontecido, a recordação. Quanto aos apontamentos não datados, traduzem a experiência adquirida no correr dos anos: sentimentos, emoções, conjecturas. Se alguém desejar as lembranças da infância do autor deve recorrer a um texto datado de 1980, publicado em livro sob o título de *O Menino de Grapiúna* – as ilustrações de Floriano Teixeira compensam o preço e o volume.

Não, as datas não servem. Quer dizer, o escritor marca suas vivências no tempo e no espaço, reconhecendo, desta forma, a importância desse movimento para a prática de leitura depreendida usualmente, mas, em concomitância, registra seu descompromisso com a precisão desse movimento.

Ainda no que toca à construção do parágrafo citado acima, chama a minha atenção a própria elaboração, uma vez que nela identifico a intencionalidade de aproximação pessoal com o leitor, de maneira a fazê-lo sentir-se um amigo, como se com o autor compartilhasse histórias, momentos e sentimentos comuns, ao passo que o leitor é facilmente capaz de concordar com Amado: “sim, Jorge, também sou péssimo para datas!”.

Baseando-me, portanto, no contorno até aqui tracejado, ocupo-me a defender que o compêndio em questão, da primeira à última palavra, organiza-se de forma a apresentar-se despretensioso, o que se trata de uma construção intencional do autor, que inicia – como mencionei – com o título que marca uma proposta *menor* de registro quando, ao leitor, informa que não oferecerá memórias, apenas apontamentos guiados pelo registro de ano e de local, dados que, todavia, não deverão ser levados em conta, pois nem mesmo o autor assume “qualquer responsabilidade” sobre eles, devido ao fato de ser “ruim para as datas” (AMADO, 2006, p. 09), o que é plausível, diz-nos, uma vez que assim o fora a vida inteira, conforme a conversa fiada com o leitor.

## 2.3 O QUE DIZEM AS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS: MATERIALIZAÇÕES DE 1941-1942

Cumpridas as contextualizações das onze obras em questão, ocupo-me, nesse espaço, em discorrer acerca das materializações específicas de 1941-1942 presentes no *corpus* supracitado, uma vez que interessa, principalmente, o conteúdo trazido por cada uma das obras. Para isso, preferi ordená-las conforme a data de publicação, haja vista a sobreposição de informações que os autores, consecutivamente, puderam receber de acordo com as edições anteriores.

Assim, *Jorge Amado: 30 anos de literatura* (1) é o primeiro livro da lista. Nele, além da data equivocada de desquite de Jorge Amado e Matilde, já mencionada anteriormente, há as seguintes informações:

1941 – Junho – Jorge Amado desquita-se da esposa.

– Entrega à Martins os originais de *ABC de Castro Alves*.

– Devido ao ambiente do Estado Novo, transfere-se para a Argentina. Encontra-se aí quando Martins publica, em agosto, o *ABC de Castro Alves*, tornando-se, desde então, editora exclusiva de seus livros em português.

– Publicação, pela mesma editora, de *Brandão entre o mar e o amor*.

– O escritor colabora na Argentina, no jornal *A Crítica*, na revista *Sul* e outras publicações literárias importantes. Faz amizade com literatos e artistas argentinos e uruguaios e exilados espanhóis: Raul Gonzales Tuñon, José Portogallo, Jesualdo, Henrique Amorin, Rafael Alberti, Vitoria Ocampo, Maria Rosa Oliver, Hector Agosti.

– Começa a escrever *A Vida de Luís Carlos Prestes, O Cavaleiro da Esperança*. A tradução vai sendo feita, simultaneamente, capítulo a capítulo.

1942 – Ainda na Argentina, com períodos no Uruguai. Vive a essa época exclusivamente do que lhe dá o seu trabalho de escritor.

– *Vida de Luís Carlos Prestes (O Cavaleiro da Esperança)* é publicado em Buenos Aires, pela Editora Claridad – A mesma que já havia editado *Mar Morto e Cacau*.

- Escreve, no Uruguai, o romance *Terras do sem Fim*.
- Agosto – Entrada do Brasil na guerra.
- 8 de setembro – Resolve o escritor voltar ao Brasil, devido à guerra. Desembarca em Porto Alegre e dias depois é preso e enviado ao Rio.
- Novembro – Posto em liberdade, a polícia lhe dá como residência obrigatória a cidade de Salvador.
- Segue para a Bahia, viajando para o interior. Faz sua primeira viagem pelo São Francisco.
- 24 de dezembro – Chega a Salvador. Passa o Ano Novo na fazenda de seu pai. (MARTINS, 1961, p. 35-36).

Dessa passagem, destaco a preferência lexical por “transferir” no lugar de “exilar”, escolha que, a meu juízo, ambienta um movimento ameno, no sentido de desconsiderar a realidade do Estado Novo. Também nessa direção, considerando-se a forma como se redige o texto, faz parecer que Jorge Amado iniciou de maneira desprezível a escrita de *A Vida de Luís Carlos Prestes*. O que, na prática, não se efetiva, haja vista que a principal motivação para a sua ida aos vizinhos latino-americanos foi a elaboração da biografia do líder comunista a partir da intimização do PCB.

No que diz respeito a 1942, chamo atenção para a afirmação de que o escritor residia na Argentina e passava “períodos” no Uruguai, dado não consensual entre as obras aqui analisadas, como será visto adiante. Além deste, outro ponto emblemático nas narrativas de vida de Jorge Amado se refere ao processo criativo de *Terras do Sem Fim*, que, nesta obra, aparece como uma produção que se deu, única e exclusivamente, no Uruguai.

Já em *Jorge Amado: Vida e Obra* (4) há, em um dos seus ensaios, a seguinte colocação:

Em 1939 Jorge Amado continuou a não nos dar nada. Passando a maior parte do ano em Estância uma cidadezinha do interior sergipano, o escritor de *Jubiabá* tem em preparo dois outros romances: *Sinhô Badaró*, que possivelmente será publicado em dois volumes e *Agonia da Noite*, um romance introspectivo. [...]

*Agonia da Noite* não seria publicado; *Sinhô Badaró* se editaria em dois volumes, com títulos diferentes: *Terras do Sem Fim* (1942) e *São Jorge dos Ilhéus* (1944). (TÁTI, 1961, p. 104-105).

Esta elaboração ilustra a consideração recém-descrita sobre *Terras do Sem Fim*, uma vez que aqui, em *Jorge Amado: Vida e Obra* (4), o romance é sugerido como uma continuidade de *Sinhô Badaró*, texto iniciado em 1939. Além disso, destaco a informação referente a um possível romance intitulado *Agonia da Noite*. É este, enfim, o título de um inédito e inacabado romance do Acervo Mala de Jorge Amado e que, naturalmente, será mencionado no terceiro capítulo deste trabalho.

Especificamente, sobre os anos do exílio, a obra fala:

Em maio de 1942, surgirá a edição argentina da *Vida de Luís Carlos Prestes*, o *Cavaleiro da Esperança*. [...] Tal como no *ABC de Castro Alves*, aqui temos a “louvação” erigida novamente em sistema biográfico – a louvação de um lutador, que é ao mesmo tempo, e sobretudo, a louvação de uma conduta humana a serviço de uma causa, e, mais profundamente, mais sentidamente, a louvação da própria causa simbolizada pelo Herói. [...] Para escrever a *Vida de Luís Carlos Prestes*, Jorge Amado saiu do Brasil. “No clima policial do Estado Novo – diz ele – não era possível criar este livro. Tampouco publicá-lo.” E a vida de Prestes – sentia-o o romancista – precisava ser contada [...]. (TÁTI, 1961, p. 110-111).

Aqui a realidade do Estado Novo, como se vê, é reconhecida pelo autor do ensaio que, além disso, reproduz a dedicatória da biografia, onde se lê: “À memória de dona Leocádia Prestes, dignidade e heroísmo. Para Anita Leocádia e Lila. Para Rodolfo Ghioldi, o brasileiro. Para Pedro Mota Lima, Pompeu Acioli Borges e Roberto Sisson, lembrança do exílio.” (AMADO apud TÁTI, 1961, p. 110).

Em *Jorge Amado Povo e Terra: 40 anos de literatura* (2), especificamente em “Sobre o romancista Jorge Amado”, ensaio de Roger Bastide, há uma indicação cronológica, em formato de texto, a respeito do paradeiro do escritor baiano nos anos de 1941 e 1942:

[...] pois nosso escritor, que em 1935 deu sua adesão à Aliança Nacional da Libertação, liderada pelo comunista ou progressista Luís Carlos Prestes, foi preso uma primeira vez em 1936 e uma segunda em 1937, por ordem do presidente Vargas; fixa residência em Buenos Aires, de 1941 até 1943; eleito deputado em 1945 pelo partido comunista,

em São Paulo, por ocasião da tentativa de democratização do Brasil, vê seu mandato cassado quando o Partido Comunista foi proibido por lei. Torna então a exilar-se [...]. (BASATIDE, 1972, p. 46-47).

No caso, como visto na contextualização da obra, o objetivo deste texto não é o de figurar, especificamente, como uma narrativa biográfica, o que poderia justificar a rapidez de menção aos fatos. Contudo, de todo modo, há um equívoco quanto na data de regresso ao Brasil, que ocorreu em 1942 e não 1943. Ainda desta breve passagem, chamo a atenção para a construção da última oração do excerto “Torna então a exilar-se”, indicando que o autor localiza, portanto, o período de afastamento de Jorge Amado em 41 e 42 como um exílio e não apenas “transferência”, a exemplo da primeira materialização, também organizada pela Martins Editora, dez anos antes.

Mais adiante, quando elabora suas considerações acerca da biografia de Prestes, todavia, registra:

[...] numa obra posterior, *A Vida de Luís Carlos Prestes*, o cavaleiro da esperança, o chefe do comunismo brasileiro se verá [...] transformado em São Jorge, destruidor de monstros, mas um São Jorge que escapa à hagiografia católica para ser reestudado através da mentalidade afro-brasileira dos deuses que combatem por seus fiéis. (BASATIDE, 1972, p. 48).

Isto é, não há identificação do período de escritura da biografia, pois esta aparece somente como uma “obra posterior”. Entretanto, no último ensaio do compêndio, “Jorge Amado: Notícia Biográfica”, também apresentado em um momento anterior de contextualização da obra, Renard Perez publica:

Em 1941, se desquitava. Ainda em 1941, tendo em vista o ambiente do Estado Novo o escritor muda-se para a Argentina. (E aí se encontra com Editora Martins, fundada ano anterior, em São Paulo publica o *ABC de Castro Alves* e, pouco tempo depois *Brandão entre o Mar e o Amor*.) Em Buenos Aires, começa a colaborar na imprensa, iniciando, aí a publicação de *O Cavaleiro da Esperança*, cujos capítulos vão sendo traduzidos à medida que

escreve; em 1942, a obra é lançada em volume nesse país. Ao mesmo tempo, passa temporadas no Uruguai, escreve, aí, o seu *Terras do Sem Fim*. Em setembro de 1942, com a entrada do Brasil na guerra (no mês anterior), decide Jorge Amado retornar ao país, fixando-se na Bahia. (PEREZ, 1972, p. 236).

Dessa passagem, ganha meu interesse: i) a impessoalidade com que se descreve a separação de Jorge Amado e Matilde, uma vez que sequer se menciona o nome da primeira esposa; ii) a contextualização da mudança do escritor para a Argentina, “o ambiente do estado Novo”; iii) as colaborações de Jorge Amado na imprensa argentina; iv) a escrita de *O Cavaleiro da Esperança* e sua concomitante tradução; v) a publicação da biografia de Prestes em Buenos Aires; vi) a escrita de *Terras do Sem Fim* no Uruguai; vii) as “temporadas” de Jorge Amado no Uruguai; viii) a precisão do mês de retorno do escritor ao Brasil, setembro; ix) a menção direta, pulando a chegada em Porto Alegre, de Jorge Amado na Bahia. Assim, tendo em vista a primeira publicação da Martins, este volume se torna incomparável em relação à quantidade de dados no tocante ao exílio, mesmo que, como será identificado posteriormente, alguns deles estejam desencontrados com os documentos do Acervo.

Em *O Baiano Jorge Amado e sua obra* (8), Tavares (1982, p. 33-34) coloca o seguinte:

1941, mar. Conclui, no Rio, a biografia *ABC de Castro Alves*, cujos originais confia à Livraria Martins Editora, de São Paulo, recém-fundada, e que passa a ser editora exclusiva de seus livros no país.

Ago. Transfere-se para a Argentina, devido às condições políticas do Estado Novo. Encontra-se em Buenos Aires quando é lançada, em São Paulo, pela Livraria Martins Editora, a biografia *ABC de Castro Alves*. Colabora no jornal “La Crítica” e na revista “Sud”, bem assim em outros órgãos literários portenhos, e faz amizade com literatos e artistas argentinos, uruguaios e espanhóis exilados: Gonzales Tuñon, Portogallo, Jesualdo, Enrique Amarin, Maria Rosa Oliver, Vitória Ocampo, Rafael Alberti, Hector Agosti, etc. Escreve a biografia *A Vida de Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*, cuja tradução vai sendo

feita simultaneamente, capítulo a capítulo, por Pompeu Acióli Borges e publicada em folhetim na imprensa.

1942, jun. Ainda em Buenos Aires, com períodos em Montevidéu, vivendo de suas colaborações na imprensa. *A Vida de Luís Carlos Prestes* é publicada em livro, em tradução espanhola, pela Editora Claridad, de Buenos Aires.

Ago. Em Montevidéu, ocupa-se em escrever parte de *Terras do Sem Fim*.

Set. Desembarca em Porto Alegre, decidido a solidarizar-se com a entrada do Brasil na guerra antifascista. É preso e enviado ao Rio.

De imediato, é o nome próprio “Pompeu Acióli Borges” que ganha ênfase na minha leitura. Isso porque é a primeira vez, até então, que se denomina o tradutor da biografia de Prestes, sujeito tão presente no Acervo Mala de Jorge Amado. Além disso, saliento a indicação do mês de partida de Jorge Amado para a Argentina, “agosto”. Também é pertinente a consciência da “transferência” do escritor à capital Buenos Aires, “condições políticas do Estado Novo.” Ainda, realço a presença da Editora Claridad no excerto, até então não citada. Por fim, novamente, a localização de escrita de *Terras do Sem Fim* no Uruguai, nesse caso, precisamente em Montevidéu, em agosto.

Seguindo-se a ordem de publicações, *Jorge Amado: Literatura Comentada* (9), traz dados do período de interesse na seção “Entrevista Biográfica”, registro:

Em 41, conversando com pessoas, gente do Partido, decidi escrever um livro sobre Prestes. Já pensando em uma campanha pela anistia. Como eu não tinha o material necessário aqui, eu saí do Brasil. Minha ideia era ir pro México, onde estava dona Leocádia Prestes. Mas cheguei à Argentina e fiquei, porque lá tinha o material necessário. Vivi entre a Argentina e o Uruguai, em 41 e 42. No Uruguai terminei *Terras do Sem Fim*.

[...]

Escrevi na Argentina, com o título *A Vida de Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*. A edição argentina, da Editorial Claridad, entrava no Brasil em quantidades brutais. Mesmo em espanhol, circulava por todo o Brasil.



Quando o Brasil declarou guerra ao Eixo, nós fizemos uma reunião dos exilados – e eu já não podia voltar depois da publicação do livro sobre Prestes – de Buenos Aires e Montevidéo. Sendo antifascistas, decidimos voltar. (GOMES, 1981, p. 19).

Em primeiro plano, julgo pertinente a colocação de Jorge Amado ao assumir que “decidiu escrever um livro sobre Prestes”, não fosse o complemento de “pensando em uma campanha pela anistia” – uma vez que esse era um projeto do Partido e não de Jorge Amado – poderia até parecer que a decisão foi pessoal, antes que uma motivação do Partido. Além disso, diz o autor, que saiu do país por não encontrar material necessário aqui, discurso que irá reelaborar anos mais tarde, em entrevista à Alice Raillard, como será registrado mais adiante. Também é oportuna a menção de chegar ao local de moradia de Leocádia Prestes, mãe do revolucionário biografado. Presença esta, a de Leocádia, muito recorrente no Acervo.

Ainda em *Jorge Amado: Literatura Comentada* (9), na seção “Cronologia biográfica”, menciona-se: “[1941] Entrega *ABC de Castro Alves* à Editora Martins. Refugia-se na Argentina e começa a redigir a biografia de Prestes.” (GOMES, 1981, p. 36). Informação de destaque para a materialização da seção, que traz apenas 22 datas na cronologia de vida do autor, como visto na contextualização deste livro na seção anterior.

Seguindo, em *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa* (3), vê-se, de saída, assim como em *Jorge Amado: Vida e Obra*, registros relacionados a *Sinhô Badaró* e *Agonia da Noite*:

1939 – Deixa a revista “Dom Casmurro”. Publica capítulos de um romance que inicialmente se chamaria *Sinhô Badaró* que posteriormente passa a se chamar *Terras do Sem Fim*. (Dez.)

1940 – Começa a escrever *ABC de Castro Alves*. O 1º capítulo sai na revista “Diretrizes”, de fevereiro, com texto de apresentação do Editorial da revista. Tempos depois, a revista foi várias vezes apreendida.

O jornal “A Notícia” anuncia como próximo livro do escritor o romance *Agonia da Noite*, o que não acontece. (RUBIM, CARNEIRO, 1992, p. 38).

Quanto a 1941 e 1942, especificamente, o compêndio traz os seguintes dizeres:

1941 – É publicado em Ilhéus, de autoria de Jorge Amado, o livreto de 26 páginas intitulado *Castro Alves, o Lírico*, estudo crítico e biográfico lido no ginásio Municipal de Ilhéus em 1940, na edição “Vamos Ler!”, pela Empresa A Noite.

Conclui *ABC de Castro Alves*, entrega os originais à Livraria Martins Editora que passa a ser a editora exclusiva de seus livros. (mar.)

Decide escrever um livro sobre Luís Carlos Prestes, pensando numa campanha pela anistia. Sai do Brasil em busca de material para o livro. Vive entre 1941 e 1942 na Argentina e no Uruguai, pesquisando.

É lançado o *ABC de Castro Alves*, em São Paulo, pela Livraria Martins Editora. Inicialmente sua venda é proibida, mas com o compromisso de não divulgá-lo, o seu editor consegue liberá-lo. Na ocasião do lançamento, o autor encontra-se em Buenos Aires, onde colabora com o jornal “La Critica” e na revista “Sud”. (ago.)

Adaptação radiofônica de *Mar Morto* em espanhol, pela Rádio El Mundo, em Buenos Aires.

O livro sobre Prestes é concluído na Argentina com o título de *A Vida de Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*. À medida que vai escrevendo, Pompeu Acioli Borges faz a tradução simultânea para o espanhol.

1942 – Continua em Buenos Aires, onde vive às custas de suas colaborações em periódicos. Publica *A Vida de Luís Carlos Prestes* pela Editora Claridad, de Buenos Aires. Mesmo em espanhol, o livro era muito vendido no Brasil, onde entrava clandestinamente. Era vendido no câmbio negro e sua posse dava cadeia. (jun.)

Em São Paulo é publicado o livro *Brandão entre o Mar e o Amor*, pela Livraria Martins Editora.

Começa a escrever *Terras do Sem Fim*, em Montevideú. (ago.)

Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, decide voltar a seu país, desembarcando em Porto Alegre, onde é preso e enviado ao Rio de Janeiro. (8 de set.)

No Rio, é solto, mas enviado pela polícia para Salvador, onde fica confinado. (nov.)  
*Mar Morto* é lançado em inglês, pela Houghton & Muffin, Boston, EUA. (RUBIM, CARNEIRO, 1992, p. 39).

Como visto, *Jorge Amado 80 anos de vida e obra* (3) até então é a obra mais completa em termos de reunião de dados a respeito dos anos do exílio. Este fator justifica-se, a meu juízo, em razão de sua proposição em organizar-se como um subsídio de pesquisa, por isso, socializa e abriga um maior número de informações sobre o período. Lembro que a indicação de referências bibliográficas das autoras do livro é tão somente a Fundação Casa de Jorge Amado, o que me faz supor: i) estes são os esclarecimentos que a instituição tem conhecimento; ou ii) estes são os esclarecimentos que se quiseram ser vistos pela Fundação (tendo em vista a lógica do arconte em organizar cisões e recortes aos acervos<sup>27</sup>).

No que concerne à *Navegação de Cabotagem* (11), há seis lembranças dos anos de 1941-1942. Destas passagens, nem todas tratam de acontecimentos em que o autor estava efetivamente fora do país, a exemplo do primeiro registro, que data de 1942, mas relembra o episódio em que Jorge Amado estava preso no Rio de Janeiro e, portanto, já regresso do exílio<sup>28</sup>. O segundo, também do mesmo ano, registra uma vivência do autor quando ainda em Buenos Aires:

Vou visitar Júlio de Mesquita Filho para comunicar-lhe a decisão tomada na reunião de Montevidéu pelos exilados comunistas, ratificada na véspera em Buenos Aires: dado que o Brasil

---

<sup>27</sup> Jacques Derrida, em *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana* ([1995] 2001), defende que todo arquivo implica a efetivação de uma instância de autoridade. Ao explorar a raiz da palavra arquivo (*arkhê*) o autor evidencia que esta designa ao mesmo tempo *começo* e *comando*, dessa forma, portanto, duas perspectivas são postas: a da história e a da lei. O autor observa, ainda, que o sentido de arquivo é advindo do *arkheion* grego, um domicílio que era o lugar onde os magistrados superiores residiam, também chamados de *arcontes*. Ou seja, o arquivo é detido pelo arconte, este, por sua vez, é um sujeito que representa o poder. Assim, o arquivo subordina-se aos interesses do arconte, na medida em que este, o arquivo, auxilia-o na manutenção do poder.

<sup>28</sup> Este excerto é o da noite em que fora solto: “Somos os seis comuns que, juntamente com mais uma quarentena de exilados, voltaram para a pátria, entregaram-se, quando o governo brasileiro declarou guerra ao eixo nazifascista [...]” (AMADO, 2006, p. 47).

declarou guerra ao eixo nazifascistas, colocou-se ao lado das Nações Unidas, nosso lugar, nosso posto de combates é na pátria, o tempo do exílio terminou, a nova tarefa é ajudar o governo no esforço de guerra. Recito meu relambrório com convicção e jactância, Julinho Mesquita, ouve-me com boa educação e ceticismo:

– Vocês vão se entregar à polícia? É demais.

Discutimos, cada vez mais que nos encontramos discutimos, mas ao cabo e ao fim chegamos a alguma concordância, mesmo pequena é valiosa. Não daquela vez da despedida.

– Gesto bonito pode ser, mas tresloucado. – Julinho me fita com comiseração, profetiza: – Vocês ainda vão virar getulistas.

Não deu outra. A “linha justa” do Partido aprovada na Conferência da Mantiqueira iria nos conduzir à aliança com os quereristas, aos braços de Getúlio. Digo até breve, ele me pergunta se pode me ser útil, está às ordens, só falta puxar da carteira, agradeço, de nada necessito. Renovamos as expressões de estima, regresso a Montevidéu, a partida para o Brasil já tem data marcada.

Meu relacionamento com Júlio de Mesquita se iniciou em 1941 quando cheguei a Buenos Aires para escrever *O Cavaleiro da Esperança* e o Partido Comunista me deu a tarefa de tratar com os liberalóides, a gente de Armando Sales de Oliveira, a hora era de alianças na luta contra o fascismo e de convivência com os políticos que rotulávamos de liberais com menosprezo e desconfiança. De início apenas cordial, com o passar do tempo e a repetição dos encontros, o conhecimento se transformou em estima, deu lugar à amizade.

Julinho liderava o grupo de exilados que na Argentina combatiam o Estado Novo sob a orientação de Armando Sales, o ex-candidato à Presidência da República encontrava-se nos Estados Unidos. O Estado de S. Paulo fora desapropriado, o governo o chamara a si, de trincheira da liberdade passara a porta-voz da ditadura, Julinho se mantinha ofendido e colérico. O Estadão mais que patrimônio da família Mesquita, era patrimônio da democracia brasileira.

Entre nós se estabeleceu um clima de mútua confiança, a fidalguia do quatrocentão paulista venceu meu pé-atrás, durante cerca de dois anos de quando em quando discutíamos política, pesávamos nossos acordos e desacordos, estudávamos o que fazer juntos, eles e nós, não mais nos estranhávamos, deixamos de ser inimigos. Julinho acompanhou com interesse a pesquisa em que me empenhei para escrever a louvação do *Cavaleiro da Esperança*, recomendou-me livros, lembro-me de um deles, de autoria de Aureliano Leite de quem eu viria a ser colega na Constituinte. Levei para Julinho um dos primeiros exemplares da edição Claridad de *La Vida de Luiz Carlos Prestes*. O político e jornalista da Revolução Constitucionalista guardara admiração e o afeto pela figura legendária de Prestes a quem tratava por Capitão – a patente do jovem oficial quando se revoltou em 1924. Um elo a mais a nos unir, a facilitar a convivência. Éramos homens de princípio os dois, mas não éramos nem intransigentes nem sectários. A diferença consistia em ser ele educado e eu um porra-louca, mas Julinho achava divertida minha insolência comunista. (AMADO, 2006, p. 53-54, grifos do autor).

Desse longo registro, observo que, além da informação de que o autor escrevera uma biografia sobre Luís Carlos Prestes a mando do PC, há a declaração que nos induz à consideração de que havia um movimento do Partido, no qual Jorge Amado era partícipe ativo, ademais, nada. Nada além de um depoimento que se estende em um número considerável de linhas, para o registro de um relato de amizade, que é importante, evidentemente, mas não nesse contexto que intui descobertas do espaço de tempo em questão. Quero dizer, considerando-se que esse é um livro escrito pelo próprio Jorge Amado, eu esperava maiores informações em relação ao episódio de tempo em questão.

Na terceira vez em que o ano de 1941 ou o ano de 1942 são mencionados no livro de memórias do autor, Jorge Amado ainda não havia embarcado para fora do país, visto que essa lembrança, de 1941, tem como local de indicação Curitiba, “[1941] Maria a Chinesa desembarca com armas e bagagens na cama do hotel de Curitiba, aproveitamos cada minuto da noite de esponsais, agora e sempre, ai cu

ladrão!” (AMADO, 2006, p. 67). “Maria a Chinesa” também é a personagem que aparece no registro de “Buenos Aires, 1942”, que diz: “Maria a Chinesa arrecada armas e bagagens, amanhã irá embora, aproveitamos cada minuto da noite de despedida, agora e nunca mais, ai cu ladrão!” (AMADO, 2006, p. 67). No que diz respeito ao nome dessa mulher, vale a informação nas páginas iniciais de *Navegação*, alertando que

Nesta navegação de cabotagem nomes de mulheres foram, por um motivo ou outro, substituídos pelo nome único de Maria, nenhum mais belo: Maria cada uma, todas elas, passageiras embarcadas nas escalas, sombras fugidas no cais do porto, de porto em porto, ciranda do velho marinheiro. (AMADO, 2006, p. 09-10).

Assim, dessas anotações, portanto, nada há além da presença de uma Maria – pela impossibilidade da definição do artigo que o próprio Jorge impôs –, e da observação de que Jorge Amado era casado, nessa época, com Matilde Garcia Rosa, o que faz desta memória, em vista disso, um depoimento de um relacionamento extraconjugal.

A quinta e a sexta passagens que mencionam as datas que me interessam são de 1942, ambas; a primeira<sup>29</sup> utiliza-se de quase duas páginas para discorrer acerca do retorno do escritor ao Brasil e de alguns desdobramentos desse movimento, à outra coube a história que inicia com a “homenagem de despedida em Montevidéu aos exilados brasileiros que regressam à pátria” (AMADO, 2006, p. 295) – na qual Jorge Amado foi incumbido de uma missão para assim que chegasse em Porto Alegre – e termina com o ainda há pouco exilado indo dormir com uma calcinha de “Maria Condessa dos Seios de Limão”.

No espaço entre essas ações, encontra-se a informação de que a tentativa de negociação que caberia ao escritor – orientada, em Montevidéu, pelo dirigente do Partido Comunista Argentino, Rodolfo Ghioldi, na homenagem de despedida – fora cumprida: encontrar o general Cordeiro de Farias (interventor do governo do estado do Rio Grande do Sul na época), e “explicar-lhe a posição dos comunistas solidários com o governo de Getúlio na guerra contra o Eixo e lhe dizer

---

<sup>29</sup> “Posto em liberdade, após alguns meses de xadrez, a polícia política dá-me oito dias para sair do Rio, ir para Bahia, cidade onde devo permanecer com residência obrigatória e obrigatória apresentação à Delegacia de Ordem Política e Social uma vez por semana – jamais me apresentei. [...]” (AMADO, 2006, p. 249).

como seria desejável e útil que ele [...] fizesse uma visita a Prestes de quem se proclama amigo.” (AMADO, 2006, p. 296). Pouco tempo depois, Jorge Amado é preso e enviado ao Rio de Janeiro.

No entanto, é em um apontamento de 1952 que se dá a grande “revelação” desses registros:

Durante minha trajetória de escritor e cidadão tive conhecimento de fatos, causas e conseqüências, sobre os quais prometi guardar segredo, manter reserva. Deles soube devido à circunstância de militar em partido político que se propunha mudar a face da sociedade, agir na clandestinidade, desenvolvendo inclusive ações subversivas. Tantos anos depois de ter deixado de ser militante do Partido Comunista, ainda hoje quando a ideologia marxista-leninista que determinava a atividade do Partido se esvazia e fenece, quando o universo do socialismo real chega a seu triste fim, ainda hoje não me sinto desligado do compromisso assumido de não revelar informações a que tive acesso por ser militante comunista. Mesmo que a inconfidência não mais possua qualquer importância e não traga conseqüência alguma, mesmo assim não me sinto no direito de alardear o que me foi revelado em confiança. Se por vezes recordo, sobre tais lembranças não fiz anotações, morrem comigo. (AMADO, 2006, p. 14).

Nessa passagem, Jorge Amado faz referência a todo o seu período como militante do PC, cujo afastamento oficial ocorreu em 1955. Além disso, é interessante observar que esse registro está localizado como o primeiro do livro.

É, todavia, com Itazil Benício, em *Jorge Amado: Retrato Incompleto* (5), que se efetiva o verdadeiro apagamento de 1941 e 1942. Isso porque o autor simplesmente ignora a ida de Jorge Amado ao exterior e, para não dizer que não cita em nenhum momento esse intervalo de tempo, menciona: “Depois de *Capitães da Areia* (1937), só em 1942 viria a publicar outro romance, *Terras do Sem Fim*, que seria seguido por *São Jorge dos Ilhéus* (1944) e *Seara vermelha* (1946).” (SANTOS, 1993, p. 137). Que dizer, além de não fazer referência alguma ao exílio, apresenta dados errados, já que *Terras do Sem Fim* foi publicado em 1943 e não em 1942.

Seguidamente, em *Conversando com Jorge Amado* (6), Alice Raillard indaga o escritor a respeito do autoexílio que aqui interessa e pergunta se houve alguma obrigatoriedade quanto a deixar o Brasil, em 1941. A ela, Jorge Amado responde:

Fui expressamente obrigado. As dificuldades, eram grandes, a situação se agravava muito em 39. Em 39, Vargas fizeram um série de discursos em Minas Gerais, onde posição, colocando o Brasil praticamente ao lado do Eixo, das forças nazifascistas. Desde então a repressão, muito violenta, foi um momento em que o PC foi praticamente aniquilado, houve torturas e prisões em massa. Nos 39-40, eu era preso sem cessar – a todo momento, fosse pelo 7 de setembro, pelo 1º de maio, em todas estas datas eram detidas quantidades enormes de pessoas a fim de garantir a ordem. E em 41, diante da decisão de escrever um livro sobre Prestes e da impossibilidade de fazê-lo no Brasil, fui para a Argentina, onde fiquei, sem passaporte. Deixei o Brasil sem quaisquer papéis, atravessei a fronteira e ali fiquei. Eu sequer tinha uma identidade. E lá, assim que cheguei, comecei a atuar politicamente; aliás, para mim era impossível retornar ao Brasil. Lá, eu escrevi. (AMADO, 1990, p. 125).

Esse depoimento desencontra a consideração mais “amena” elaborada pelo o autor na entrevista em que disse: “Em 41, conversando com pessoas, gente do Partido, decidi escrever um livro sobre Prestes. Já pensando em uma campanha pela anistia. Como eu não tinha o material necessário aqui, eu saí do Brasil” (GOMES, 1981, p. 19); pois lá, em “Entrevista Biográfica”, faz acreditar que sua saída do país fora motivada pela ausência de material para o livro de Prestes, e não também porque o regime do Estado Novo o impossibilitava de continuar tranquilo no Brasil. Seguindo, quando indagado acerca do objetivo de escrever *O Cavaleiro da Esperança*, Jorge Amado responde:

O objetivo fundamental era apoiar uma campanha em favor da anistia – a anistia de Prestes, que estava preso e fora condenado, e a anistia de todos os prisioneiros políticos e exilados. Quando decidi ir para Argentina, este movimento estava apenas no



início. Terminou se afirmando como movimento pela democratização e como movimento antinazista. (AMADO, 1990, p. 125).

Alice Raillard insiste em colher depoimentos sobre o exílio e, questionado a respeito de seus relacionamentos, Jorge Amado diz:

Os exilados se encontravam lá, na Argentina, no Uruguai; formavam um grupo importante. Havia vários tipos de exilados. Exilados do PC, ou ligados ao PC, que em geral eram ex-oficiais. Sim, a maioria eram oficiais do exército que haviam participado do putsch de 35 e deixaram o Brasil em dado momento para participar da guerra da Espanha, oficiais que foram liberados durante seus processos, antes do julgamento, e que figuram do Brasil para a Argentina – havia o major Costa Leite, havia um grupo bastante grande.

Também havia civis, membros do Partido, mas pouco numerosos; alguns se encontravam ali porque haviam sido condenados no Brasil e fugiram. Enfim, alguns eram simpatizantes, militares ou não, que haviam sido membros da ANL, mas que não eram membros do Partido, e eles também participavam de toda a vida política, que era muito intensa. Havia uma vida política intensa.

E havia um outro grupo, de exilados liberais, entre os quais se encontrava Júlio Mesquita, prestigioso personagem, que estava ligado a Armando Salles de Oliveira. Eram pessoas de São Paulo que tinham apoiado a candidatura de Armando à presidência – Armando Salles estava nos Estados Unidos, Júlio Mesquita estava no Uruguai, e mantive com ele excelentes relações. Eu, um membro do Partido, frequentava o grupo de Armando Salles. Durante a guerra, fui o contato entre eles e o Partido.

Assim que fiquei e me misturei a essa gente, travei relações de amizade com Júlio Mesquita Filho e com Julinho Mesquita, diretor e proprietário de *O Estado de São Paulo*, jornal apreendido por Vargas. Mais tarde, seus legítimos proprietários retomaram posse do jornal. E permaneci amigo de

Júlio Mesquita até o fim de sua vida. Quando ele morreu, mandei um telegrama à família dizendo que ele fora um homem do qual se podia ser ao mesmo tempo adversário político e amigo. (AMADO, 1990, p. 126-127).

Por fim, Raillard (1990, p. 171) pergunta: “Você acha que o fato de ter ficado vários anos sem escrever romances e de estar exilado teve influência sobre a violência de *Terras do Sem Fim*?”. Eis que o escritor responde:

Fui para a Argentina, escrevi o livro sobre Prestes, não parei de escrever, mas eu estava num contexto tão intenso de atividade política que não me sobrava tempo para a ficção. No momento exato em que foi lançado o livro sobre Prestes, isto é, quando o engajamento político que me fizera deixar o Brasil e ir para a Argentina e o Uruguai terminou, eu respirei. No Uruguai sentei-me diante da máquina de escrever e de um lance fiz *Terras do Sem Fim*. (AMADO, 1990, p. 172).

Assim, vê-se a relevância que essa entrevista traz às indagações a respeito do período do exílio, uma vez que não se restringe, aqui, a informações soltas ou descontextualizadas do período, mesmo que o Acervo tenha uma outra, ou outras, histórias para contar.

Rápida e sintética, por sua vez, é a passagem que *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado* (10) oferece ao leitor:

1941 Decide escrever um livro sobre Luís Carlos Prestes, pensando numa possível campanha por sua anistia. Viaja para o Uruguai a fim de recolher material; também faz pesquisas sobre o tema na Argentina. Lança *ABC de Castro Alves*, que marca o início de seu contrato com a Livraria Martins Editora, de São Paulo (seus últimos livros vinham saindo pela José Olympio).

1942 Publica em Buenos Aires *A vida de Luís Carlos Prestes*. Embora editado em espanhol, o livro é vendido clandestinamente no Brasil. Volta ao país, mas é preso ao desembarcar em Porto Alegre. De lá é enviado para o Rio. Não

permanece, porém, na então capital federal: a polícia decide despachá-lo para Salvador, onde fica confinado. (CADERNOS, 1997, p. 12-13).

Destaco, desse excerto, a sugestão de que Jorge Amado decidiu, por si, escrever a biografia de Prestes. Além disso, também é relevante chamar atenção para a indicação da ida do escritor ao Uruguai com períodos de pesquisa na Argentina, pois essa informação se mostra equivocada quando comparada aos dados do Acervo, que indicam a partida inicial à Buenos Aires e não ao Uruguai.

Por fim, em *Um Baiano Romântico e sensual: três relatos de amor* (7), há as seguintes anotações de Zélia Gattai (2012, p. 12-14) no seu “Ai, que saudades de Jorge!”:

Jorge achava-se ilegalmente entre nós. Viera da Bahia, onde fora confinado, havia dois anos, proibido de sair da cidade sem autorização da polícia, sob pena de voltar para o xadrez, coisa que ele conhecia demais e não gostava, claro.

Estivera dois anos exilado na Argentina e no Uruguai, depois de ser preso por suas ideias políticas, sua luta pela liberdade de pensamento e contra o nazifacismo.

[...]

Jorge Amado encontrava-se exilado na Argentina e no Uruguai. Lá escrevera *Vida de Luís Carlos Prestes*, que depois recebeu o título de *O Cavaleiro da Esperança*, e *Terras do sem fim*. O livro sobre Prestes só fora editado em espanhol. Em português, nem pensar! Qual editor que se arriscaria, no Brasil, a ter a edição apreendida? Os livros em castelhano entravam clandestinamente. Paulo mendes conseguiu um exemplar, me emprestou e eu, sem nunca ter falado nem lido espanhol, li o livro todo traduzindo para mamãe. Admiradora de Jorge Amado, assombrada ao ver meu desembaraço na tradução, de vez em quando mamãe me interrompia: -Você está inventando... nunca falou espanhol... como é isso?

Ao saber que Getúlio Vargas apoiara os americanos contra o eixo nazifascista, Jorge e o grupo de amigos, também exilados, decidiram voltar para o Brasil. Diante da nova situação, nada de mal lhes poderia acontecer; ao contrário, deviam

até ser bem recebidos, poderiam colaborar na luta, ajudar a liquidar de vez aquela guerra odiosa. Bem recebidos? Foi o que logicamente imaginara. Embora o governo tivesse apoiado os aliados, o regime brasileiro ainda não mudara e, ao chegar a Porto Alegre, Jorge foi preso. Levado de trem, um tira ao lado, viajou até o Rio de Janeiro, indo direto para a Casa de Correção, onde permaneceu três meses. Daí o enviaram à Bahia, como residência obrigatória, sem permissão de sair da cidade. Em Salvador, retomou sua atividade jornalística, colaborando no jornal *O Imparcial*, com uma longa série de crônicas sobre a guerra, escreveu ainda um romance, *São Jorge dos Ilhéus*, e iniciava outro, *Bahia de Todos os Santos*, quando, no final de 1944, viajou para São Paulo.

Destaco, dessa passagem, a contextualização elaborada por Zélia de um período anterior a seu relacionamento com o autor, indicando um possível acompanhamento da “fã” ciente dos passos do grande autor por quem se dizia admiradora. Por outro lado, edifica-se o discurso da esposa que detém conhecimento “do todo” da vida do marido, com destaque para a desenvoltura com que aborda essas passagens da vida do Jorge Amado, como se estivesse ciente do todo vivido. Quer dizer, segura de que o que está falando realmente ocorreu.

#### 2.4 APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS: LEITURAS POSSÍVEIS

A partir da leitura dos excertos acima reproduzidos, vê-se que muitas informações não são consensuais a respeito do período em que Jorge Amado esteve exilado nos vizinhos latinoamericanos nos dois primeiros anos da década de 1940. A esse respeito, inclusive, as divergências iniciam desde o reconhecimento desse episódio, já que muitas obras sequer o consideram como tal: i) “transfere-se para a Argentina”; ii) “muda-se para a Argentina”; iii) “Vive entre 1941 e 1942 na Argentina e no Uruguai, pesquisando”, dizem as obras que se inserem no grupo das edições comemorativas da obra de Jorge Amado (1,2,3), por exemplo.

O interessante, nesse sentido, é que essa “amenidade” na descrição do exílio está presente em livros com diferentes propósitos e públicos, isto é, se não espanta *Jorge Amado: 30 anos de literatura* (1) e *Jorge*

*Amado Povo e Terra: 40 anos de literatura* (2) localizarem os anos supracitados como “transferência” e “mudança”, o mesmo não ocorre quando *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa* (3) diz apenas que o escritor “vive” pesquisando na Argentina e no Uruguai. Isso porque os dois primeiros textos inserem-se num contexto mercadológico e não escondem seu propósito de venda, são “edições comemorativas” afinal de contas. No entanto, o mesmo não se dá na proposta da terceira obra, que foi elaborada com o intuito de atender a pesquisadores especializados na produção intelectual e na vida do escritor. É verdade que esse livro continua trazendo a mais completa fonte de informações quantitativas em relação ao período, mas, por outro lado, com escolhas de registro como a citada, peca em diminuir (ou em não deixar claro) o contexto da partida de Jorge Amado.

Também ganham destaque os dados referentes à produção criativa do autor em 1941-1942. Vê-se que há menções a dois romances nesse período, *Terras do Sem Fim* e *Agonia da Noite*. O primeiro, sem dúvidas, é o que mais gera dissenso entre as narrativas de vida, na medida em que diferentes considerações são apresentadas sobre esse romance, como em: i) “*Sinhô Badaró* se editaria em dois volumes, com títulos diferentes: *Terras do Sem Fim* (1942) e *São Jorge dos Ilhéus* (1944)”; ii) “só em 1942 viria a publicar outro romance, *Terras do Sem Fim*”; iii) “No Uruguai sentei-me diante da máquina de escrever e de um lance fiz *Terras do Sem Fim*”; iv) “Jorge Amado encontrava-se exilado na Argentina e no Uruguai. Lá escrevera [...] *O Cavaleiro da Esperança* e *Terras do Sem Fim*”; v) “No Uruguai terminei *Terras do Sem Fim*”.

Estas passagens, respectivamente de *Jorge Amado: Vida e Obra* (4), *Jorge Amado: Retrato Incompleto* (5), *Conversando com Jorge Amado* (6), *Um Baiano Romântico e sensual: três relatos de amor* (7) e *Jorge Amado: Literatura Comentada* (9), registram o fato de que o processo de escritura desse romance é controversa até mesmo nos depoimentos do próprio escritor, considerando-se que ele localiza o Uruguai tanto como local de elaboração total do livro quanto como local de término do livro, abrindo precedente para se questionar, portanto, o início dessa produção.

*Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa* (3) e *Jorge Amado: Vida e Obra* (4) mencionam a elaboração de uma publicação que se chamaria *Agonia da Noite*, mas que acabou não sendo lançada: i) “*Agonia da Noite*, um romance introspectivo [...], não seria publicado”; ii) “O jornal ‘A Notícia’ anuncia como próximo livro do escritor o romance *Agonia da Noite*, o que não acontece”. Em relação a

essa obra, é pertinente a informação que há um romance, no Acervo, (também) denominado *Agonia da Noite*.

Ainda no que toca à produção literária de Jorge Amado entre 1941 e 1942, vê-se que as informações a respeito da biografia de Prestes não são unânimes entre as narrativas biográficas, como em: i) “O objetivo fundamental era apoiar uma campanha em favor da anistia”; ii) “Escreve a biografia *A Vida de Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*, cuja tradução vai sendo feita simultaneamente, capítulo a capítulo, por Pompeu Acióli Borges”; iii) “Decide escrever um livro sobre Luís Carlos Prestes [...] Viaja para o Uruguai a fim de recolher material; também faz pesquisas sobre o tema na Argentina”.

Tais passagens, de *Conversando com Jorge Amado* (6), *O Baiano Jorge Amado e sua obra* (8) e *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado* (10), mostram que há diferentes marcações de intenções e motivações a respeito da elaboração da biografia. Enquanto o primeiro excerto (6) é de Jorge Amado afirmando que redigiu a obra em função de uma tarefa política, pois objetivava a anistia de Prestes, o fragmento seguinte (8) deixa em aberto a intenção da elaboração da biografia, mas registra, por seu turno, que foi traduzida simultaneamente por Pompeu Acciolly Borges. Já o último recorte (10), dá a entender que a ideia da biografia partiu do próprio Jorge Amado e afirma que o escritor foi inicialmente para o Uruguai coletar material para a obra.

Juntas, as considerações acima sobre *Vida de Luís Carlos Prestes, el Caballero de la Esperanza* colocam duas importantes questões quando se trata do Acervo Mala de Jorge Amado. A primeira, é a menção a Tomás Pompeu de Acioli Borges, pois esse é um nome recorrente nas correspondências do arquivo, mas, como visto, pouquíssimo citado nas narrativas de vida de Jorge Amado; as cartas presentes no material dão a entender que mais que uma relação profissional entre autor e tradutor, Jorge e Pompeu mantinham contato pessoal, eram amigos. A segunda, trata-se da informação de *Cadernos* (10) sobre a ida de Amado primeiro ao Uruguai, pois, segundo o cotejamento das correspondências do Acervo, afirmamos que o escritor morou em Buenos Aires em 1941 e só depois, já em 1942, transferiu residência para Montevidéu.

Finalmente, chamo atenção para o fato de que nenhuma das obras mencionou a presença (sequer chegou a cogitar) de Matilde Garcia Rosa no exílio com Jorge Amado, fosse em 1941, fosse em 1942; e como se viu, equivocadamente, Jorge Amado: 30 anos de literatura (1) até mesmo registrou 1941 como a data em que o casal assinou o desquite. Mas, por outro lado, em *Navegação de Cabotagem* (11) Jorge Amado sugeriu ter

vivido um relacionamento extraconjugal em 1942, ainda em Buenos Aires, com “Maria a Chinesa”.

Assim, a partir das observações redigidas até então, é ponto passivo afirmar, pelo menos, sete questões: i) não é consenso entre as obras os anos de 1941 e 1942 serem tomados como um exílio político; ii) não existe acordo entre os livros sobre a ordenação de chegada de Jorge Amado na Argentina e no Uruguai, alguns localizam este como primeiro país em que o escritor desembarcou e outros marcam aquele como ponto de partida; iii) os dados sobre a elaboração de *Terras do Sem Fim* não são precisos, de modo que as informações acerca do período e do local de escritura do romance não coincidem nas produções biográficas; iv) menciona-se uma possível elaboração por parte de Jorge Amado de um romance que se chamaria *Agonia da Noite*; v) Matilde Garcia Rosa não foi mencionada uma única vez no contexto do exílio, de forma que não se cogitou, em nenhum momento, sua presença com Jorge Amado durante esse afastamento político; vi) nenhum autor, excetuando-se o próprio Jorge Amado, indicou a presença de algum relacionamento amoroso no exílio; e vii) Tomás Pompeu de Acioli Borges, tradutor da biografia de Prestes, foi pouquíssimo citado nos textos, para ser precisa, o foi por duas vezes. É, enfim, motivada por essas considerações que me proponho a elaborar minha narrativa biográfica de Jorge Amado em 1941 e 1942 a partir do Acervo a Mala de Jorge Amado.





### 3 DOCUMENTOS PARA UMA BIOGRAFIA NÃO CONTADA

Para cumprir a ficcionalização<sup>30</sup> dos dados do Acervo Mala de Jorge Amado e afim de elaborar minha narrativa biográfica de 1941-1942, organizei este capítulo em três seções: i) “Por onde andei, enquanto você me procurava?": uma panorâmica das relações e redações do/no exílio<sup>31</sup>; ii) “Matilde, Maria e Pompeu: reescrita(s) de vida(s); e iii) “Processo criativo em foco: *Terras do Sem Fim*.

Em “Por onde andei, enquanto você me procurava?": uma panorâmica das relações e redações do/no exílio”, tal qual indico no título, propus-me a apresentar uma narrativa panorâmica sobre as relações e as produções escritas de Jorge Amado em 1941-1942. Para isso, organizei um *corpus* a partir dos seguintes critérios: i) selecionei, com base em todo o Acervo, as correspondências cujo destinatário era Jorge Amado, assim, foram excluídos os envios entre terceiros que, por um motivo ou outro, acabaram na “mala”. Além disso, eliminei aquelas em que não consegui identificar o remetente nominalmente, quero dizer, as cartas com “assinaturas-rabisco” e/ou grafias incompreensíveis; ainda e por fim, as correspondências datadas de outros anos que não 1941 e 1942 também foram eliminadas da seleção. Dessa forma, a partir desses critérios estipulados, 38 remetentes constituíram o *corpus*; ii) selecionei, com base em todo o Acervo, as produções textuais (ficcionais e não ficcionais) que sugerissem autoria de Jorge Amado, isto é, que não tivessem nome de outro autor e/ou algum indício que me fizesse creditar a outro sujeito sua escritura. Assim, a partir desses critérios, 42 textos constituíram o *corpus*.

Para cumprir a promessa da elaboração panorâmica, procurei organizar uma narrativa semiótica, por meio da elaboração de um mapa

---

<sup>30</sup> Em alusão à Eneida Maria de Souza (2011, p. 11): “O gesto ficcional de composição de biografias torna-se obrigatório para elaboração de uma dicção que se situa entre a teoria e a ficção.”

<sup>31</sup> Em alusão à canção “Por onde andei”, de Nando Reis: Desculpe estou um pouco atrasado/ Mas espero que ainda dê tempo/ De dizer que andei errado/ E eu entendo/ As suas queixas tão justificáveis/ E a falta que eu fiz nessa semana /Coisas que pareceriam óbvias/ Até pra uma criança/ Por onde andei/ Enquanto você me procurava? Será que eu sei/ Que você é mesmo/ Tudo aquilo que me faltava? / Amor, eu sinto a sua falta /E a falta é a morte da esperança /Como um dia que roubaram o seu carro Deixou uma lembrança/ Que a vida é mesmo/ Coisa muito frágil/ Uma bobagem/ Uma irrelevância /Diante da eternidade /Do amor de quem se ama/ Por onde andei/ Enquanto você me procurava? / E o que eu te dei? /Foi muito pouco ou quase nada / E o que eu deixei? / Algumas roupas penduradas/ Será que eu sei/ Que você é mesmo /Tudo aquilo que me falta?

com as indicações dos remetentes, locais de envios e quantidade de cartas destinadas a Jorge Amado no período em que esteve exilado em Buenos Aires e Montevideú. Na mesma direção, a fim de tornar visual, de maneira concisa e objetiva, a produção intelectual do escritor no Acervo Mala de Jorge Amado, apresento um organograma com as indicações da materialidade de sua produção intelectual tanto literária quanto não literária.

Já em “Matilde, Maria e Pompeu: reescrita(s) de vida(s)” procurei ser pontual e específica, uma vez que me proponho a apresentar três personagens que assumiram pouco ou nenhum *status* nas narrativas de vida de Jorge Amado: i) Matilde Mendonça Garcia Rosa, primeira esposa do escritor; ii) Maria Cruz, militante com quem Jorge Amado manteve um relacionamento em 1941; e iii) Tomás Pompeu de Acioli Borges, tradutor da biografia de Prestes e amigo do escritor. Sobre essas figuras na vida de Jorge Amado, é válido mencionar que Pompeu é o único dos três que nem chega a ser mencionado em *Navegação de Cabotagem*.

Ademais, acerca da presença dessas outras personagens, destaco que Matilde é citada três vezes nas mais de 500 páginas do livro memorialístico, sendo que somente em uma passagem se fala diretamente sobre ela, pois as duas outras usam-na apenas como referência, como em “Quase de manhã chego à casa dos pais de Matilde [...]” (AMADO, 2006, p. 47). No que diz respeito à Maria Cruz, é pertinente a lembrança de que, como visto no capítulo anterior, “Maria” é a denominação dada às “passageiras embarcadas nas escalas, sombras fugidas no cais do porto, de porto em porto, ciranda do velho marinheiro”, nas palavras de Jorge Amado (2006, p. 10).

“Maria cada uma, todas elas” registrou o escritor. Maria todas elas, nenhuma, digo eu. Quero dizer, essa ação por parte de Jorge Amado de destituir as personagens de *Navegação* de seus nomes próprios é, a meu juízo, uma forma de apagamento de suas identidades, dada a inviabilidade da diferença. Digo isso porque ao usar o nome único “Maria”, a possibilidade de tocar o “ser mulher” aparenta estar posta, pois recupera a máxima da “essência da mulher”, que homogeneiza e desconsidera a pluralidade de cada indivíduo social. É nesse sentido que me proponho a contextualizar a materialização da mulher que, para mim, inspirou Jorge Amado a elaborar a personagem “Maria a Chinesa” que, por desventura do destino (dado todo esse contexto de prática discursiva recém-mencionado) tem como nome próprio também “Maria”, Maria Cruz.

Finalmente, em “Processo criativo em foco: *Terras do Sem Fim*”, empreendo não somente o primeiro estudo do processo criativo desse romance no Acervo Mala de Jorge Amado, como também o faço, ao que

tudo indica, na própria história da fortuna crítica da obra. Isso porque não se tem registro de investigações da gênese desse romance, e sim apenas da abordagem crítica literária. Para esse estudo selecionei, a partir de análise de todo o Acervo, documentos que estivessem diretamente relacionados a esse processo de criação, desde os próprios originais dos capítulos até as correspondências que Jorge Amado trocou com amigos. Assim, constituem o conjunto dessa análise o total de 108 documentos.

### 3.1 “POR ONDEI, ENQUANTO VOCÊ ME PROCURAVA?”: UMA PANORÂMICA DAS RELAÇÕES E REDAÇÕES DO/NO EXÍLIO<sup>32</sup>

**Figura 18 – Mapa: Correspondências exilares: com quem falou? Por onde andou?**

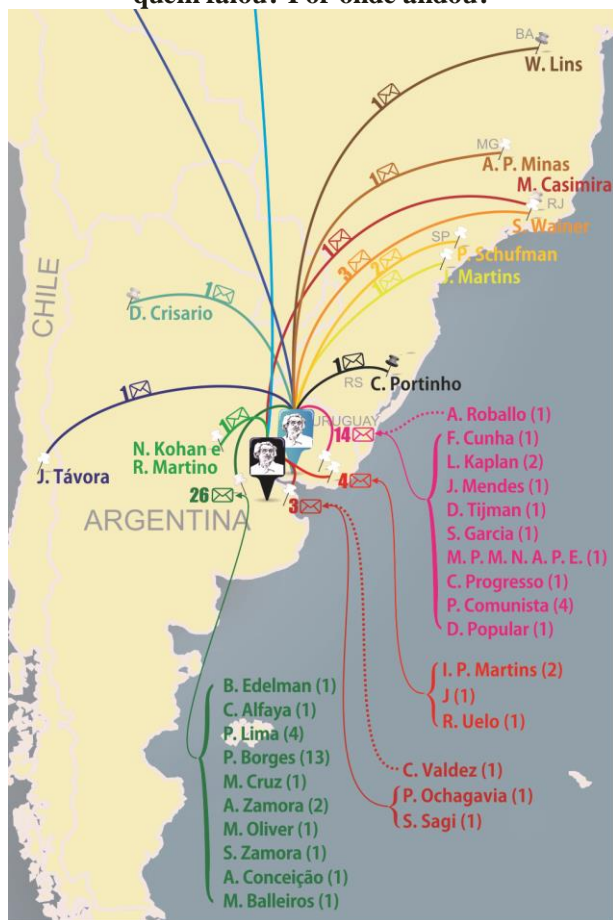


Fonte: a pesquisadora.

<sup>32</sup> Há previsão deste recorte ser retomado e aprofundado na tese de doutorado, cuja publicação está prevista para 2021.

O mapa acima ilustra e sintetiza o fluxo de correspondências que Jorge Amado recebeu enquanto morou em Buenos Aires e em Montevidéu durante o período de exílio. Nota-se que com exceção de dois remetentes, um do México e outro dos Estados Unidos, todos os envios foram feitos de países da América do Sul: i) Argentina (15); ii) Uruguai (13); iii) Brasil (7); e iv) Chile (1). Assim, tendo em vista a concentração dessas informações nessa região, reproduzirei a seguir uma versão recortada da imagem para melhor apresentar a composição:

**Figura 19 - Recorte do Mapa: Correspondências exilares: com quem falou? Por onde andou?**



Fonte: a pesquisadora.

Início a apresentação desse mapa chamando atenção para os dois ícones no centro da imagem, um com o fundo azul claro e o outro com o fundo azul escuro, pois ambos representam Jorge Amado. Além disso, ainda observo que esse mapa diz respeito a uma correspondência passiva, pois não há envios por parte do escritor para terceiros<sup>33</sup>. Assim, o ícone mais escuro indica as correspondências que Jorge Amado recebeu em Buenos Aires, enquanto o ícone mais claro indica as que foram enviadas para ele em Montevideú.

É pertinente observar que determinei uma ordenação desses “recebimentos” a partir da leitura e cotejamento do conteúdo das correspondências, uma vez que a grande maioria dos remetentes, naturalmente, registrava apenas o local de onde partia, e não de onde chegaria a correspondência. Nesse caso, falo da materialidade das cartas (das mensagens) não dos envelopes, pois estes não fizeram parte desse cotejamento para o mapa<sup>34</sup>. A partir disso, recolhi informações no conteúdo das correspondências que me ajudassem a determinar com a maior precisão possível a partida de Jorge Amado para o Uruguai, pois, de imediato, adianto que é inquestionável sua ida primeiro à Buenos Aires (1941) e só depois ao Uruguai (1942).

Digo “inquestionável”, nesse contexto, devido a diversas referências que se tem em relação ao estabelecimento do escritor em Buenos Aires durante o ano de 1941: as correspondências trocadas com amigos de outros lugares, as referências a eventos nas cartas, data em fotografia, as tratativas editoriais da biografia de Prestes, a participação do escritor em periódicos etc. Assim, restava saber quando Jorge Amado partiu para o Uruguai. Nesse caso, determinei que a ida ocorreu em fevereiro, pois data do final desse mês uma carta (de Buenos Aires) de Pedro Mota Lima para o escritor, e como Pedro fazia parte do círculo mais íntimo de militantes e amigos que mantinham contato com Amado considere essa uma boa referência.

Assim, dessa forma, os envios a Buenos Aires ou a Montevideú foram organizados por meio dessa lógica de que até janeiro o escritor esteve na Argentina e, posteriormente, no Uruguai. Quanto à precisão da marcação dos locais em que partiam as correspondências, observo que todos são baseados em dados empíricos das mensagens, seja porque o

---

<sup>33</sup> Não há, no caso, nesse recorte que elaborei no mapa, pois o Acervo conta com sete cópias de correspondências que Jorge Amado enviou a amigos.

<sup>34</sup> A grande maioria das correspondências não têm envelope. Além disso, os envelopes não trazem, com recorrência, o endereço do remetente, isto é, mencionam em sua maioria o do destinatário, somente.

remetente mencionou no cabeçalho, seja a partir de informações que colhi indiretamente. Como, por exemplo, no caso de Carmen Alfaya Ghioldi, cuja carta não tinha data nem local, porém, abaixo da sua assinatura havia o endereço: “Altolaguirre, 1961, D<sup>o</sup>E.”. Em pesquisa, encontrei várias ruas na capital Argentina com esse nome, ou seja, não consigo precisar o endereço exato, mas sei que veio de Buenos Aires.

Assim, todas as indicações de envio (representadas pelas linhas coloridas) do mapa, dizem respeito aos dados precisos de remissão. Por isso, quando algum estiver em linha pontilhada indica se tratar de uma suposição. Como, por exemplo, no caso de Alba Roballo, política e poeta uruguaia, que enviou uma mensagem para Jorge Amado, sem data nem local, marcando um encontro no Círculo O Progreso<sup>35</sup>. Nesse caso, entendi essa carta como um bilhete, uma mensagem de “nos vemos depois em x lugar” e, em vista disso, supus que ela estivesse em Montevidéu. Por isso, seu registro, assim como o da correspondência de Carmem Valdez, está pontilhado.

Para a boa compreensão dessa proposta visual, também menciono que as correspondências que saem da mesma cidade para o mesmo destino são destacadas com a mesma cor. É por esse motivo que há os “blocos” verde-escuro e rosa, por exemplo, já que advém desses locais o maior número de correspondências e, por isso, há maior incidência dessas cores no mapa. Assim, i) os remetentes em verde-escuro emitem carta da Argentina para Montevidéu; ii) os remetentes em vermelho-escuro emitem cartas da Argentina para a Argentina; iii) os remetentes em vermelho-claro emitem cartas do Uruguai para a Argentina; iv) os remetente em rosa emitem carta do Uruguai para o Uruguai.

Além disso, chamo atenção para os envelopes que acompanham as linhas, pois eles indicam a quantidade de cartas daquele remetente a Jorge Amado, e aproveito para destacar os envios de Pompeu Acioli Borges, que somou 13 correspondências, sendo o mais recorrente no Acervo. Por fim, registro a síntese de informações trazidas na legenda da imagem, ao lado esquerdo do mapa, pois nela estão indicados, por relação de cada país, todos os remetentes, os locais, as datas e a quantidade de envios. A partir disso, acredito que seja possível se ter uma boa noção panorâmica das relações epistolares de Jorge Amado no decorrer de 1941 e 1942.

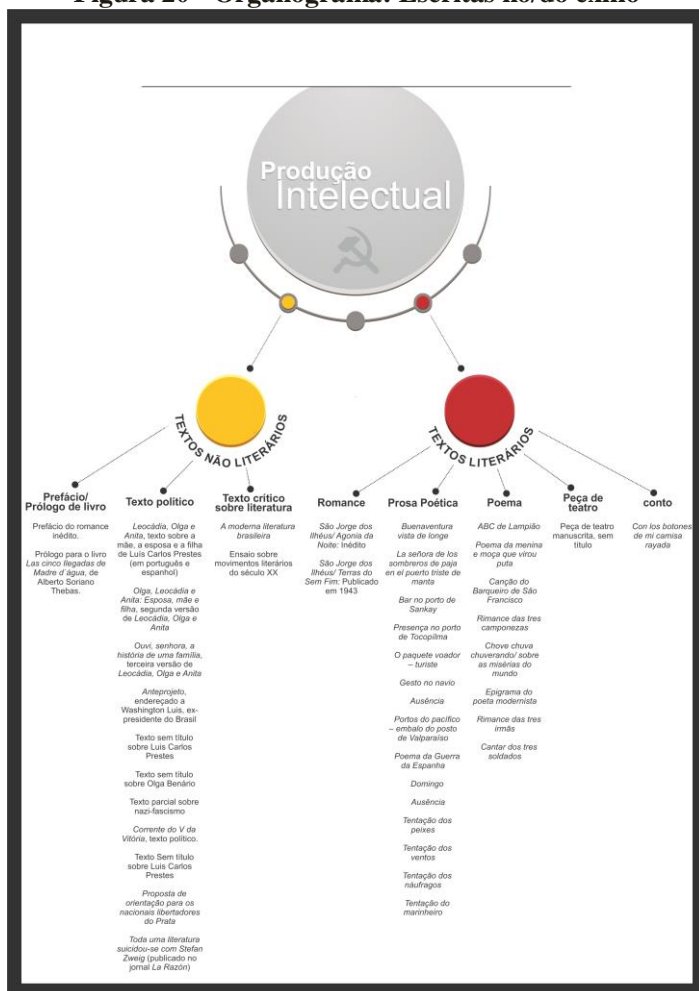
O organograma a seguir ilustra e sintetiza os registros da produção intelectual de Jorge Amado encontrados no Acervo. É válido observar que

---

<sup>35</sup> O “Círculo El Progreso” foi um grupo que promovia eventos, palestras e conferências a fim de combater o fascismo no Uruguai.

esse recorte não diz respeito a toda materialidade literária do arquivo, que traz várias colaborações de outros escritores latinoamericanos, principalmente em escritos sobre Luís Carlos Prestes, o que faz muito sentido no contexto de produção da biografia de Prestes. Assim, como dito, fez parte da seleção desse recorte somente os textos nos quais não se indicava a autoria de outra pessoa, o que significa que os documentos sem assinatura foram creditados a Jorge Amado.

**Figura 20 - Organograma: Escritas no/do exílio**



Fonte: a pesquisadora.

Como visto, o organograma recém-apresentado organizou 42 produções escritas de Jorge Amado, sendo 15 diferentes textos não literários, entre prefácio e prólogo de livros, textos políticos e ensaios de crítica literária, e 27 diferentes textos literários, entre romances, prosas poéticas, poemas, roteiro de peça teatral e conto.

Do primeiro grupo de tessituras, destaco as produções do escritor que envolvem o entorno familiar de Prestes com textos que Jorge Amado escreveu para conferências que participava entre 1941 e 1942. Como o “Olga, Leocádia e Anita: esposa, mãe e filha”, no qual se retrata, no mesmo tom laudatório da biografia de Prestes, as três mulheres na vida do revolucionário, sendo que, nesse caso, por exemplo, os elogios dedicados à Olga passam por boa esposa e dona de casa.

Do segundo grupo de textos, destaco no material a recorrência de poemas, uma vez que Jorge Amado publicou raros textos dessa natureza ao longo de sua trajetória como escritor, “Eu sou mesmo um romancista”<sup>36</sup>, repetiu ao longo da vida. Além disso, não menos importantes são os registros de dois romances no arquivo, o *São Jorge dos Ilhéus/Agonia da Noite* e o *São Jorge dos Ilhéus/Terras do Sem Fim*. O primeiro, diz respeito a um romance inacabado e até hoje inédito, cujas cópias são intituladas ora *São Jorge dos Ilhéus*, ora *Agonia da Noite*; o enredo, de caráter intimista, apresenta um grupo de comunistas em volta de um aparelho de rádio às vésperas de um levante. O segundo, traz as partes iniciais da obra posteriormente publicada como *Terras do Sem Fim* (1943), mas inicialmente denominada nos originais de *São Jorge dos Ilhéus*.

Por fim, essa imagem panorâmica recém-proposta confirma que o Acervo Mala de Jorge Amado está para muito além de se resignar a uma história totalizante, pois comporta diferentes histórias particulares nas pouco menos de 1500 páginas que o constituem, a exemplo dos 38 remetentes que escreveram para Jorge Amado entre 1941 e 1942, dentre os quais editores, como José de Barros Martins (Editora Martins) e Antonio Zamora (Editorial Claridad), amigos pessoais e de militância, como Ivan Pedro de Martins e Pedro Mota Lima, intelectuais latinoamericanas, como Alba Roballo e Carmen Alfaya Ghioldi, e muitos outros.

Além disso, ainda é possível afirmar que o Acervo Mala de Jorge Amado é capaz de descrever e contextualizar grande parte da produção intelectual do escritor no período, a começar pelos originais de artigos

---

<sup>36</sup> “[...] eu me aventurei pouco em outros gêneros. Eu sou mesmo um romancista” (AMADO 1997 apud CADERNOS, 1997, p. 44).



publicados em periódicos, como o “Toda uma literatura suicidou-se com Stefan Zweig”, texto cuja publicação ocorreu no jornal *La Razón* de 25 de fevereiro de 1942, passando pelas cópias das conferências que proferiu, como o mencionado “Olga, Leocádia e Anita” até chegar nos datiloscritos de sua criação literária que, como visto, englobou diversos gêneros como o poema, o conto, o roteiro e o romance.

### 3.2 MATILDE, MARIA E POMPEU: REESCRITA(S) DE VIDA(S)

#### 3.2.1 Matilde Mendonça Garcia Rosa

É com uma exceção ao recorte do espaço-temporal aqui investigado que inicio minha narrativa da presença de Matilde Garcia Rosa. Refiro-me a um documento datado de 1933, o contrato de edição de *A Descoberta do Mundo*, o livro infantil que ela e Jorge Amado escreveram em parceria e publicaram pela Editora Schmidt, do Rio de Janeiro. O contrato prevê a impressão de 3.000 mil exemplares da obra e o pagamento de 1.000\$000 (um conto de réis) aos autores que, aliás, casaram-se no mesmo ano.

**Figura 21 - Contrato de edição de *A Descoberta do Mundo***

LIVRARIA SCHMIDT TRAVESSA DO OUVIDOR, 27  
 CASA EDITORA TELEPHONE 8-1172  
 MAIA & SCHMIDT LTA. RIO DE JANEIRO

Contracto que entre si fazem, a Srta MATHILDE GARCIA ROSA e o Sr. JORGE AMADO, autores, e MAIA & SCHMIDT LTDA editores, estabelecidos nesta cidade á TRAV. OUVIDOR, 27, para a publicação do livro intitulado "A DESCOBERTA DO MUNDO" sob as clausulas seguintes:

1º) MAIA & SCHMIDT LTDA, obrigam-se:

a- Imprimir 3.000 (treis mil) exemplares do livro "A DESCOBERTA DO MUNDO" correndo as despesas por sua conta.

b- Pagar aos autores 1:000\$000 (um conto de réas) em duas prestações, sendo a la de 200\$000 (duzentos mil réas) pagavel no dia 5 de Outubro p.y. e os restantes 800\$000 (oitocentos mil réas) até a saída do livro, que será até Natal do corrente anno, ficando os editores com os direitos autoraes e a propriedade do livro.

2º) Os autores, obrigam-se:

a- A não publicar outro livro sobre o mesmo assumpto.

3º) As partes contractantes dão ao presente contracto o valor de Rs. 3:000\$000 (treis contos de réas).

E por terem assim accordado, justo e contractado, assignam com a presença de duas testemunhas, o presente contracto em duplicata dando uma para o editor e outra para os autores.

*Rio de Janeiro 26 de Setembro de 1933*

*Maia & Schmidt L.ª*

*Mathilde Garcia Rosa*

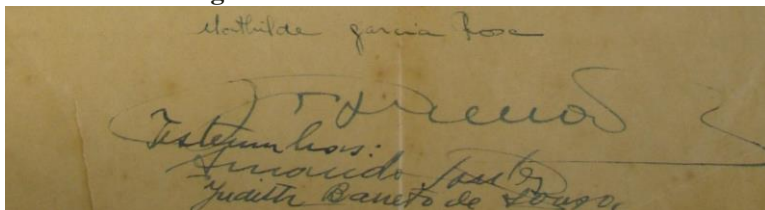
*Jorge Amado*

Testemunhas:  
*Juiz de Direito*  
*Juditha Baneto de Souza*

Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

Nesse documento, a assinatura do nome próprio. Ela existe.

**Figura 22 - Assinatura de Matilde**



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

À primeira vista, pode parecer pedante o apelo a tão pontual detalhe, no entanto, muito interessa a materialização dessa presença, a considerar que denominei de “apagamento” o movimento que melhor descreve Matilde na narrativa de vida de Jorge Amado. E, enfim, que jeito melhor encontraria de inaugurar essa existência senão registrando-a em uma realidade factível e contextualizada?

O próximo vestígio que corrobora à narrativa de Matilde na Mala desdobra-se em três, pois essa é a quantidade de envelopes que comprovam sua presença no Uruguai em 1942. Todos são endereçados à “calle José Martí, 3138” e têm como destinatária “Matilde Amado”, com as variações do sobrenome (Matilde Amado ou Matilde Garcia Rosa Amado):

**Figura 23 - Envelopes para Matilde**



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.



Definitivamente, Matilde viajou antes do dia 20. Com isso, estimo que tenha ficado em terras estrangeiras por volta de 4 meses, a considerar a data da primeira carta recebida por ela em Montevidéu, como demonstrarei mais adiante. Ainda, além dessa útil informação de Wainer, chama-me a atenção a falta de menção à Eulália Dalila, a Lila, filha do casal Amado. Há menções por parte de terceiros à menina, indicando sua presença com os pais durante esse período.

Cogitei, em um primeiro plano, que a emoção do jornalista ao mencionar o apoio de Getúlio Vargas aos Aliados, “o Brasil acaba de declarar a guerra”, tenha colaborado para a rápida informação e consequente esquecimento de Lila. Acerca da declaração de Wainer ao que denominou “primeiro grito de anistia”, fica o registro de, a meu juízo, 2 questões: (i) não sei se “nacionalismo cego” ou “ingenuidade persistente” melhor descrevem a animação de Samuel. Leio essas linhas<sup>37</sup> e me pergunto se o resultado da Intentona de 35 não bastou para que se despissem (de maneira genérica, “os comunistas”) da inocência que os lançou sem adequada organização de base e sem um plano estratégico sólido ao Levante (de 35). Wainer responde a minha indagação: “Pensemos apenas nisso e não nos distraiamos as nossas ideias e forças em casos sucedidos antes.”, não, definitivamente, não bastou.

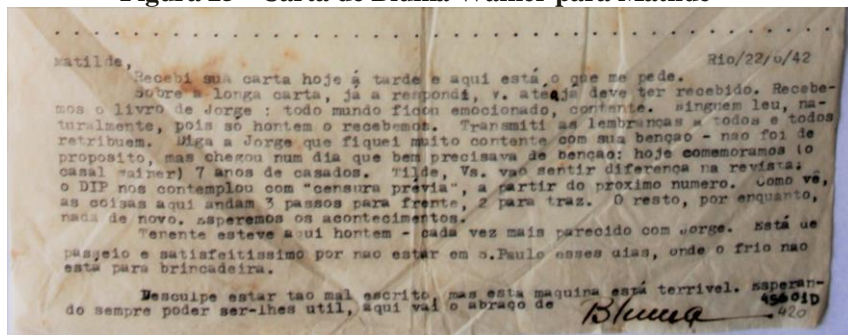
(ii) A passagem, ainda, traz à memória, e em certa medida ambienta, o excerto do depoimento reproduzido no primeiro capítulo deste trabalho, no qual o jornalista defende e justifica a “vocação nacionalista” de Getúlio Vargas. Nesse caso, é pertinente lembrar que esse discurso de Wainer começou a despontar em *Diretrizes* após o apoio do governo aos Aliados – pois, em tese, estavam do mesmo lado na guerra –, mas se solidificou, principalmente, a partir do *Última Hora*, periódico cuja criação foi, em muito, devido ao apoio de Vargas. Mais uma vez, a “lógica maniqueísta” não consegue explicar os fatos, pois se lermos as linhas de Bluma à Matilde, fica difícil acreditar na amizade amena de Samuel e Getúlio pós Estado Novo.

Faço referência à carta de Bluma Wainer enviada à Matilde em 22/06/22, apenas dois meses antes do que a de seu esposo:

---

<sup>37</sup> “[...] diante deste acontecimento não existe nada de mais importante. Chegamos ao fim de uma etapa que é verdadeiramente o começo da *nossa etapa*, da gra[n]de, da maior de todas. Pensemos apenas nisso e não nos distraiamos as nossas ideia e forças em casos sucedidos antes.” (grifos dele).

**Figura 25 - Carta de Bluma Wainer para Matilde**



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

“Tilde, vocês vão sentir diferença na revista: o DIP nos contemplou com ‘censura prévia’, a partir do próximo número”. A revista a que se faz referência é *Diretrizes*, na época, um veículo de oposição<sup>38</sup> aos governos totalitários, de maneira ampla e, por extensão, ao regime de Getúlio Vargas no Brasil. Na ocasião da carta de Bluma, Samuel era dono e editor da *Diretrizes*, sendo que o próprio Jorge Amado chegou a colaborar com o compêndio entre o último ano da década de 1930 e o início da década de 1940, tanto que se vê no Acervo a presença de distintas páginas com o cabeçalho da revista<sup>39</sup>. Foi a semelhança do Estado Novo com os modelos europeus criticados pela *Diretrizes* que fizeram com que a revista não escapasse do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que não somente censurava os órgãos de imprensa se não estivessem alinhados à proposta “do Estado” como também intervinha nos conteúdos publicados.

Além da menção à censura, destaco a forma com que Bluma introduz a informação à Matilde, “Tilde”, indicando uma proximidade entre as duas e, por óbvio, um relacionamento. Isso é pertinente se nos atermos ao fato de que em todos os momentos de aparição de Matilde nas narrativas biográficas analisadas no segundo capítulo deste trabalho, ela sempre foi posta em relação ao escritor. Isto é, “a esposa de Jorge Amado”, “a ex-esposa de Jorge Amado”, “a mulher com que Jorge

<sup>38</sup> A revista surge (1938) originalmente com o objetivo de apoiar o Estado Novo. Seu fundador, Azevedo Amaral, foi um conhecido jornalista defensor do regime do Estado Novo. Somente após Wainer assumir a direção do periódico que a *Diretrizes* ganhou um viés de esquerda.

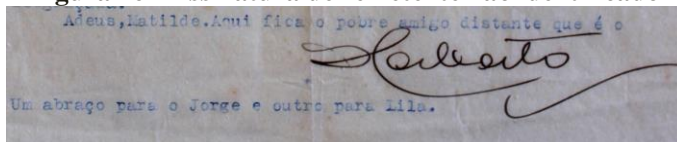
<sup>39</sup> No caso, suponho que Jorge Amado mantinha páginas em branco com o cabeçalho da revista para usar como rascunho ou os documentos datam do período de trabalho na *Diretrizes*, isto é, 1939/1940.



Amado teve sua primeira filha”. Matilde não teve direito a ser sujeito em nenhuma dessas histórias. Aqui, ao contrário, é possível traçar essa existência para além do autor, a começar pelo fato de que ela é o destinatário da carta, ela é quem vai socializar as informações trazidas do Brasil pela amiga, ela é quem participa de uma interlocução real, enfim, “ela” também se mostra inserida em uma prática social.

Não somente na carta de Bluma vê-se essa realidade, pois, além dessa, há outras seis correspondências enviadas à Matilde. A primeira data de 03/04/42 e, portanto, nos dá pistas de sua chegada com Lila à Montevideú. Dessa forma, é possível afirmar que ambas estiveram presentes por, pelo menos, quase cinco meses no Uruguai, de início de abril (vide carta de 03/04/42) a final de agosto (vide carta de 23/08/42). Desses escritos, destaco as seguintes informações: i) com exceção de uma que não indica local, todas as cartas vêm do Rio de Janeiro em algum mês de 1942; ii) por mais que nem todas sejam assinadas, em análise de conteúdo, detectei o número máximo de três remetentes: Zonc, Zeriba e um homem não identificado pela assinatura (talvez “Norberto”):

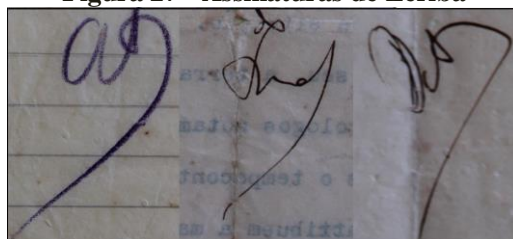
**Figura 26 - Assinatura de remetente não identificado**



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

iii) as correspondências de 03/04, 12/05, 27/05 e 01/08 são de Zeriba, indicando uma troca recorrente de cartas entre ele e Matilde. Isto é, há uma sequência de conversa travada entre os dois, o que me permitiu a identificação desse sujeito, já que nos três primeiros envios há somente a assinatura, sem identificação do nome:

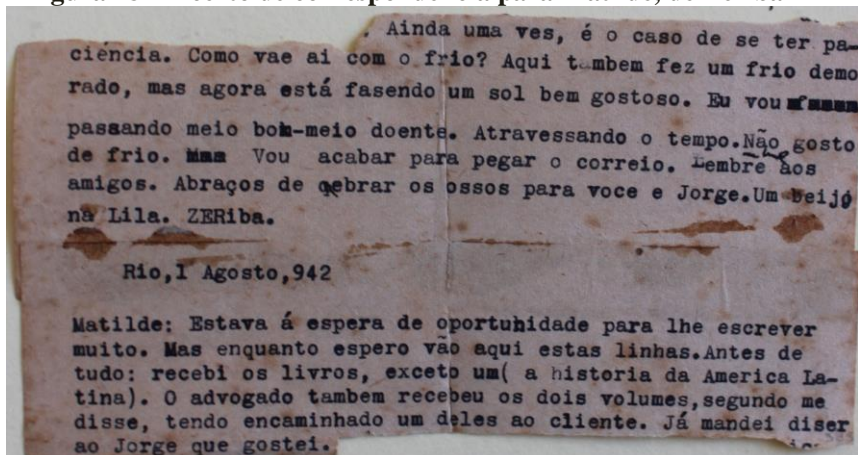
**Figura 27 - Assinaturas de Zeriba**



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

Consegui identificá-lo apenas na sua última carta, que ficou no Acervo na forma de excerto, já que recortada. Nela, lê-se “Zeriba” (apelido?):

**Figura 28 -Excerto de correspondência para Matilde, de Zeriba 1**



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

Graças à menção ao não recebimento do livro, no segundo parágrafo do excerto, pude determinar que se tratava do mesmo remetente das cartas citadas acima, já que o amigo pede exemplares nas demais correspondências, inclusive o *A História da América Latina*, e chega a dizer: “Quando esses pedidos lhe chatearem, você não mande”. No geral, das mensagens de Zeriba, além da informação já sugerida de que Matilde enviava livros para o Brasil, destaco as passagens sobre o livro de Prestes, “E a biografia heroica?”, as notícias sobre o Rio, “Aqui tudo vai no mesmo”, os abraços que incluem Lila e, por fim, o registro da “mesada” que João Amado ficou de enviar ao filho e à nora, ilustro meus dois últimos destaques:



**Figura 29 - Página de correspondência para Matilde, de Zeriba**

Estive, alias, já duas vezes com a sua mãe  
batendo papo. Ela falou com uma grande ternura  
da filha, sobretudo daquela garota já inquirida  
valente, curiosa e inteligente aos doze anos.  
Também estive com o casal Amado velho. Disse  
seu João que ai mandar dinheiro para vocês.  
Estimulei-o a mandar sempre com pontualidade.  
Dona Eulalia está gorda, com bocheixinhas.  
Estou com uma bruta saudade de vocês. A minha  
conversa com os velhos só serve para aumentar  
esta saudade. Alias, estou pensando assim: por  
vemos ter saudade dos ausentes. A saudade é  
uma coisa gostosa e, por essa e outras, deseja

20/10/21  
870

Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

**Figura 30 - Excerto de correspondência para Matilde, de Zeriba 2**

Mande-me notícias de Vocês, de quem tenho saudade no duro.  
Abraços pro Jorge, Lila e Você

20/10/21  
870

Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

Da correspondência do sujeito não identificado, um dado interessante surge. A princípio, Matilde e Jorge voltariam ao Brasil até o final do ano, juntos. Ao menos, é o que se pode inferir da passagem:

**Figura 31- Excerto de correspondência para Matilde**



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

Diz o datiloscrito carcomido pelo tempo: “Matilde, fico encantado quando me diz que até o fim do ano [você] e Jorge estarão de volta”. O que significa supor que o apoio do governo brasileiro aos Aliados, em agosto, somente antecipou o retorno de Jorge Amado, que já pretendia voltar ao país no mesmo ano. Além disso, fica a dúvida de o porquê Lila e Matilde terem vindo separadas (e antes) do escritor.

Também não posso deixar de mencionar (Figura 31) a consideração que vem a seguir da informação da viagem de retorno ao Brasil quando, em acalanto a uma provável reclamação de Matilde às baixas temperaturas uruguaias, o sujeito dispara: “Você queixou-se do frio e eu fi[quei c]om muita pena de você. Mas vale o sacrifício porque você colab[ora com] Jorge e algum dia há de se escrever a história dessa grande es[...] de mulher que é a esposa e colaboradora do romancista Jorge [Amado].” “Grande” porque “esposa e colaboradora” do distinto Jorge Amado? Eis a ideia geratriz de seu apagamento na biografia de Jorge Amado.

### 3.2.2 Maria Cruz

Antes que anunciar um relacionamento extraconjugal de Jorge Amado no exílio 1941-1942 – já que isso o próprio autor fez sozinho, 20 anos antes, ao publicar seu livro de memórias – o Acervo trouxe uma identidade, um contexto, um nome próprio à miscelânea de casos amorosos que Jorge Amado deixou à deriva na sua *Navegação*. Por ironia, também se chamava Maria, Maria Cruz. “Ironia” porque, como visto na introdução deste capítulo, esse foi o nome escolhido pelo escritor para denominar todas as mulheres (que não Matilde) com que manteve um envolvimento sexual até 1945, porque, em suas palavras, “[...] ao conhecer Zélia, arriei bandeira e pedi paz.” (AMADO, 2006, p. 19).

Maria Cruz assinava “Amado”, denominava-se “esposa”, questionava a “estúpida trindade” e, definitivamente, estava muito além de seu tempo. Na única carta enviada a Jorge Amado, vejo uma mulher insubordinada, decidida e corajosa; irônica, questionou o *status quo* “divinatório dos romancistas e poetas” e deu o seu recado, não precisou de porta-voz. Assim a leio e a defino, assim reescrevo minha personagem em paralelo à de Jorge Amado, Maria a Chinesa:

Curitiba, 1941. Paixão

Maria a Chinesa desembarca com armas e bagagens na cama do hotel de Curitiba, aproveitamos cada minuto da noite de esponsais, agora e sempre, ai cu ladrão!

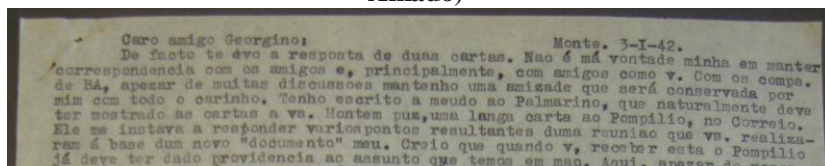
Buenos Aires, 1942. Separação

Maria a Chinesa arrecada armas e bagagens, amanhã irá embora, aproveitamos cada minuto da noite da despedida, agora e nunca mais, ai cu ladrão! (AMADO, 2006, p. 67)

Se Maria a Chinesa encontrou Jorge Amado em Curitiba, com armas e bagagens, pronta para a luta, Maria Cruz, paranaense e militante comunista, já na luta, se correspondeu com Luís Carlos Prestes e ficou muito popular entres os companheiros. Se Maria a Chinesa, feliz e apaixonada na noite em que se juntou ao futuro esposo, ia para onde ele fosse, Maria Cruz, determinada e apaixonada, foi com o “esposo” para servir à revolução. Se Maria a Chinesa, com armas e bagagens, foi embora após se despedir para nunca mais voltar, Maria Cruz foi embora, com armas e bagagens, porque “nem por cartas” se entendiam mais; separou-se e, tempos depois, “disposta a representar pela segunda vez essa pantomima”, casou-se novamente.

Minhas justificativas da descrição acima iniciam com uma correspondência recebida por Georgiano em 03.01.1942:

### Figura 32 - Excerto de correspondência para Georgino (Jorge Amado)



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

“Georgino” é Jorge Amado, não sei se por piada, como uma brincadeira de “pseudo-pseudônimo” devido à semelhança com nome real, ou se por intenção genuína de disfarce. Particularmente, torço pela criatividade dos “camaradas” e aposto na primeira opção. De todo modo, mesmo que a denominação do destinatário possa ter sido oriunda de um momento de divertimento, o conteúdo da carta não vai por esse caminho. O remetente (não identificado) escreve para Jorge Amado a fim de abordar uma gama de assuntos, dentre os quais divergências entre os membros do Partido e a biografia de Prestes.

Nesse íterim, após os relatos irônicos de desentendimentos entre os companheiros políticos – “não podia ser outra a sua companheira de cama e mesa, Queen Mary” – e lições de prioridade da escrita da biografia de Prestes – “Georgino não pode meter-se em santos lugares, entre o carinho da companheira e a visão do crescimento dos coelhos, e escrever a obra [...] que vai contribuir à liberdade do chefe que é ao mesmo tempo libertar o Brasil” –, sobra um breve espaço para descontração. Assim, compartilha:


A baiana me respondeu. Ficou satisfeita com a minha carta. Disse que se o destino quiser nos encontraremos. Porém me pediu uma coisa impossível de atender. Quer meu retrato. Aí é que o carro pega. Como posso mandar meu retrato? Vou estragar tudo. Por isso disse-lhe que para mantê-la na ilusão não posso fazer semelhante crime. Quase que mandei o teu que saiu na LH. Depois me lembrei que podia dar encrenca com a ... paranaense... Ah! Se fosse fotogênico. (grifos meus).

Dessa passagem, como visto, retirei a informação de que Maria Cruz era paranaense, já que em janeiro de 1942 ela e Jorge ainda estavam juntos. Julgo que é pouco provável que o remetente esteja referindo-se a outra pessoa, pois, na despedida, deseja felicidades a Georgino e à Maria, bem como ao resto da família (“[...] que no momento consta de... coelhos e moscas”). Além disso, destaco a sugestão do forte temperamento da “paranaense”, dado que o envio do retrato de Jorge Amado a uma outra mulher só poderia resultar em “encrenca”.

A fotografia a que se faz referência é de uma nota que saiu *no La Hora*, no dia 12/12/41, para divulgar a conferência “La Literatura Moderna em el Brasil” (cujo texto está listado na primeira seção deste capítulo). Além dessa fala de Amado na A.I.A.P.E, há a informação de

que haverá uma noite de autógrafos com escritores brasileiros e argentinos. Eis a nota com a fotografia de Jorge Amado e demais informações mencionadas:

**Figura 33 - Recorte de Jornal: La Hora 12/12/41**



**JORGE  
AMADO**

*El gran novelista brasileño, hablará mañana, a las 19 hs.*

**SOBRE**  
*"La Hora" 12/*  
*12/41*

**"LA LITERATURA MODERNA  
EN EL BRASIL"**

*La conferencia se realizará en el salón de la A. I. A. P. E., Avenida de Mayo 1370, segundo piso (Pasaje Barolo), en donde la LIBRERIA PROBLEMAS organizará una*

**EXPOSICION DE LIBROS**

*en la que figurarán las novelas de Jorge Amado ya traducidas al español y otras obras de escritores argentinos y brasileños:*

MAX DICKMAN	MONTEIRO LOBATO
HECTOR P. AGOSTI	ABGUAR BASTOS
SERGIO BAGU	RAUL LARRA
RAUL G. TUNON	RODOLFO PUIGGROS
EMILJO TROISE	CORDOVA ITURBURU
JOSE PORTOGALO	EDUARDO ASTESANO
HORACIO KLAPENBACZ	JUAN L. ORTIZ
ALVARO G. MUÑOZ	PEDRO MOTTA LIMA
GERARDO PIZARELO	

**LOS AUTORES PRESENTES FIRMARAN  
SU AUTOGRAFO**

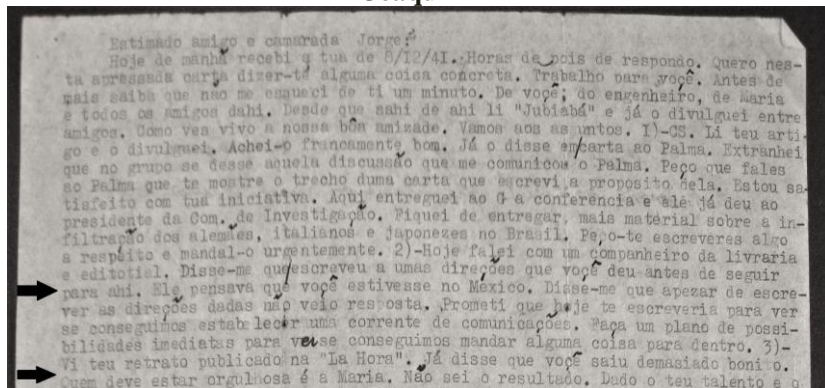
**EDITORIAL PROBLEMAS**

Bartolomé Mitre 745 U. T. 34-0227  
Luis Sáenz Peña 40 U. T. 38-3621

Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

Essa fotografia também é pauta de conversa na correspondência enviada por Joaquim a Jorge Amado, em 15.12.41:

### Figura 34 - Excerto de correspondência para Jorge Amado, de Joaquim

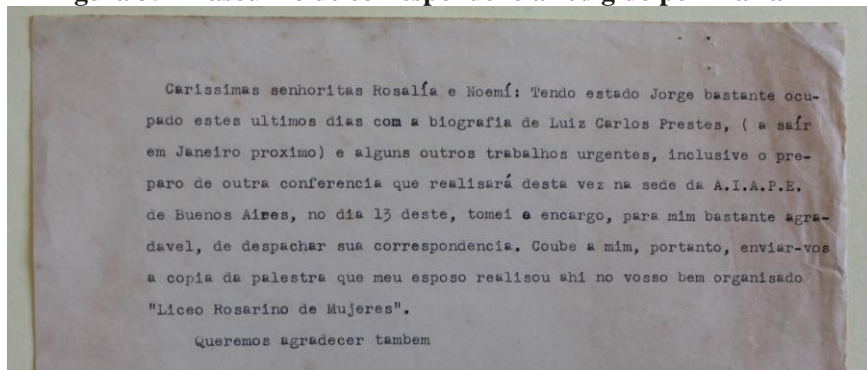


Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

“Vi teu retrato publicado na *La Hora*. Já disse que você saiu demasiado bonito. Quem deve estar orgulhosa é a Maria”, diz Joaquim na correspondência (segunda flecha, na imagem). Da carta de Joaquim também chamo atenção para o primeiro destaque da imagem (primeira flecha à esquerda), cuja informação de interesse é a de que um “companheiro da livraria” acreditava que Jorge Amado estivesse na América Central, “Ele pensava que você estivesse no México”. Ou seja, ao que tudo indica, o plano de Jorge Amado, relatado à Alice Raillard, de colher informações da vida de Luís Carlos Prestes com a família do biografado, exilada na Ciudad de México, foi compartilhado pelo escritor com outras pessoas.

Retornando aos comentários do remetente da carta a Georgino e da carta de Joaquim fica claro que o relacionamento de Maria e Jorge Amado não era segredo, ou pelo menos não o era para o seu círculo de amizades, relacionamentos e contatos profissionais no exílio, já que a própria Maria sentia-se à vontade para redigir correspondências oficiais para o “esposo”, como é possível notar nesse rascunho que ficou para trás, no Acervo:

**Figura 35 - Rascunho de correspondência redigido por Maria**



Caríssimas senhoritas Rosalía e Noemí: Tendo estado Jorge bastante ocupado estes últimos dias com a biografia de Luiz Carlos Prestes, ( a sair em Janeiro proximo) e alguns outros trabalhos urgentes, inclusive o preparo de outra conferencia que realizará desta vez na sede da A.I.A.P.E. de Buenos Aires, no dia 13 deste, tomei a encargo, para mim bastante agradável, de despachar sua correspondencia. Coube a mim, portanto, enviar-vos a copia da palestra que meu esposo realizou ahí no vosso bem organizado "Liceo Rosarino de Mujeres".

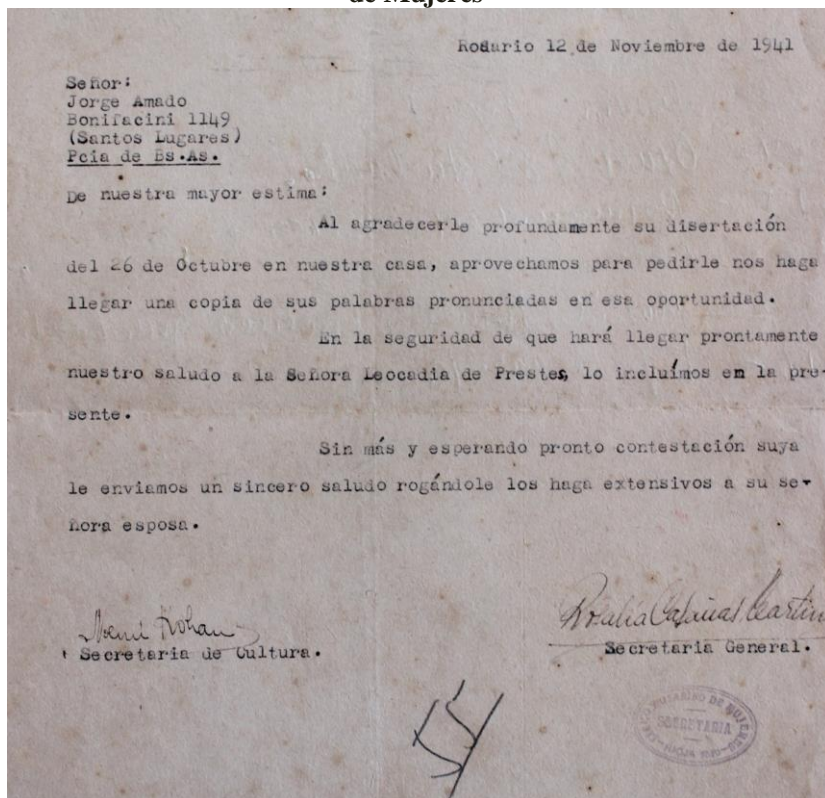
Queremos agradecer tambem

Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

Chamo atenção para a marcação, no plural, da frase não finalizada “Queremos agradecer”, bem como da descrição das atividades de Jorge, ocupado com a biografia e com o preparo do texto para a palestra no final da semana “desta vez na sede da A.I.A.P.E de Buenos Aires”, indicando conhecimento de que o autor esteve proferindo comunicações em outros locais. Além disso, destaco o comentário a respeito do “bem organizado” congresso, o que pode sugerir, além de gentileza, que Maria o acompanhou ao “Liceo Rosarino de Mujeres”. Levanto essa hipótese devido à carta que motivou a redação dessa resposta:



### Figura 36 - Correspondência para Jorge Amado, do Liceo Rosarino de Mujeres



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

“[...] le enviamos un sincero saludo rogándole los haga extensivos a su senõra esposa”. Da mesma forma que Maria pôde apenas ter sido gentil ao comentar a organização do evento, Rosalía e Noemí podem ter estendido os cumprimentos à “esposa” de Jorge Amado por educação. No entanto, ainda acredito que Maria acompanhou-o a esse evento, tamanha as justificativas das atividades de Jorge Amado, como se tivesse conversando com elas, como uma extensão de “intimidade” permitida graças à conversa iniciada no “Liceo”.

A fim de concluir as observações acerca do envio de correspondências por “Maria Amado”, reproduzo uma fotografia de um envelope em que há o registro do nome acompanhado pelo endereço em



que residiam Jorge Amado ela, até início de 1942, “Bonifacini 1149. Stos Lugares/ Provincia de Buenos Aires”:

**Figura 37 - Envelope de Maria Amado**



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

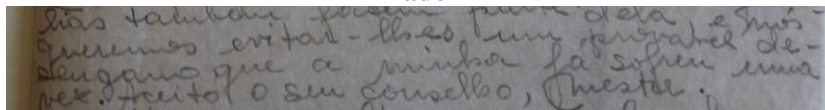
Finalmente, dialogo com a correspondência do dia 21-05-42, cujo destinatário é “Jorge” e a remetente “Maria”. De imediato, enfatizo a data da carta, uma vez que nessa época do ano Jorge Amado encontrava-se em Montevidéu acompanhado por Matilde e Lila há quase dois meses (no mínimo). Todavia, não há menções em relação a isso por parte de Maria, aliás, sequer o há por parte alguma. O que se vê, no conjunto Acervo, é que enquanto “o casal Amado” se constituía por “Maria e Jorge” mandavam-se abraços e beijos aos dois; da mesma forma, quando Matilde chegou ao Uruguai e o então “casal Amado” passou a ser “Matilde e Jorge”, ela passou a receber as mensagens de carinho. É pertinente observar, todavia, que os remetentes não se repetem nos dois anos já que, como visto na primeira seção de leitura do Acervo, poucos rescindiam as correspondências e aqueles que escreviam a Jorge Amado faziam-no no mesmo período de tempo. O que, no final das contas, faz bastante sentido,

pois os amigos de Montevideu comunicavam-se por correspondências quando o escritor estava em Buenos Aires e o mesmo ocorreu quando Jorge Amado mudou-se para a capital uruguaia. E, finalmente, como Maria esteve com ele apenas na Argentina e Matilde apenas no Uruguai, não é difícil compreender tal “sincronia”.

No que se refere à carta de Maria, logo nas primeiras linhas, é registrada a decepção com que a última correspondência de Jorge é recebida. Isso porque o escritor menciona o que denominou de “velho instinto divinatório dos romancistas e poetas” para não somente insinuar, mas afirmar que o relacionamento de Maria com o amigo do casal, Pompeu Acioli Borges, já datava da época em que o baiano e a paranaense ainda formavam um casal. Maria faz uso da ironia para dismantelar a petulância de Jorge Amado e sugere: “talvez abusando do seu ‘velho instinto divinatório dos romancistas e poetas’ você tivesse tentado uma falsa interpretação do caso”.

É nessa direção argumentativa, insubordinada e debochada, que se segue a correspondência. Aparentemente, Maria responde pontualmente as colocações de Jorge Amado e finaliza com comentários como “Aceito seu conselho, mestre”:

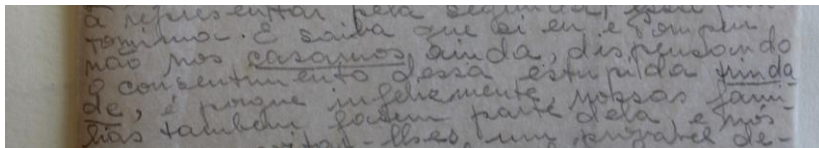
### Figura 38- Excerto da correspondência de Maria Cruz para Jorge Amado 1



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

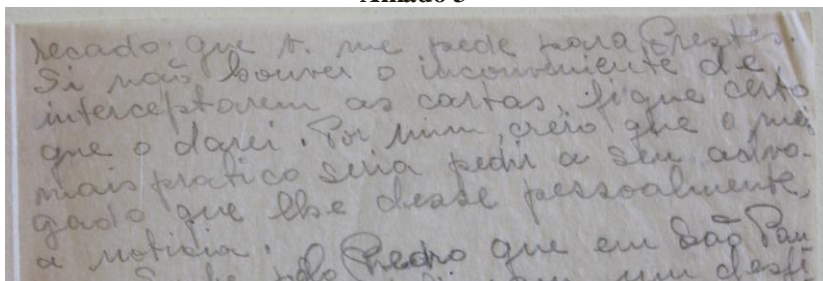
Jorge Amado dá “conselhos” a ela. Sugere que resolva o desquite e se case, “mas case”, diz o sujeito que por um longo tempo foi legalmente casado com uma mulher e “extraoficialmente” com outra. Levando-se em consideração a sugestão de resolução do um desquite seguida pelo “bom tom” de um casamento, aparentemente, Maria teve um registro matrimonial anterior; tanto que estava “disposta a representar pela segunda vez essa pantomima” para se juntar matrimonialmente a Pompeu, mesmo que essa fosse uma exigência da “estúpida trindade”: a lei, a igreja e a sociedade:

**Figura 39- Excerto da correspondência de Maria Cruz para Jorge Amado 2**



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

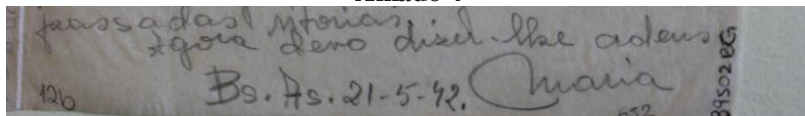
**Figura 40 - Excerto da correspondência de Maria Cruz para Jorge Amado 3**



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

Após finalizar suas considerações em relação a esse tema, isto é, quando não mais restaram dúvidas quanto a sua versão da história amorosa com Pompeu e também quanto a seu descontentamento acerca das insinuações de Jorge Amado, na carta, Maria passa a tratar de assuntos de ordem prática. Madura, aparenta “superar” a carga de emoção da primeira parte da carta para seguir respondendo às indagações de Jorge Amado. Mais especificamente, sobre um pedido do escritor para que ela enviasse um recado a Prestes, já que mantinha com ele relacionamento epistolar:

**Figura 41- Excerto da correspondência de Maria Cruz para Jorge Amado 4**



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

“[Sobre] o recado que você me pede para Prestes, se não houver o inconveniente de interceptarem as cartas, fique certo que darei.”, assegura

Maria. Mesmo acreditando ser mais prático o pedido ao advogado. Se, no caso, Jorge Amado poderia ter pedido a mediação do advogado, por qual motivos se reportou à Maria? Fica a sugestão de que a dificuldade em romper os laços vinha de sua parte, já que a Maria, após contar um episódio de manifestação de estudantes em São Paulo, avisa que será a última vez que lhe escreve, “Parece que não nos compreendemos mesmo nem por cartas”, conclui a agora “ex-Maria Amado”.

### 3.2.3 Tomás Pompeu de Acioli Borges

Tomás Pompeu Acioli Borges é o remetente mais assíduo de Jorge Amado. Ao total, são 13 cartas manuscritas em tinta preta, das quais 23 páginas são em formato A4 e outras seis páginas são de escritos frente e verso em três cartões de visita. Sua correspondência inteira é de 1942, o que se torna mais um dado para confirmar que em 1941 Jorge Amado morou em Buenos Aires, já que esse era o local de residência de Pompeu, tradutor simultâneo para o espanhol de *Vida de Luís Carlos Prestes, el Caballero de la Esperanza*. Ou seja, no tempo de escrita da biografia os dois moravam na mesma cidade, após Jorge mudar-se para o Uruguai, Pompeu manteve-se na capital Argentina.

A primeira carta do Acervo de Pompeu para Jorge Amado data de 17.04.42 e a última de 21.08.42. Foi a assiduidade de envios desse remetente que me permitiu notar que a correspondência entre Montevideu e Buenos Aires, da postagem à entrega, poderia chegar em apenas dois dias a seu destino, considerando-se, por exemplo, as cartas de 18/05 e 20/05, que demonstram claramente se tratarem de um diálogo contínuo, quero dizer, 20/05 não é um “adendo”, mas uma resposta à correspondência de Jorge Amado, provavelmente enviada no mesmo dia de recebimento das anotações de 18/05.

“Pompeu”, “Pom” “Campeão”, “P”, “C” é uma das menções mais recorrentes no arquivo, ele é citado por diversas vezes e por distintos companheiros nas cartas do Acervo. Além de Amado, foi quem mais esteve inteirado do conteúdo da biografia laudatória, parte a parte, capítulo a capítulo, pois foi oficialmente responsável por traduzi-la. Pompeu assinou contrato com a Editora Claridad como tradutor e, inclusive, conversou com Jorge Amado sobre diversas questões de ordem prática dessa obra, como os honorários, edição e comercialização. Ou seja, esteve intimamente ligado a Jorge Amado nesses anos de 1941 e 1942, mas, contudo, quando procurei-o em menções no livro memorialístico de Jorge Amado não o encontrei, “Tomás Pompeu de Acioli Borges” não foi mencionado uma única vez em *Navegação de*

*Cabotagem*, uma sequer. “O que nesse caminho se perdeu?” questionei a mim mesma.

Cogitei “afastamento do período do primeiro exílio” por parte de Jorge Amado, não procedeu, pois Ivan Pedro Martins foi citado três vezes ao longo de *Navegações*, por exemplo. Cogitei “rompimento pós Maria”, não procedeu, pois nove correspondência se sucederam depois que Pompeu informou a Jorge Amado sobre o seu relacionamento com ela. Cogitei “insegurança de Pompeu, e tentativa de afastamento, devido a uma ‘preservação’ de sua união com Maria”, não procedeu porque Pompeu insistiu inúmeras vezes que esse episódio não interferisse na relação entre os dois. Cogitei “morte prematura de Pompeu, que abalou Jorge Amado a ponto de fazê-lo querer se esquecer do amigo”, não procedeu porque Tomás morreu somente em 1986, no Brasil, ainda marido de “Maria Cruz Borges”.

Até que me dei conta: “foi pr’o cemitério pessoal, coitado!”:

Tenho horror a hospitais, os frios corredores, as salas de espera, antessalas da morte, mais ainda a cemitérios onde as flores perdem o viço, não há flor bonita em campo-santo. Possuo, no entanto, um cemitério meu, pessoal, eu o construí e inaugurei há alguns anos quando a vida me amadureceu o sentimento. Nele enterro aqueles que matei, ou seja, aqueles que para mim deixaram de existir, morreram: os que um dia tiveram minha estima e a perderam.

*Quando um tipo vai além de todas as medidas e de fato me ofende, já com ele não me aborreço, não fico enojado ou furioso, não brigo, não corto relações, não lhe nego o cumprimento.* Enterro-o na vala comum de meu cemitério – nele não existem jazigos de família, túmulos individuais, os mortos jazem em cova rasa, na promiscuidade da salafrarice, do mau-caráter. Para mim o fulano morreu, foi enterrado, faça o que faça já não pode me magoar.

Raros enterros – ainda bem! – de um pérfido, de um perjuro, de um desleal, *de alguém que faltou à amizade, traiu o amor*, foi por demais interesseiro, falso, hipócrita, arrogante – a impostura e a presunção me ofendem fácil. No pequeno e feio cemitério, sem flores, sem lágrimas, sem um pingo de saudade, apodrecem uns tantos sujeitos, umas

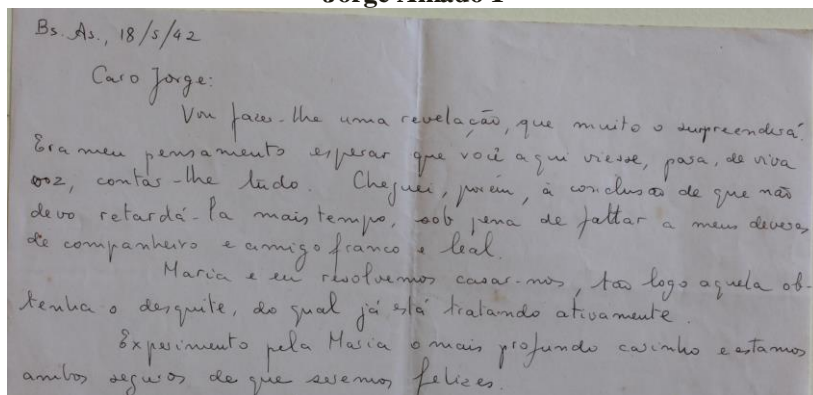
poucas mulheres, uns e outras varri da memória, retirei da vida.

Encontro na rua um desses fantasmas, paro a conversar, escuto, correspondo às frases, às saudações, aos elogios, aceito o abraço, o beijo fraterno de Judas. Sigo adiante, o tipo pensa que mais uma vez me enganou, mal sabe ele que está morto e enterrado. (AMADO, 2006, p. 15, grifos meus).

É essa, enfim, a única justificativa que encontro para explicar o motivo da ausência de Pompeu na narrativa de vida de Jorge Amado e, mais do que isso, na narrativa que o próprio escritor empreendeu em *Navegação de Cabotagem*. Não consigo, a partir de sua presença no Acervo, propor outra explicação além do fato de ele ter ido para a “vala comum” do cemitério de Amado, porque foi “além de todas as medidas”.

Essa morte tem início, a meu juízo, pouco tempo antes de 18 de maio de 1942, data em que Pompeu conta para Jorge sobre o seu casamento com Maria:

#### Figura 42 - Excerto de correspondência de Pompeu Borges para Jorge Amado 1



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

“Vou fazer-lhe uma revelação, que muito o surpreenderá” inicia, como visto, a correspondência que pretende cumprir com os “deveres de companheiro e amigo franco e leal.” Esse é o “tom” de Acioli Borges ao longo de suas cartas, isto é, continuamente, procura reafirmar seu compromisso de amizade e honradez, não somente em relação ao

envolvimento “honesto” com Maria, mas, de modo geral, com todas as questões que os cercam.

Acima mencionei que essa “morte” teve início pouco antes de 18/05 e digo isso devido a uma carta posterior de Pompeu, que dá a entender que a resposta de Jorge Amado à mensagem da “revelação” foi a de que ele já soubesse dos fatos poucos dias antes da carta. “Meu propósito era justamente evitar que você viesse a saber por terceiros, nem sempre muito honestos na interpretação de nossas intenções”, respondeu Pompeu na correspondência do dia 20/05/42. Ocorre, ainda, que apenas duas pessoas sabiam desse relacionamento, segundo o próprio Tomás informa a Jorge Amado: Pedro Mota Lima e Carmem Ghioldi. Em vista disso, ou algum desses amigos contou ao escritor sobre o envolvimento de Maria e Pompeu ou, em uma situação muito típica da sociedade patriarcal, ao ler a carta de Pompeu, Amado começou a fabular a existência desse relacionamento antes mesmo de ocorrer. Assim, ao estilo Bentinho, condenou Capitu, matou Escobar e virou Casmurro.

E, nesse contexto, é pertinente dizer, foi Jorge Amado quem rompeu o relacionamento com Maria (informação que depreendo das correspondências), mas, mesmo assim, Pompeu sempre esteve à espera da aprovação do amigo. Em uma carta de resposta, em que Amado, a princípio, coloca-se favorável à união do casal, Tomás lhe escreve: “[...] amo a Maria muito mais do que ela me pode querer e mesmo do que venha algum dia a querer-me. Me contentaria com que ela gostasse de mim, como gostou de você. E isso, de qualquer modo, lhe deve ser agradável de ouvir de meus lábios”:

### Figura 43 - Excerto de correspondência de Pompeu Borges para Jorge Amado 2

Buenos Aires, 22/5/42

Meu caro Jorge:

Sua carta do dia 20 me deu muita alegria. Francamente não esperava uma carta assim, tão compreensiva e amiga. No que estava constando com você uma grande injustiça.

Fico-lhe imensamente grato por suas palavras de carinho e pelos votos que formula.

Não há dúvida que somente entre nós, revolucionários, se pode encontrar essa superioridade e espírito de companheirismo no encarar tais questões.

Concordo plenamente com você, quando manjota a certeza de que Maria e eu seremos felizes. Apesar de que estou convencido de uma coisa: amo a Maria muito mais do que ela me pode querer e mesmo do que venha algum dia a querer-me. Me contentaria com que ela gostasse de mim, como gostar de você. E isso, de qualquer modo, lhe deve ser agradável ouvir de meus lábios.

Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

Fica evidente a discrepância entre o discurso de Pompeu e o de Maria, visto na seção anterior. Se Maria se mostrou uma personagem autêntica, determinada e insubordinada, Tomás Pompeu, por outro lado, incorpora o papel de subserviente, submisso e com baixa autoestima. E, ainda sobre a “aprovação” de Jorge Amado (2006, p. 15) vale a lembrança: “Quando um tipo vai além de todas as medidas e de fato me ofende, já com ele não me aborreço, não fico enojado ou furioso, não brigo, não corto relações, não lhe nego o cumprimento”.

Especulando sobre a sua personalidade, particularmente, chamou minha atenção os inícios e os términos de suas cartas. Sob essa ótica, leio Accioli Borges como um personagem fraterno e gentil, que procurava preservar seus relacionamentos. Ilustro: i) 17/04/42: “Meu caro Jorge [...] um grande abraço do Pompeu”; ii) 27/04/42: “Prezado Jorge [...] Um abraço do Pompeu”; iii) 06/05/42: “Meu caro Jorge [...] Um grande abraço do Pompeu”; iv) 18/05/42: “Caro Jorge [...] receba um grande abraço do Pompeu”; v) 20/05/42: “Caro Jorge [...] receba um grande abraço do Pompeu”; vi) 22/05/42: “Meu caro Jorge [...] um grande abraço do seu amigo Pompeu”; vii) 26/05/42: “Meu caro Jorge [...] Abraçe os



amigos e receba outro do amigo Pompeu”; viii) 1º/06/42: “Meu caro Jorge [...] um grande abraço do Pompeu”; ix) 08/06/42: “Caro Jorge [...] um abraço do Pompeu”; x) 30/06/42: “Meu caro Jorge [...] um abraço do amigo Pompeu”; xi) 07/07/42: “Meu caro Jorge [...] receba um grande abraço do amigo Pompeu”; xii) 24/07/42: “Meu caro Jorge [...] Aceite um afetuoso abraço do amigo velho Pompeu”; xiii) 21/08/42: “Meu caro Jorge [...] um grande abraço para você do Pompeu”.

É nesse contexto genuíno de manutenção de laços e relações, que interpreto os compartilhamentos desse que foi o tradutor da biografia de Prestes. Assim, leio suas cartas como materializações de uma conversa entre compadres (pelo menos, da parte dele), contando novidades e informações das mais variadas natureza. Uma delas, em especial, é a do dia 07/07/42, na qual Pompeu se compadece pela situação financeira de Jorge Amado, comenta questões concernentes à biografia e discorre acerca das “Novidades do Brasil”, segundo ele “A notícia mais sensacional destes últimos meses”. O episódio em questão se refere ao dia em que Filinto Müller tentou proibir uma manifestação pró-Aliados, sob organização da União Nacional dos Estudantes:

### Figura 44 - Excerto de correspondência de Pompeu Borges para Jorge Amado 3

a) Novidades do Brasil - Você já sabe da notícia mais sensa-  
 cional estes últimos meses? Vou contar tudo desde o início.  
 Quando houve a conhecida troca de notas entre o Amaral Leixoto  
 e o Felinto, a posição deste se tornou precária, falando-se em  
 sua saída da polícia.

No dia 20 do mês p.p., os estudantes quiseram realizar a passei-  
 ta, que se efetivou no dia 4 deste. O Felinto proibiu. Aqueles  
 novamente se moveram, para que a mesma se realizasse no dia 27.  
 O Felinto, pela segunda vez se opôs. A rádio Berlin, então, declarou  
 que o Brasil seria passível de graves represálias, se continuassem os  
 insultos à Alemanha, acrescentando que felizmente o chefe de polícia  
 proibira o desfile estudantil. O Amaral, indignado, vai ao Getúlio  
 e insiste pela permissão para os estudantes saírem à rua. O Getúlio  
 dá a ordem. O Felinto, que ficou com a "bezoura", teve, a propó-  
 sito, uma tremenda discussão com o atual Ministro da Justiça, o Re-  
 pinha de Lima, chegando a insultá-lo gravemente. O Raposo do-  
 ordem de prisão. Posteriormente, o Getúlio demite o Felinto, que con-  
 tinua preso (!!!). Isso ocorreu nos dias 3 e 4 deste. A notícia vem  
 de 3 fontes distintas, todas de boa fé e crédito. Hoje, o Loureiro foi in-  
 formado de que o João Alberto foi nomeado chefe de polícia em  
 substituição ao Felinto.

Aqui já festejamos o acontecimento em novo apartamento, bebem-  
 do muito vinho e gritando em coro: "É para o Felinto nada? Nada?  
 como fazíamos" na celebração.

A "Crítica" de ontem, além da notícia da saída do Felinto (que diz  
 ter sabido em fonte privada), traz fotografias da manifestação dos estudantes.  
 Nos cartazes se lêem coisas, como esta: "Viva o Amaral Leixoto, inimigo nº 1  
 da 5ª Coluna". Abaixo o nacionalismo e a 5ª coluna: "Viva Vargas" etc...  
 No dia 5, realizou-se em Belém uma parada semelhante. São que

38002B 690

Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

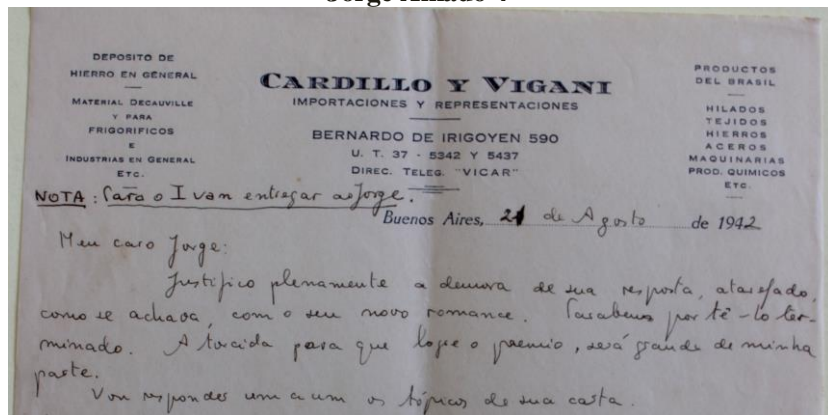
Como visto, Pompeu descreve<sup>40</sup> a queda de Müller, a qual festejavam "bebendo muito vinho e gritando em coro: E para o Filinto

<sup>40</sup> "No dia 20 do mês [??] os estudantes quiseram realizar a passeata [??????] no dia 4 deste. O Felinto proibiu. Aqueles novamente se moveram para que a mesma se realizasse no dia 27. O Felinto, pela segunda vez, se opôs. A rádio Berlin, então decidiu que o Brasil seria passível de graves represálias se continuassem a insultar a Alemanha, acrescentando que felizmente o chefe da polícia proibira o desfile estudantil. O Amaral\*\*, indignado, vai ao Getúlio e insiste pela permissão para os estudantes saírem à rua. O Getúlio dá a ordem. O Felinto, que ficou com a "bezoura" teve, a propósito, uma tremenda discussão com o atual Ministro da

nada? Nada!?”. Müller foi quem executou a ordem de deportação de Olga Benário para a Alemanha nazista, onde foi morta num campo de concentração de Bernburg, na câmara de gás; também esteve sob sua responsabilidade a prisão de Luís Carlos Prestes, em 1936, no Rio de Janeiro.

Por fim, compartilho um excerto da última correspondência encontrada desse remetente no Acervo com intuito de abrir o próximo, e último, tópico de discussão deste capítulo: o processo criativo do romance *Terras do Sem Fim*:

#### Figura 45 - Excerto de correspondência de Pompeu Borges para Jorge Amado 4



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

Como se vê, Jorge Amado compartilhava com seu entorno informações acerca de sua produção literária, mas mais do que isso, essa passagem oferece um pertinente dado a respeito da elaboração do romance, ele foi concluído no Uruguai: “Parabéns por tê-lo terminado”, escreveu o morto, e leal amigo, Tomás Pompeu Acioli Borges.

---

Justiça Negrão de Lima\*\*\*, chegando a insultá-lo gravemente. O Negrão dá-lhe ordem de prisão. Posteriormente, o Getúlio demite o Felinto, que continua preso (!!!). Isso ocorreu nos dias 3 e 4 deste. A notícia veio de três fontes distintas, todas dignas de crédito.” (grifos dele).

### 3.3 PROCESSO CRIATIVO EM FOCO: TERRAS DO SEM FIM <sup>41</sup>

#### 3.3.1 Primeiras considerações

Como indicado na apresentação deste capítulo, esta seção tem por objetivo estudar o processo criativo do romance *Terras do Sem Fim* (TSF) a partir dos originais deixados no Acervo Mala de Jorge Amado. Com isso, pretendendo tanto inaugurar o estudo da gênese dessa importante obra na carreira de Jorge Amado quanto trazer à luz documentos que esclareçam desencontros de informações sobre o seu período e seu contexto de produção; a exemplo dos que foram identificados no segundo capítulo deste trabalho.

Para melhor investigar esse material, procurei orientação da matriz teórica e metodológica da Crítica Genética, uma vez que esta disciplina participa à compreensão de que o objeto de arte, neste caso específico o romance TSF, é resultado de um encadeamento de ideias e movimentos que estão para além da noção equivocada da “musa criadora”, pois, ao contrário, tal objeto é visto como produto de uma ação consciente na qual a criatividade participa, mas não se resume à criação. Assim, a noção de “texto final” torna-se fragilizada, a considerar os *n* fatores que podem ter motivado determinada versão de uma obra a se estabelecer como a final: prazo, mercado editorial, financiamento, esgotamento intelectual etc.

Nesse contexto, a rasura, isto é, a produção que antecede a última versão de uma obra, passa de “materialização imperfeita”, dispensável, à “materialização profícua”, significativa tanto para a compreensão do processo criativo do artista quanto para o produto final dessa trajetória, pois, tal qual postulou Cecília Salles (2008, p. 35), “Ao nos depararmos com o objeto de estudo da crítica genética, estamos, necessariamente acompanhando uma série de acontecimentos interligados, que levam à construção da obra: estamos diante de um objeto móvel [...]” e, à vista disso, continuamente aberto a outras leituras.

Nessa direção, os estudos de Crítica Genética estão contidos numa perspectiva pós-estruturalista de trabalho com os acervos literários que se evidencia, por exemplo, quando se coloca que o estabelecimento do prototexto – organização elaborada pelo pesquisador a partir do dossiê genético – é pessoal e exclusiva do pesquisador. Ou, nas palavras de Jean Bellemin-Noel (1993, p. 141):

---

<sup>41</sup> Há previsão deste estudo ser retomado e aprofundado na tese de doutorado, cuja publicação está prevista para 2021

[o prototexto] [...] é uma certa reconstrução dos antecedentes de um texto, estabelecida pelo crítico com o auxílio de um método específico, destinada a ser objeto de uma leitura em continuidade com o dado definitivo. À delimitação empírica daquilo que, em um dado momento, se julgou ser o texto, acrescenta-se um recorte metodológico. É importante ressaltar que quando se fala de prototexto deveria ficar evidente o seu valor de conceito operatório; o prototexto propriamente dito não existe em nenhum lugar fora do discurso crítico que o produz, extraindo-o dos rascunhos, e o recorta à proporção que o analisa. Não basta dizer que o prototexto consiste nos rascunhos menos o autor, deve-se acrescentar que ele implica a intervenção do crítico. Trata-se de uma seleção, de uma deformação do material deixado pelo *scriptor*.

Com isso, a subjetividade de cada pesquisador fica posta, de modo que o estudo genético do texto não pode, e nem quer, ignorar o caráter interpretativo dos manuscritos/acervos. Todavia, esse estudo da criação artística em uma dimensão histórica e interpretativa não se perde no relativismo metodológico. Quer dizer, há certos movimentos comuns e indispensáveis, como o da edificação do dossiê genético e do procedido do estabelecimento do prototexto. No que diz respeito ao prototexto, ainda, é pertinente observar que a própria organização/relação dicrônica do material reivindica um método analítico que requer a percepção da natureza das fases de produção, isto é, a composição diacrônica deve estar atenta desde a ideia inaugural da obra até a publicação do texto.

Em vista disso, o dossiê genético deste estudo, integralmente oriundo do Acervo Mala de Jorge Amado, é constituído por 108 fólios<sup>42</sup>, dos quais: a) 102 são datiloscritos distribuídos em quatro versões<sup>43</sup> do romance, que correspondem à primeira e à segunda partes do livro, denominadas “O Navio” e “A Mata”, respectivamente. A primeira versão (V1) tem sete fólios, a segunda versão (V2) contém 50 fólios, a terceira (V3), 42 fólios e, finalmente, a última versão (V4) acaba com três fólios;

---

<sup>42</sup> Nas pesquisa de Crítica Genética, usa-se a terminologia “fólio” para designar uma página de documento.

<sup>43</sup> É pertinente observar que essa divisão entre “versões” é resultado do cotejamento de dados (comparação com uma edição do romance publicado) para esta investigação específica. Isto é, não há divisão específica dessas partes no Acervo.

b) dois datiloscritos de um poema de versos brancos em redondilha maior, cuja primeira versão denomina-se *Rimance das três camponesas*, e a segunda, *Rimance das três irmãs*; c) dois fólhos avulsos de *Noite no Cais*, capítulo de *Terras do Sem Fim*; d) duas listas, também datiloscritas, uma de personagens do romance e outra de livros do autor.

Selecionei 10, dos 108 documentos que compõe este estudo, para apresentar e ilustrar minha interpretação da produção do romance a partir da materialidade do Acervo. Todavia, antes disso, preocupo-me em contextualizar brevemente a obra, haja vista que, como dito, TSF é um livro de grande importância na carreira intelectual de Jorge Amado.

### 3.3.2 Recepção e repercussão

*Terras do Sem Fim*, traduzido e publicado em 23 línguas, teve expressivo sucesso com o público, o que se evidencia nas posteriores adaptações para o teatro, cinema, radionovela, telenovela e quadrinhos, a exemplo da telenovela da Rede Globo *Terras do Sem Fim*, adaptada por Walter George Durst em 1981, e do longametrage *Terras Violentas*, cuja direção ficou por conta de Eddi Bernoudy e Paulo Machado, em 1948. O livro foi ainda um dos romances do escritor mais aclamados pela crítica literária, considerado um marco enquanto representação de maturidade em sua carreira, a esse respeito Antonio Candido declarou:

Em *Terras do Sem Fim*, pela primeira vez, o sr. Jorge Amado simpatiza, no sentido psicológico não moral, está visto, com os coronelões, – os espoliadores. Penetra na sua humanidade e deixa de ver neles espantinho sem alma, como era o esquemático Misael de Sousa Telles, de *Cacau*, e sua esquemática família. De tal modo que este livro, como assinalei, não é mais feito do ponto de vista do proletário. O é, simplesmente, do ponto de vista histórico (mais amplo) do pioneirismo das terras do cacau no sul da Bahia, – espoliado ou espoliador, cabra ou patrão, – entrando para a categoria da história.

E o resultado é que o livro ganha em humanidade e em universalidade. Ganha mais alcance social através dessa isenção artística, – que viveu o ponto de vista dos dois lados e, portanto, deixou muito mais claramente patenteada, pelo contraste não mais convencional, a injustiça das relações de

ambos, – que do demagogismo acentuado das primeiras obras do autor. Muito mais que de *Cacau*, – seu distante prelúdio, – o leitor sai deste livro vivendo o drama do trabalhador, porque o viu integrado num panorama humano mais amplo, e não segregado quimicamente isolado por um ponto de vista unilateral. Em arte, a compreensão, – nos dois sentidos, lógico e psicológico – é sempre mais ativa e mais efetiva do que a parcialidade. (CANDIDO, 1961, p. 177).

Todavia, ao narrar o “drama do trabalhador”, para usar as palavras de Candido, Jorge Amado toca não somente o público, mas a própria realidade das zonas cacauceiras, fomentando o descontento dos senhores da terra, como depõe a historiadora Maria Luiza Heine (2004, p.11):

Minha infância foi marcada pelas histórias que ouvi a respeito dos coronéis do cacau. Meu avô nunca teve o título de coronel, oficialmente, mas eu ficava intrigada porque quando ele já estava velho todos o chamavam de coronel Natan. Eu, menina muito curiosa, gostava de perguntar - por quê? Na adolescência ouvia as “conversas” que circulavam em torno de um escritor que estava fazendo sucesso, contando “mentiras” sobre os coronéis do cacau, homens que mereciam o respeito de todos, pois haviam construído esta região com muito suor e sangue, e vinha aquele “comunista” renegar sua terra e sua gente. E ainda mais escrever de uma forma tão imoral sobre pessoas tão ilustres. Seus livros eram proibidos em nossa casa.

Desse excerto, além do evidente discurso ideológico do dominador, registro a relevância da associação da escrita de Jorge Amado com a matriz socialista, fato que marcava/marca a obra do autor de forma pejorativa e que muito fala à contextualização da produção do romance que aqui se investiga. Nesse contexto, ainda é importante o registro de que *Terras do Sem Fim* foi a primeira publicação de Amado após os seis anos de censura à sua obra, simbolicamente iniciados em 19/12/1937, quando teve, os já mencionados, 1.694 exemplares de livros queimados em praça pública por serem considerados subversivos. Assim, a partir

dessa data até 1943 todos os seus livros foram retirados das livrarias, tendo a comercialização proibida.

### 3.3.3 Descrição e interpretação

Como visto anteriormente, no segundo capítulo deste trabalho, Jorge Amado assegura à Alice Raillard que escreveu *Terras do Sem Fim* em, no máximo, três meses, quando ainda estava autoexilado: “No Uruguai sentei-me diante da máquina de escrever e de um lance fiz *Terras do Sem Fim*. [...] dois, três meses, não mais do que isso. Quando voltei para o Brasil, o livro estava pronto.” (AMADO 1990, apud RAILLARD, 1990, p. 172).

Todavia, essa informação não encontra consenso na *homepage* da Fundação Casa de Jorge Amado, que sustenta: “Publicados inicialmente na imprensa esboços de capítulos sob o título de *Sinhô Badaró*, em dezembro de 1939, o tema foi retomado, em meados de 1942, em Montevidéu, onde o autor estava exilado, e concluído em Salvador, Bahia, em maio de 1943.” (FCJA, 2016, *on-line*). Ainda Jorge Amado, em outra entrevista, declarou: “Vivi entre a Argentina e o Uruguai, em 41 e 42. No Uruguai terminei *Terras do Sem Fim*” (AMADO 1981, apud GOMES, 1981, p.19, grifos meus).

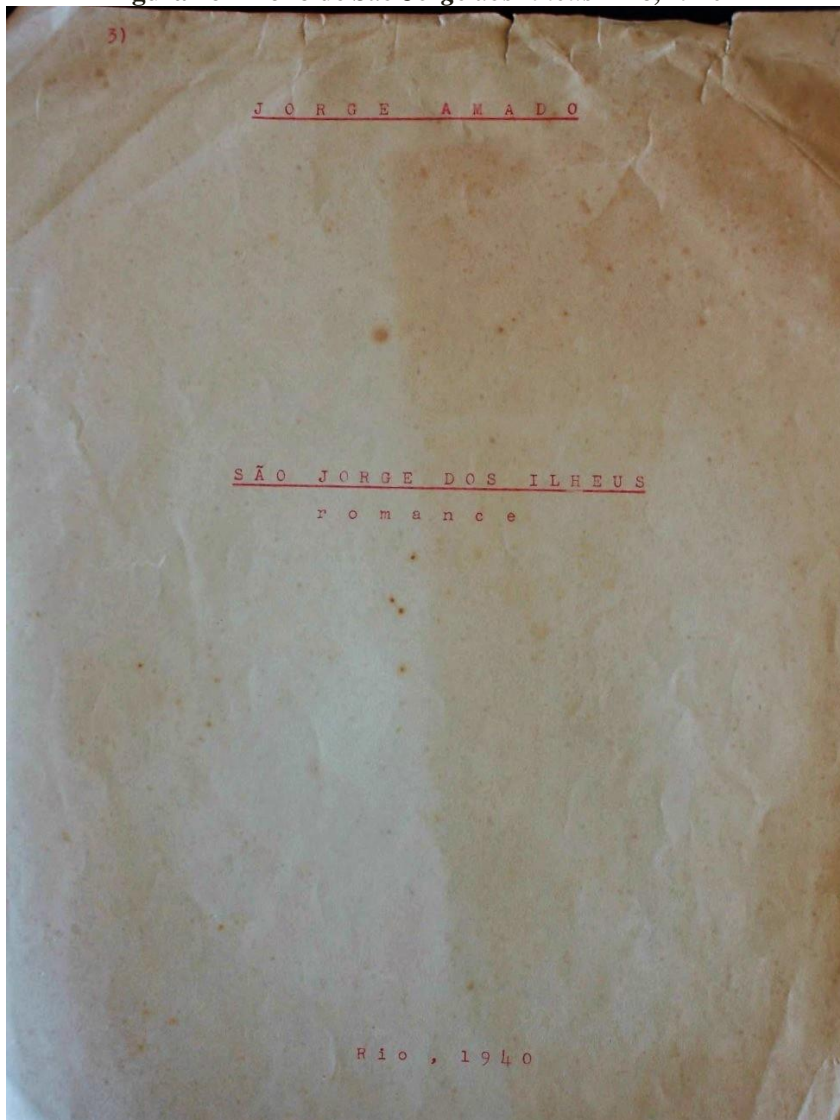
Ao invés de demarcarem um dissenso no registro de produção da obra, arrisco afirmar que estas passagens, juntas, apontam para um discurso com pontos em comum, principalmente quando se verifica que a primeira versão do romance – sete fôlios padronizados no tipo de papel e na cor da tinta, vermelha – indica uma fase redacional iniciada no Brasil, em 1940. A hipótese que levanto é a de que Jorge Amado mudava seu depoimento sobre o período de escritura do livro conforme a importância que atribuía, no momento da entrevista, à fase redacional. Quero dizer, quando desconsiderava a escritura no Rio/1940, o autor descartava esse texto como uma versão, relegando-o a mero rascunho, dispensável. Quando, então, respondia ao entrevistador que *Terras do Sem Fim* foi, em verdade, finalizado no Uruguai, ele estaria considerando o momento de produção inicial, seja no Rio, em 1940, seja em Buenos Aires, em 1942.

Além disso, tendo em vista a informação da *homepage* da Fundação, de que ele teria recorrido às produções anteriores para escrever o livro, é possível considerar que Jorge Amado estivesse planejando essa obra desde as publicações de *Sinhô Badaró*, levando-se em conta que a Figura 46 data de 1940. Ainda, o fato de o autor observar que teria terminado o livro no Uruguai também corrobora a esta hipótese,



considerando-se que o documento em questão foi levado para o exílio, o que evidencia, por óbvio, uma redação anterior à viagem, pois sua partida ocorreu só em 1941.

**Figura 46 – Fólio de *São Jorge dos Ilhéus* -Rio, 1940**



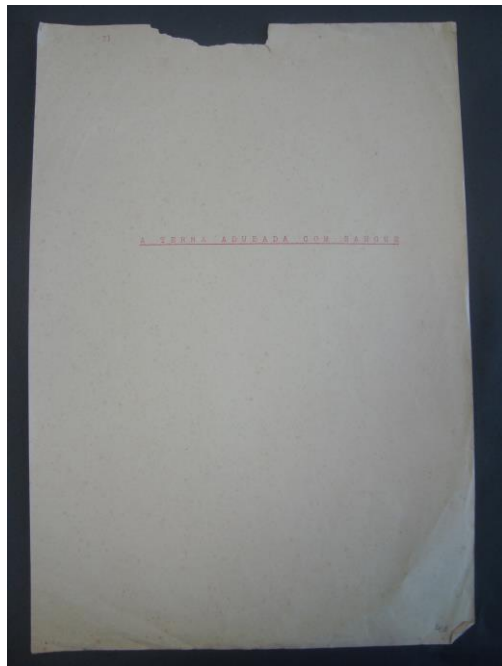
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

Há de se observar, como visto acima, na imagem do fôlio, que o romance foi intitulado primeiramente *São Jorge dos Ilhéus*, título que dá nome à publicação posterior a *Terras do Sem Fim*. Costuma-se dizer que *Terras do Sem Fim* (1943) e *São Jorge dos Ilhéus* (1944)

[...] sugerem uma dupla. São livros que se irmanam em temas e problemas. Romances complementares, se assim se pode dizer, falam de terras virgens conquistadas para a lavoura e da formação da sociedade do cacau, transformando de modo radical uma região até então econômica e culturalmente inexpressiva. (FCJA, 2016, *on-line*).

Assim, a assertiva de que os fôlios em questão dizem respeito ao processo de escritura de *Terras do Sem Fim* e não de *São Jorge dos Ilhéus* é sustentada pelo conteúdo da versão, que mesmo parcial, descreve uma versão semelhante àquela publicada oficialmente em 1943, como se pode ver:

**Figura 47- Fôlio de “A Terra Adubada com Sangue”**

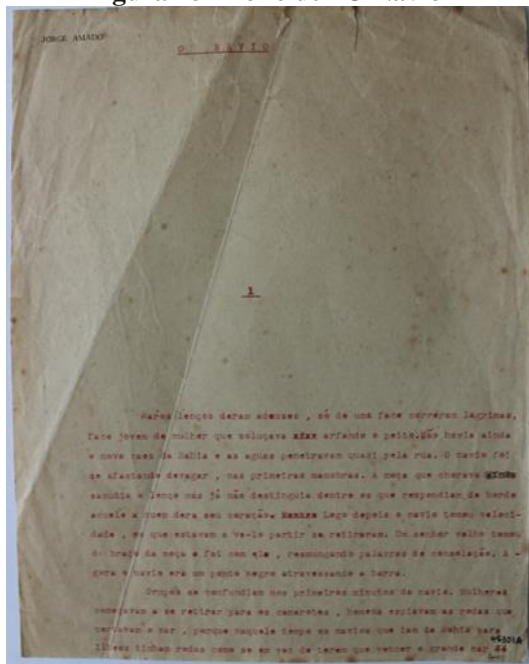


Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

“A Terra Adubada com sangue” é o título introdutório às partes do romance, que se divide em: i) O Navio (12 capítulos); ii) A Mata (12 capítulos); iii) Gestação de Cidades (10 capítulos); iv) O Mar (nove capítulos); v) A Luta (15 capítulos); e vi) O Progresso (cinco capítulos). Observo que há no Acervo um datiloscrito denominado “A Mata”, no entanto, embora essa seja a denominação de um dos capítulos do livro publicado, não se trata do mesmo texto. O que se destaca desta informação é a possível fixação de Jorge Amado por determinados títulos, pois ao lado de “*São Jorge dos Ilhéus*”, que nomeou o romance inédito e, efetivamente, o livro homônimo publicado em 1944, há o “*Agonia da Noite*”, também cotado para o inédito e, posteriormente, utilizado para nomear livro de diferente enredo. Nesse caso, o título “A Mata” entraria no rol de “preferidos” do autor.

Para findar minhas considerações a respeito dessa versão inicial da obra, trago o registro da primeira versão do capítulo 1, “O Navio”, tanto em imagem quanto transcrito, a fim de indicar as diferenças do original com a versão publicada:

**Figura 48 - Fólio de “O Navio”**



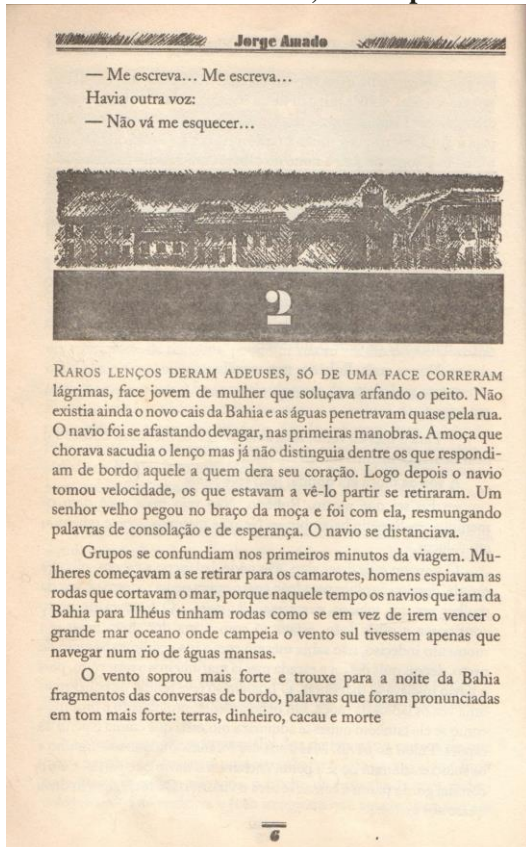
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

#V1  
 JORGE AMADO  
 O NAVIO

1  
 Raros lenços deram adeuses, só de uma face correram lágrimas, face jovem de mulher que soluçava xxxx arfando o peito. **Não havia ainda** o novo caes da Bahia e as aguas penetravam quasi pela rua. O navio foi se afastando devagar, nas primeira manobras. A moça que chorava \*\*\*\* sacudia o lenço mas já não distinguiu dentre os que respondiam de bordo aquele a quem dera seu coração. xxxx Logo depois o navio tomou velocidade , os que estava a ve-lo partir se retiraram. Um senhor velho **tomou** do braço da moça e foi com ela , resmungando palavras de consolação\*. Grupos se confundiam nos primeiros **minutos do navio**. Mulheres começavam a se retirar para os camarotes , homens espiavam as rodas que cortavam o mar , porque naquele tempo os navios que iam da Bahia para Ilheos tinham rodas como se **em vez de teremque vencer** o grande mar xxxx

Na transcrição, em negrito, destaco os vocábulos que foram posteriormente substituídos na versão de publicação do romance (Figura 50): i) “Não havia” por “Não existia”; ii) “tomou do” por “pegou no”; iii) “minutos do navio” por “minutos da viagem”; iv) “em vez de teremque vencer” por “em vez de irem vencer”.

Figura 49 - *Terras do Sem Fim*, versão publicada p. 06



Fonte: AMADO, 2002, p. 06.

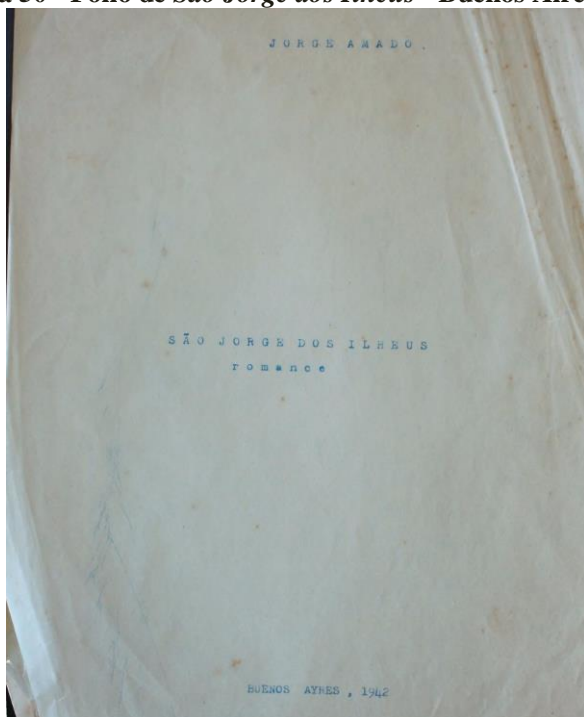
Por fim, a partir do cotejamento entre os fólhos até então apresentados com a versão da publicação do romance, é possível afirmar que “V1” é efetivamente uma versão de *Terras do Sem Fim*. Para além, acredito que essa precede as demais versões identificadas neste estudo (V2, V3 E V4) em razão: i) de sua materialização, datilografada em tinta vermelha, padronizando-se, assim, ao fólio datado de 1940/Rio (V1); e ii) de seu conteúdo, que mais se afasta da versão publicada se comparada às demais. Como exemplo, registro os vocábulos substituídos de uma versão para outra, isto é, da V1 para a versão que veio a público (Figura 50).

Também, é pertinente para essa hipótese, qual seja a de que a V1 é a versão mais antiga do dossiê, a indicação do título “O Navio” seguido

do registro do número “1”, como orientação de leitura de um capítulo inicial. É verdade que a primeira parte da versão publicada é denominada “O Navio”, entretanto, o texto desse datiloscrito não diz respeito a esse capítulo. De fato, o texto desse fôlio é o segundo capítulo do livro, indicando, em vista disso, uma versão anterior àquela final, pois tudo indica que o autor deslocou esse, que seria o primeiro capítulo, para o segundo e adicionou outro posteriormente, que hoje é o primeiro capítulo do romance.

Seguindo, no que diz respeito à V2, assim como na V3 e V4, todos os fôlios são escritos em tinta azul, a exemplo da capa dessa versão original do romance, quando escrita em Buenos Aires, em 1942:

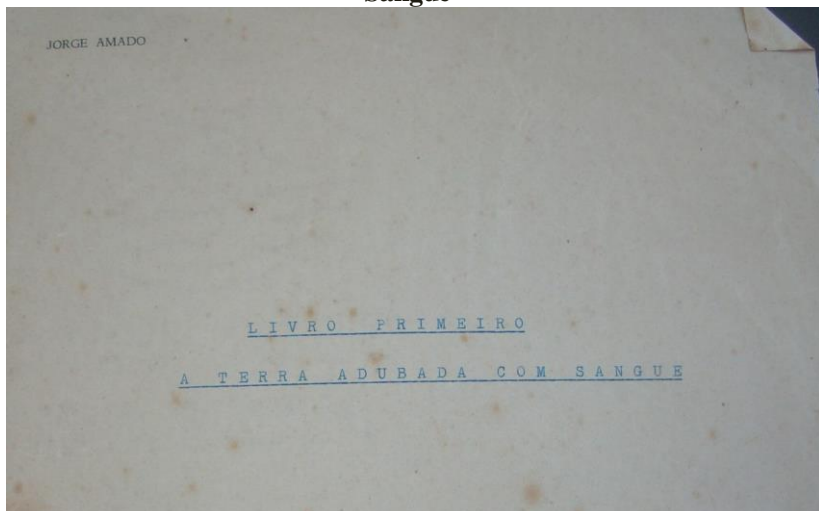
**Figura 50 - Fôlio de *São Jorge dos Ilhéus* - Buenos Aires, 1942**



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

Da mesma forma que em V1, em V2 há o registro da primeira parte de *Terras do Sem Fim* “A Terra Adubada com Sangue”, só que essa versão mais recente (V2) ainda traz os dizeres “Livro Primeiro”:

**Figura 51 - Fólio de Livro Primeiro / “A Terra Adubada com Sangue”**



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

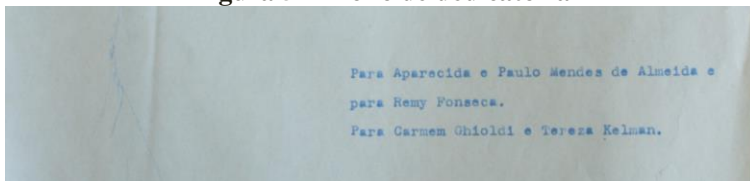
Da próxima imagem (Figura 52), chamo atenção para a dedicatória<sup>44</sup> datiloscrita no original do Acervo, praticamente idêntica à da publicação do livro: “Para Carmem Ghioldi e Teresa Kelmam, para Aparecida e Paulo Mendes de Almeida, e para Remi Fonseca.” Dela, lembro que Jorge Amado dedicou a biografia de Prestes, dentre outros, a Rodolfo Ghioldi, como se viu no segundo capítulo da dissertação: “[...] Para Rodolfo Ghioldi, o brasileiro [...]” (AMADO apud TÁTI, 1961, p. 110). Quer dizer, dos três livros em que trabalhou no período 1941-1942, dois deles foram dedicados a um dos “Ghioldi”, Carmen ou Rodolfo, o que sugere a aproximação de Jorge Amado com o casal, endossada pelo recebimento da carta, sem data ou local, de “Carmem Alfaya”, como visto no segundo capítulo.

---

<sup>44</sup> Na versão publicada, na página que antecede a dedicatória a Carmem, Teresa, Aparecida, Paulo e Remi, há os dizeres: “Para Matilde, lembrança do inverno”. No entanto, não localizei essa página no Acervo, o que pode indicar que a redação da dedicatória à Matilde foi posterior.



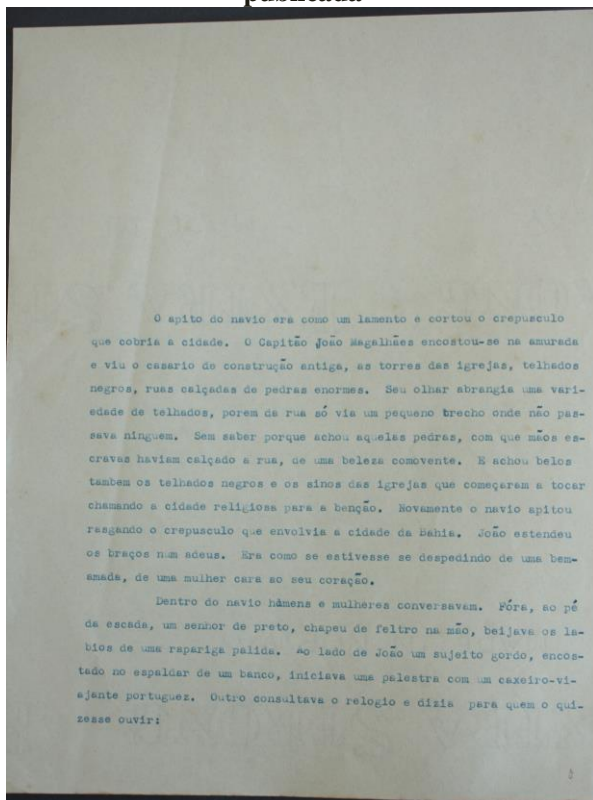
### Figura 52 - Fólio de dedicatória



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

A seguir, dando prosseguimento à leitura dos originais, trago a fotografia de um fólio da V2 (Figura 53) seguida pela imagem (Figura 54) da página correspondente a esse fólio, na versão publicada do romance:

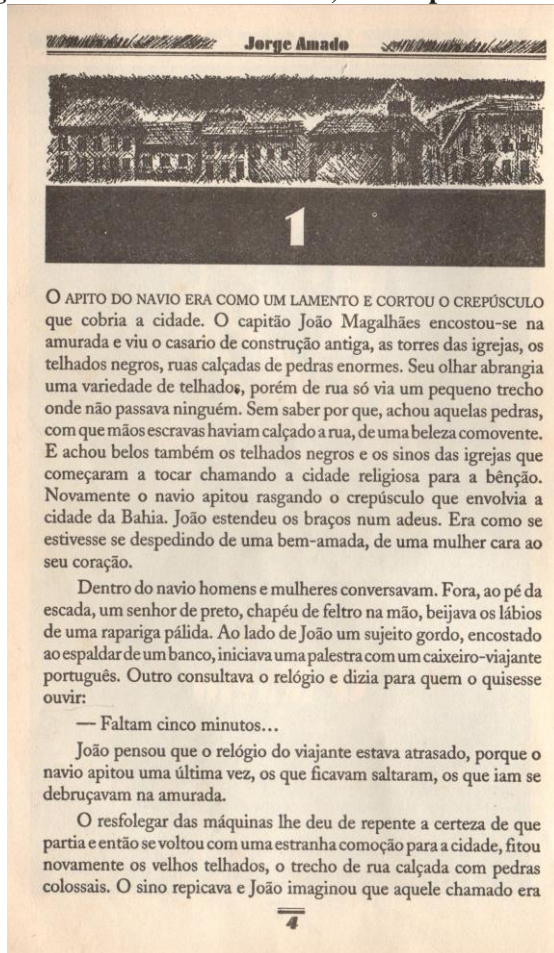
### Figura 53 - Fólio de original do primeiro capítulo da versão publicada



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.



**Figura 54 - Terras do Sem Fim, versão publicada p.04**



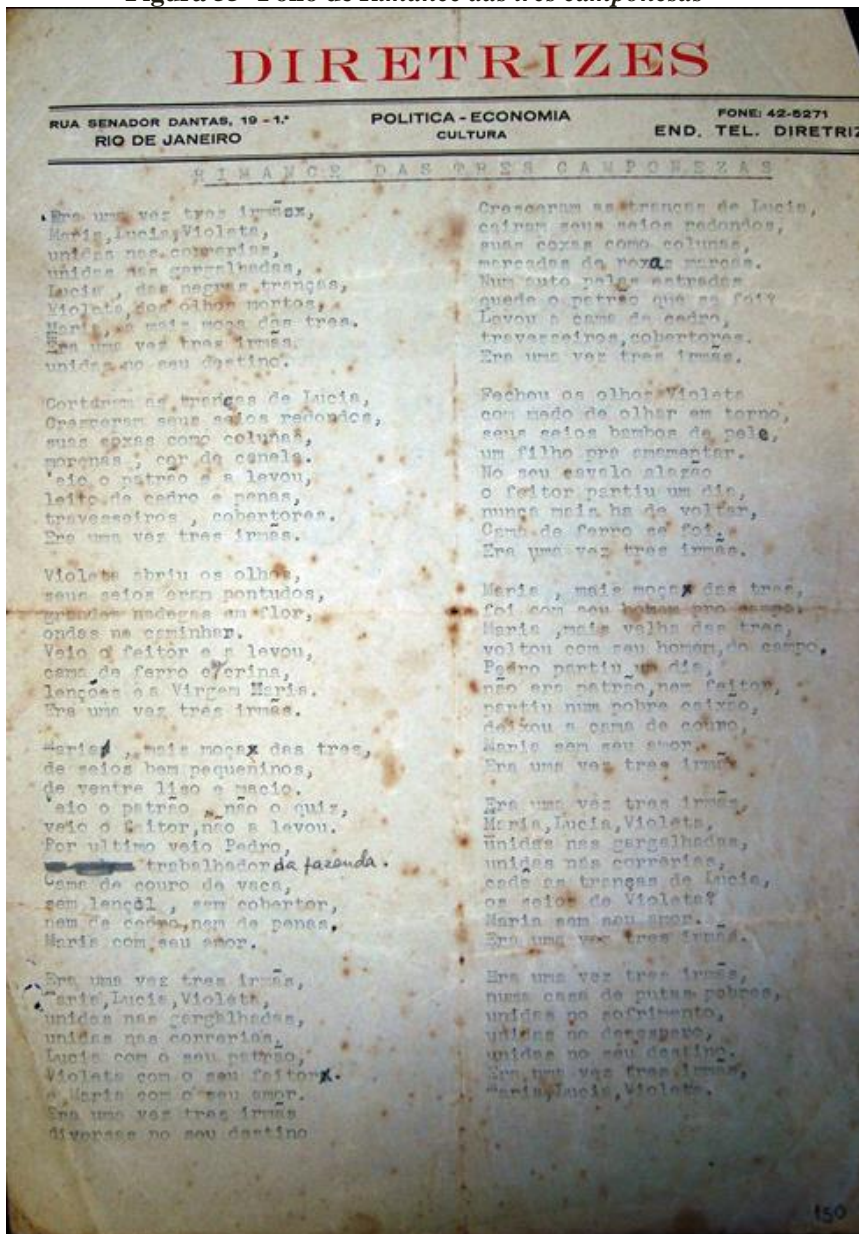
Fonte: AMADO, 2002, p. 04.

Ao comparar as duas imagens acima com a Figura 49 (V1), é possível afirmar que V2 é uma versão mais próxima do texto de publicação do que a primeira versão apresentada (V1). Ademais, comprova-se que V2 é, senão a última, uma das últimas versões de *Terras do Sem Fim*, considerando-se seus elementos pré-textuais, como a dedicatória, e o próprio texto do primeiro capítulo, idêntico ao da versão editada. Isso significa que a obra teve sua versão de pré-publicação elaborada, pelo menos a parte inicial, ainda quando Amado estava no

exílio. O fato de não se ter todos os capítulos do romance pode ser justificado, possivelmente, pela necessidade do escritor em levá-los consigo para publicação no Brasil e, ainda, em razão do compartilhamento epistolar desses textos com amigos, haja vista a correspondência enviada à Matilde por Bluma Wainer, cuja abordagem será feita mais adiante.

Com vias de finalizar minhas considerações sobre a V2, destaco o que leio como uma indicação do planejamento de Jorge Amado em escrever uma continuação desse romance: a Figura 51 traz os dizeres “Livro Primeiro” sugerindo, a meu juízo, um “Livro Segundo”, o que de fato ocorreu na “dobradinha” *Terras do Sem Fim/ São Jorge dos Ilhéus*. Ainda em relação à V2, noto a ausência da marcação de acentos em alguns vocábulos, como em “porém” (linha 5), “também” (linha 8), “crepúsculo” (linha 9), “chapéu” (linha 13), “lábios” (linhas 13/14), dentre outros. Tal ocorrência pode estar concatenada àquilo que Jorge Amado identificou como inaptidão à máquina de escrever: “[...] prefiro continuar a escrever à máquina, o que, aliás, faço pessimamente, escrevo com dois dedos, erro muito [...]” (AMADO 1993 apud HAZIN, 1993, p. 18).

Outro documento em que se encontra a recorrência da ausência de acentos gráficos é o datiloscrito do poema de versos brancos em redondilha maior cuja primeira versão denomina-se *Rimance das três camponesas*:

Figura 55 -Fólio de *Rimance das três camponesas*

Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

Esse poema é o primeiro capítulo da parte “Gestão de Cidades”, cuja adaptação para a versão publicada do romance foi feita somente na disposição das palavras, sem alteração de vocábulos, estrofes, enredo ou sentido. Abaixo, transcrevo-o para melhor visualização do texto e, em seguida, trago a digitalização (Figura 56) do texto na versão impressa do livro:

#### RIMANCE DAS TRÊS CAMPONEZAS

Era uma vez tres irmãs,  
 Maria, Lucia, Violeta,  
 unidas nas correrias,  
 unidas na gargalhadas,  
 Lucia, das negras tranças,  
 Violeta, dos olhos mortos,  
 Maria, a mais moça das tres.  
 Era uma vez tres irmãs  
 unidas no seu destino.

Cortaram as tranças de Lucia, cresceram seus seios  
 redondos  
 suas coxas como colunas,  
 morena, cor de canela.  
 Veio o patrão e a levou,  
 leito de cedro e penas,  
 travesseiros, cobertores.  
 Era uma vez tres irmãs.

Violeta abriu os olhos,  
 seus seios eram pontudos,  
 grandes nádegas em flor,  
 Ondas no caminhar.  
 Veio o feitor e a levou,  
 cama de ferro e de crina,  
 Lenções e a Virgem Maria.  
 Era uma vez tres irmãs.

Maria, mais moça das tres,  
 de seios bem pequeninos,  
 de ventre liso e macio.  
 Veio o patrão , não a quiz,  
 veio o feitor, não a levou.  
 Por ultimo veio Pedro,  
 trabalhador da fazenda.  
 Cama de couro de vaca,

sem lençol , sem cobertor,  
nem de cedro, nem de penas.  
Maria com seu amor.

Era uma vez tres irmãs,  
Maria, Lucia, Violeta,  
unidas nas gargalhadas,  
unidas nas correrias.  
Lucia com o seu patrão,  
Violeta com o seu feitor  
e Maria com o seu amor.  
Era uma vez tres irmãs  
diversas no seu destino

Cresceram as tranças de Lucia,  
caíram seus seios redondos.  
suas coxas como colunas,  
marcadas de roxas marcas.  
Num auto pelas estradas  
quede o patrão que se foi?  
Levou a cama de cedro,  
Travesseiros, cobertores.  
Era uma vez tres irmãs.

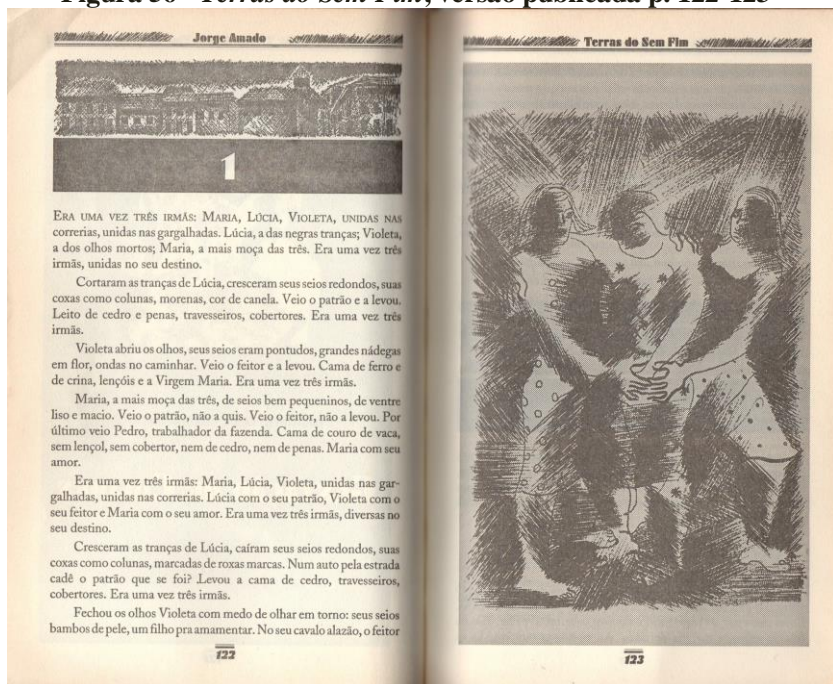
Fechou os olhos Violeta  
com medo de olhar em torno,  
seus seios bambos de pele,  
um filho pra amamentar.  
No seu cavalo alazão  
o feitor partiu um dia,  
nunca mais ha de voltar,  
Cama de ferro se foi.  
Era uma vez tres irmãs.  
Maria , mais moça das tres,  
foi com seu homem pro campo.  
Maria , mais velha das tres,  
voltou com seu homem, do campo.  
Pedro partiu um dia,  
não era patrão, nem feitor,  
partiu num pobre caixão,  
deixou a cama de couro,  
Maria sem seu amor.  
Era uma vez três irmãs.

Era uma vez tres irmãs,

Maria, Lucia, Violeta,  
unidas nas gargalhadas,  
cadê as tranças de Lucia,  
os seios de Violeta?  
Maria sem seu amor.  
Era uma vez tres irmãs.

Era uma vez tres irmãs,  
numa casa de putas pobres,  
unidas no sofrimento,  
unidas no desespero,  
unidas no seu destino.  
Era uma vez tres irmãs,  
Maria, Lucia, Violeta.

**Figura 56 - *Terras do Sem Fim*, versão publicada p. 122-123**



Fonte: AMADO, 2002, p. 122-123.

Tal transposição direta de gênero, que desconsidera quaisquer peculiaridades da “forma literária”, exemplifica a consideração de Jorge Amado a respeito da hierarquização entre forma/conteúdo na sua

produção literária, quando diz: “Eu acho que na minha obra a questão ficcional sempre predominou em relação à linguagem, que de certo modo tem sido secundária, se é que podemos falar assim, dentro do meu trabalho.” (AMADO 1997, apud CADERNOS, 1997, p. 47). Assim, levando-se em conta a declaração do escritor, suponho que, no caso do *Rimance*, não houve a preocupação de se “trabalhar” o texto literário na transposição do gênero porque a mensagem da narrativa continuava a ser mantida.

Ademais, desperta-me interesse o suporte desse fólio, uma folha da *Diretrizes*, fazendo-me supor que ou Jorge Amado guardava consigo papeis em branco do tempo em que escreveu para o periódico ou *Rimance* da três camponesas é mais um indício de que partes de *Terras do Sem Fim* foi iniciado ainda no Brasil em meados de 1940. A folha maltratada, com marca de dobras e de umidade, e a tinta gasta<sup>45</sup>, entretanto, estimulam-me a acreditar na segunda hipótese, sugerindo que o documento seja mais velho que os demais do Acervo, em melhores condições de conservação. Não menos interessante para se pensar o espaço de tempo de produção dessa obra, é a observação de que “Gestão de Cidades” é a terceira parte do romance – lembrando que o Acervo tem versões da primeira e segunda partes do romance somente – o que me faz considerar que a produção Jorge Amado talvez não seja linear.

Para encerrar minha leitura acerca do processo criativo de *Terras do Sem Fim* sob a égide do Acervo Mala de Jorge Amado, compartilho as duas páginas do que, inicialmente, foi catalogado como um conto, intitulado *Noite no Cais*. Posteriormente, em cotejamento com a versão publicada, identifiquei que o datiloscrito é, em verdade, uma transcrição do primeiro capítulo da parte denominada “O Mar” e corresponde quase integralmente<sup>46</sup> à versão editorada do romance. A seguir, reproduzo a imagem desses fólios seguida da digitalização das páginas desse texto no livro impresso.

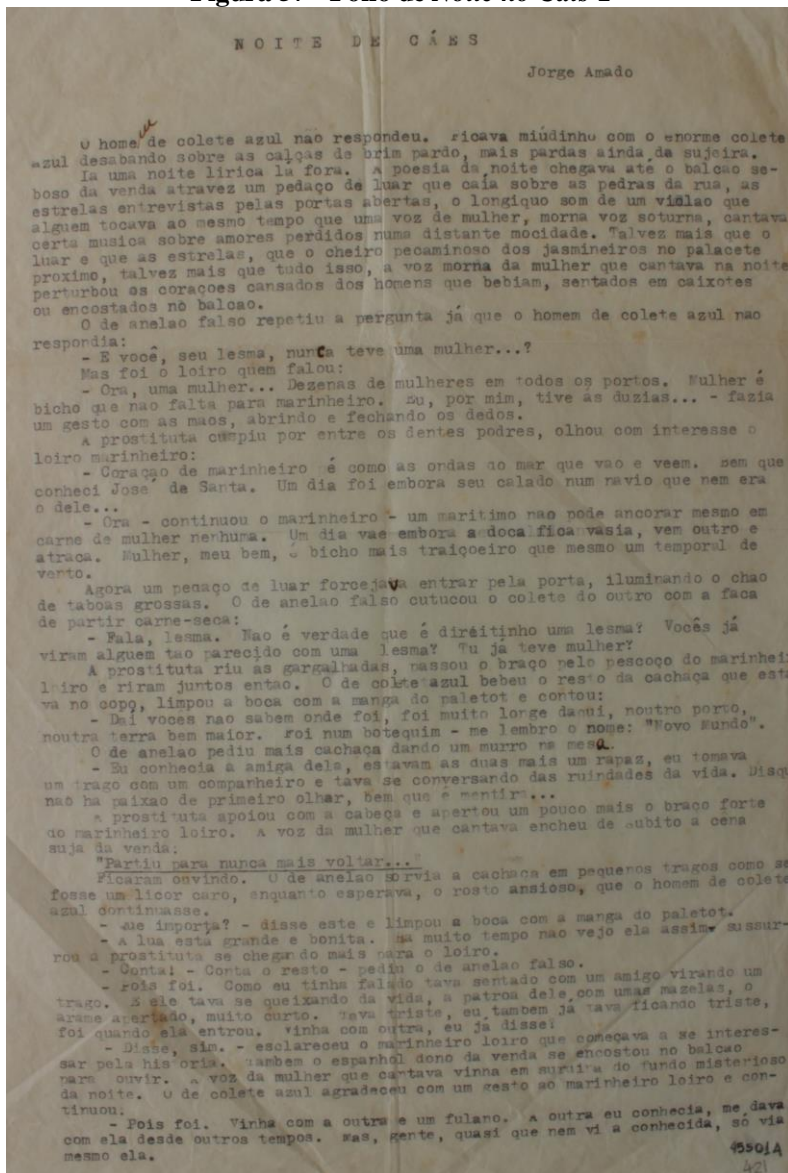
---

<sup>45</sup> A tinta do documento é mais apagada no documento físico. A fotografia que trago para este trabalho foi editada para fins de melhor visualização do texto do poema.

<sup>46</sup> Com exceção de duas pequenas coisas: i) a inserção do verbo “andar” na frase: “[...] a patroa dele andava [...]”, provavelmente esquecido no momento de digitação do original; e ii) a inserção da exclamação em “Mas, gentes!”, possivelmente incluída para dar mais ênfase à expressão. Ou seja, dado que ambos os acréscimos são de ordem de revisão, considero que tais datiloscritos figuram como versões praticamente finais do texto publicado em 1943.



## Figura 57 - Fólio de Noite no Cais 1



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.



## Figura 58 - Fólio de Noite no Cais 2

- 2 -

45601A

- Era morena? - perguntou o de anelao falso que tinha uma queda pelas morenas.

- Morena? Nao. Nao era morena, nem loira tambem, mas, é engraçado, parecia uma estrangeira, gente de outra terra.

- Sei como é... - falou o loiro que era marinho de um cargueiro que varava mar largo. O de colete azul agradeceu com outro gesto.

A prostituta murmurou muito chegada ao marinho.

- Tu sabe tudo... - sorriu. - ve como a lua esta... Grande, grande e tao amarela...

- Como esse moço disse... - o de colete azul apontou o marinho com o beigo - parecia embarcadiça de um paquete vindo de longe. Nao sei mesmo como cheguei perto, parece que foi o amigo que estava comigo que se chegou para falar com a outra. Mas a outra disse quem nos era, ficou conversando com a gente... O que foi que conversou jurou que nao sei... Só vi ela e ela nao falou so que ria, uns dentes brancos, brancos, que nem areia da praia... vai o meu amigo falava, contava as tristezas dela. A outra falava tambem, penso que consolava. Verdade nao sei. Ela e o fulano tavam calados mas ela ria - sorriu lembrando e sorrindo falou -, e fumava depressa, tao depressa nunca vi ninguém fumar. Os olhos dela... - parou se recordando - nao sei como eram os olhos dela... - abanava os olhos. - mas parecia a fada de uma historia que o negro Asteria contava a bordo do navio suado, aquele que afundou na barra dos coqueiros...

O de anelao passou o pé na rasteira de luar, cuspiu, perguntou.

- E o porreta que tava com ela era dono dessa embarcação tao maneira?

- Sei la... Tinha porte nao... Parecia mais amigo, sei la... Só sei mesmo que ela ria, ria, os dentes brancos, o rosto branco, os olhos...

Agora metia os dedos pelos bolsos do colete azul, sem jeito para as mãos até que resolveu emborcar o copo de cachaça.

- E depois? - quiz saber o de anelao.

- Pegaram, foram embora os tres. Tambem fui embora, voltei ao boteguim tantas vezes. Uma vez vi ela de novo. Vinha de longe, tenho certeza. De muito longe, nao era daquela terra...

- Tao bonita a lua... - disse a morena com os olhos tristes. queria dizer outra coisa mas nao encontrou as palavras.

- De longe, quem sabe se do fundo do mar? Só sei mesmo que veio e foi embora. E so mesmo o que sei. Ela nem reparou em mim. Mas ate hoje me lembro do jeito dela rir, dos dentes, do jeito dela fumar depressa. E o vestido - quando gritou de alegria ao se recordar do novo detalhe - o vestido de mangas abertas... - emborcou o copo, esticou o beigo, nao estava mais alegre.

A voz da mulher que cantava na noite lirica ia sumindo devagarinho:

"Partiu para nunca mais voltar..."

- E depois? - perguntou novamente o de anelao falso.

O de colete azul nao respondeu e a prostituta nao sabia se ele estava olhando para a lua ou para alguma coisa que ela nao via, la, mais alem da lua e das estrelas, mais alem do céu, mais alem da noite tao tranquila. Tambem nunca soube porque lhe deu aquela vontade de chorar. E antes que as lagrimas viessem partiu com o loiro marinho para a festa da noite de luar.

O espanhol se encostou no balcão para ouvir as aventuras do de anelao falso, mas o de colete azul agora estava de novo indiferente, fitando a lua amarela no céu. O de anelao parou a historia de uma cabrocha que contava com grandes gestos, virou-se para o espanhol, apontou o de colete azul:

- Nao parece direitinho uma lesma?

.....

Rio/22/0/42

Recbi sua carta hoje á tarde e aqui está o que se pede.

Sobre longa carta, ja a respondi, v. ate aje deve ter recebido. Recebemos o livro de Jorge - todo mundo ficou emocionado, contente. Alguem leu, naturalmente, pois se horten e recebemos. Transmitti as lembranças a todos e todos retribuam. Mga a Jorge que fiquei muito contente com sua benção - nao foi de proposito, mas chego num dia que bem precisava de benção: hoje comemoramos o casal (vair) 7 anos de casados. Vida. Va. vai sentir diferença na revista. O DIP nos contemplou com "censura prévia", a partir do proximo numero. Como ve, as coisas aqui andam 3 passos para frente, 2 para tras. O resto, por enquanto, nada de novo. Esperemos os acontecimentos.

Trente esteve aqui horten - cada vez mais parecido com Jorge. Está de passeio e satisfatissimo por nao estar em S. Paulo essas dias, onde o frio nao está para brincadeira.

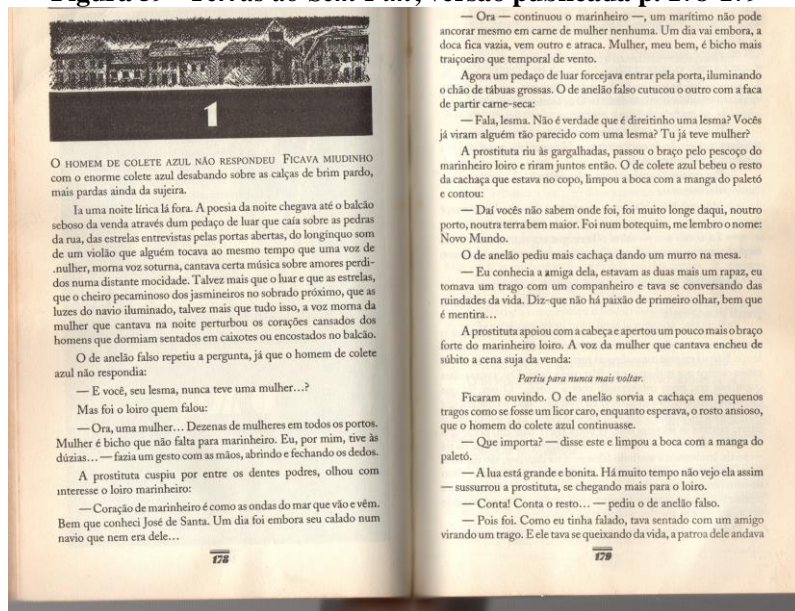
Desquite estar tao mal escrito, mas esta maquina está terrivel. Esperam- do sempre poder ser-lhes util, aqui vai o abraço de

B. Amado

45601D  
420

Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado.

**Figura 59 - Terras do Sem Fim, versão publicada p. 178-179**



Fonte: AMADO, 2002, p. 178-179.

Essas duas páginas do primeiro capítulo de “O Mar” (Figuras 57 e 58), ao que tudo indica, foram compartilhadas por Jorge Amado com os amigos e companheiros de luta, Bluma e Samuel Wainer, pois Bluma “devolve” o capítulo com a carta que escreveu para Matilde, como visto na seção precedente a esta. Tal socialização corrobora com a hipótese de que *Terras do Sem Fim* não se encontra em sua integridade no Acervo também em virtude da prática do escritor de enviar seus textos aos amigos mais próximos.

Além disso, retomo o conteúdo da carta de Bluma para destacar as seguintes passagens: “Matilde, Recebi sua carta hoje à tarde e aqui está o que me pede” e “Esperando sempre poder ser-lhes útil, aqui vai o abraço de Bluma”. Tais passagens me fazem conjecturar que a escrita/envio dessa correspondência na página de *Noite no Cais* tenha sido motivada por um pedido de Jorge Amado, intermediado por Matilde, para que “o casal Wainer” lhe enviasse cópia do texto por não tê-la consigo. Assim, “aqui está o que me pede”: o texto; “Esperando sempre poder ser-lhes útil”, útil ao “casal Amado”, ou seja, o pedido que Bluma estava atendendo também contemplava Jorge Amado.

Finalmente, uma última observação: se o envio de *Noite no Cais* foi em efetivo um pedido de Jorge Amado, é bem plausível de se considerar que essa passagem do livro foi escrita e socializada pelo escritor ainda quando estava no Brasil, quero dizer, dificilmente ele teria compartilhado o texto recém escrito e esquecido de ficar com uma cópia. Assim, definitivamente, cai por terra a declaração que Amado deu para Raillard sobre o período de escritura da obra, retomo: “No Uruguai sentei-me diante da máquina de escrever e de um lance fiz *Terras do Sem Fim*. [...] dois, três meses, não mais do que isso. Quando voltei para o Brasil, o livro estava pronto.” (AMADO 1990, apud RAILLARD, 1990, p. 172).

### 3.3.4 Últimas considerações

Em entrevista concedida a *Cadernos de Literatura Brasileira*, Jorge Amado registra:

Eu sou um contador de histórias, não sou outra coisa. Eu venho e conto a minha história. Aquilo que eu sei e como sei. Isso é o que importa. Não seja demasiado ambicioso. Escrever exige muito do escrito e nem assim ele consegue fazer a coisa como desejaria. (AMADO 1997, apud CADERNOS DE LITERATURA DE LITERATURA BRASILEIRA, 1997, p. 57).

Tal declaração ganha guarida nas teorizações da Crítica Genética quando demarca a realidade de inacabamento de uma obra, pois esta nunca deixará satisfeita por completo a percepção inaugural que o artista teve quando no nível imaginativo. Nesse sentido, *Terras do Sem Fim* pode ser lido como esta produção “infinita”, a considerar as possíveis reflexões do autor acerca do enredo ainda em *Senhor Badaró* (1939), procedidas de uma fase redacional em 1940, ainda projetada como *São Jorge dos Ilhéus*, seguida da produção que, finalmente, culminou em *Terras do Sem Fim*. Esse movimento reitera a dificuldade de aproximação da obra ideal com a obra real, a considerar que a mudança de nomenclatura poderia indicar uma modificação na avaliação do autor, que considerou o romance, finalmente, um “não *São Jorge dos Ilhéus*”. Quer dizer, a obra imaginada se materializa em outra que não atinge a ambição primeira.

No que diz respeito à correção dos textos, quando indagado acerca de alguma recorrência ou organização usual de reescrita/correção, Jorge Amado declara: “Realmente não creio que tenha uma lógica, emendo

mundo, nada sistemático. Todo mundo diz que atualmente o ideal é o computador, pois você já faz a emenda ali mesmo, mas eu pessoalmente sinto muita necessidade da emenda, de visualizá-la no papel” (AMADO 1993, apud HAZIN 1993, p. 18). No que se refere a esta questão, é possível afirmar que os datiloscritos analisados realmente não apresentaram nenhuma recorrência sistemática de correção. Todavia, isso pode ser associado ao fato de que as versões sejam parciais, além de mais próximas da versão publicada, pois, na mesma entrevista, o autor assume se desfazer de grande parte dos rascunhos das obras:

[...] rasgo muita coisa. Rasgo porque quando eu trabalho num romance, trabalho mesmo, não tanto sobre o texto, mas sobretudo sobre as marcações de personagens, de ações, disso, daquilo. Às vezes, a coisa não é fácil. Jogo muita coisa fora. [...] Às vezes mando apenas a última versão, a penúltima, nunca as primeiras. (AMADO 1993, apud HAZIN 1993, P. 18)

Este depoimento corrobora a hipótese de que a versão completa da publicação não consta no Acervo em virtude do compartilhamento do escritor com amigos, pois, como disse, só enviava as versões mais finais. Exemplo disso é o capítulo encaminhado à Bluma e a Samuel Wainer, cujo cotejamento com a versão publicada comprova que este figura tal qual a versão editorada. Deste testemunho de Jorge Amado, ainda é possível detectar a noção da rasura como excesso, dispensável à crítica e aos leitores, em razão da manutenção da noção da produção criativa em um *status* mais elevado, próximo à “musa criadora”, pois se o autor não se preocupasse com esta questão, porque faria tanta questão de se desfazer dos rascunhos e primeiras versões de suas obras?

Diante do exposto, registro a relevância desse dossiê para a tessitura de novas narrativas acerca do processo de criação desse romance, na medida em que participa a um contexto de silenciamentos múltiplos: a) o do estado, que obrigou Jorge Amado a se afastar do país em razão de suas motivações partidárias; b) da própria realidade do exílio, que faz do sujeito um sem lugar; c) da crítica tradicional, que se contenta a uma leitura espaço-temporal da obra sem, todavia, buscar a sua materialidade processual; e d) do próprio autor, que ao abandonar a mala, e seguidamente rejeitá-la, ignorou um processo criativo que não cabe só a ele, mas à própria historiografia da literatura em uma perspectiva pós-estruturalista, quer dizer, a uma noção que se estende para além da

percepção una da leitura, abrindo-se, enfim, à possibilidade de leituras, múltipla e plural, tal qual a obra de arte.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho em que me lancei à narrativa biográfica de Jorge Amado em 1941-1942 procurei tanto investigar os desdobramentos de sua constituição, uma vez que identifiquei nesse recorte biográfico o que denominei de “lacuna”, quanto estudar a materialidade de um acervo literário compilado no período supracitado, o Acervo Mala de Jorge Amado, dado que com base na leitura desse material propus-me à elaboração de uma narrativa de vida, um arranjo discursivo particular acerca da vida de Jorge Amado e de seu entorno ao longo dos dois primeiros anos da década de 1940 em que esteve exilado na Argentina e no Uruguai.

Nesse ínterim, a partir da minha interpretação histórica dessa compilação, busquei relacionar o conceito de “zona cinzenta” com o processo de formação desse arquivo que, a meu juízo, aproxima-se conceitualmente da proposição metafórica de Levi. Isto é, ao fazer uso da referência simbólica da “*zona grigia*” almejei discorrer acerca do irrecuperável biográfico de 1941-1942, dado a condição nebulosa de sua constituição, incapaz de descrever uma operação simples entre os “bons” e os “maus”, ou incapaz de separar “os atenienses e os espartanos, os romanos e os cartagineses”, para retomar os termos de Levi (2016, p. 27). Assim, a partir disso, parece-me que se começa a elucidar o porquê, mesmo localizando informações a respeito de 1941-1942, de algo não se “preencher”, no sentido de os dados não conseguirem suprir o espaço deixado por este intervalo de tempo, já que são os contínuos de ilegitimidades que abrem e solidificam essa lacuna para além da existência ou não de registros biográficos.

Posteriormente, dediquei-me à análise das formas heterogêneas do “espaço biográfico”, tanto a fim de compreender e apresentar as considerações de Leonor Arfuch (2010) a respeito dos contornos de se contar uma vida quanto a fim de apresentar e analisar as materializações de 1941-1942 nas narrativas que tomam Jorge Amado como protagonista. Nessa etapa, estudei 11 obras e pude mapear diferentes tessituras biográficas, desde projetos mercadológicos até projetos acadêmicos, desde propostas fragmentárias a propostas universais, desde memórias vividas a memórias “fabricadas”. Assim, da leitura desses registros de vida, obviamente circunscritos a meus interesses no Acervo, emergiram os tópicos que me motivaram à elaboração da narrativa de Jorge Amado em 1941-1942.

Como visto, o primeiro movimento desse arranjo biográfico foi o de apresentar uma descrição panorâmica tanto das relações pessoais

quanto das produções escritas do escritor no período em questão. Para isso, elaborei uma proposta semiótica de leitura na qual desenvolvi o “Correspondências exilares”, mapa com a indicação de remetentes que escreveram a Jorge Amado, e o “Escrita no/do exílio”, organograma com a relação de textos literários e não literários presentes na “mala”. Tal etapa, como visto, foi capaz de colaborar para a compreensão de pontos em desacordo nos textos de vida de Jorge Amado, como sua chegada a Buenos Aires e posterior partida à Montevideu, além de trazer novas informações para essa história de vida, como os diferentes contatos que manteve no período, a produção literária de diversos gêneros textuais, destacando-se a recorrência de poemas, forma pouco explorada pelo autor ao longo da vida.

Em seguida, reivindiquei o nome próprio e privilegiei três importantes personagens, em diferentes níveis e por diferentes motivos, escamoteados da larga narrativa de vida de Jorge Amado, Matilde, Maria e Pompeu. Assim, procurei construir um percurso da presença desses sujeitos na biografia do escritor com o intuito de reescrever suas histórias ora apagadas, ora dissimuladas, ora desconhecidas pela ação do tempo. Com isso, outras conexões biográficas de Jorge Amado puderam ser tecidas, a exemplo da presença de Matilde Garcia Rosa e de Eulália Dalila com o escritor em parte do exílio (1942), ou da identificação e contextualização de Maria Cruz, ou ainda do registro de Pompeu para além de tradutor do *Caballero*.

Posteriormente, no terceiro e último momento desse meu texto biográfico, dediquei-me ao estudo do processo criativo de *Terras do Sem Fim* a partir dos originais dos primeiros capítulos encontrados no Acervo. Com isso, procurei tanto elucidar desencontros biográficos em relação a seu período e contexto de elaboração quanto inaugurar a fortuna crítica desse processo de criação, pois, como dito, não identifiquei ocorrências de estudos a respeito da gênese do referido romance. Nesse contexto, além de julgar positivo o resultado desse recorte da investigação, dado o cumprimento das ambições propostas, ainda menciono o fato deste ter me auxiliado na própria compreensão macro do Acervo, haja vista a correspondência de Jorge Amado com amigos de militância nas quais cita a produção desse romance, em específico.

Por fim, destaco que investigar um objeto dessa natureza me faz experimentar uma pesquisa que repercute para além do objeto. Quero dizer, ao procurar compreender as histórias dessa “mala” busco a minha história em relação a elas, buscamos as nossas em relação a elas. “Buscamos” porque ao meu lado caminham outras pesquisadoras, todas, no feminino:



além de mim, Roberta<sup>47</sup>, Thalita<sup>48</sup>, Nicola<sup>49</sup>, Rosane<sup>50</sup>, Aline<sup>51</sup>, Ailê<sup>52</sup> e agora Cecília<sup>53</sup>, movimentamo-nos em direção às narrativas que se querem fazer desse espaço, até então silenciado, de correspondências, contos, poemas, romances, ensaios, críticas, discursos, fotografias, recortes, envelopes e outros mais. Todas nós, mulheres, nomes próprios, cientes das especificidades deste lugar de ser que não abdica à solidariedade coletiva que nos permite o embate diário para não somente seguirmos visíveis, mas também legítimas.

É desse espaço que li e continuarei lendo, uma vez aprovada no exame de seleção de Doutorado deste Programa de Pós-Graduação, parte da memória do Partido Comunista, as articulações, as relações, as amizades, a campanha em prol da anistia de Luís Carlos Prestes. É, enfim, desse universo arquivístico que faço e fazemos falar Maria, Matilde, Eulália, Pompeu e, em certa medida, todas nós.

---

<sup>47</sup> Ver MARTINS, Roberta de Fátima. *Enlaces: memória e subjetividade no Acervo Jorge Amado*. 251 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135143>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

<sup>48</sup> Ver COELHO, Thalita da Silva. *Entre esparsos e inéditos: a Mala de Jorge Amado (1941-1942)*. 113 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/168304>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

<sup>49</sup> Ver SILVA, Nicola Mira Gonzaga da. *O cavaleiro biografado e outros ecos*. 152 o. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

<sup>50</sup> Rosane Hart é doutoranda no Programa de Pós-graduação em Literatura da UFSC com previsão de defesa de tese, “Jorge Amado: das lembranças às invisibilidades e apagamentos”, para 2017.

<sup>51</sup> Aline Rullian Germann Woloski é pós-doutoranda no Programa de Pós-graduação em Literatura da UFSC e pesquisa a presença de Ivan Pedro Martins no Acervo Mala de Jorge Amado.

<sup>52</sup> Ver GONÇALVES, Ailê Vieira. *O (in)visível no acervo Jorge Amado (1941-1942)*. 2016. 72 p. TCC (Graduação) - Curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/160024>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

<sup>53</sup> Cecília Schmidt da Cruz, pesquisadora PIBIC, investiga a presença de Olga Benário no Acervo Mala de Jorge Amado.



## REFERÊNCIAS

AGAMBEM, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008

AMADO, Jorge. Carta a uma leitora sobre romances e personagens. IN: MARTINS, José de Barros (org.) *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura*. São Paulo: Martins, 1972, p. 23.

\_\_\_\_\_. *É preciso viver ardentemente*. Entrevista concedida a Antônio Roberto, 1981. IN: GOMES, Álvaro Cardoso (org.). *Jorge Amado: Literatura Comentada*. São Paulo: Abril, 1981.

\_\_\_\_\_. IN: RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Trad. Annie Dymetman. Rio de Janeiro, Record. 1990.

\_\_\_\_\_. *Entrevista com Jorge Amado*. Hotel Majestic, Roma, 1993. Entrevista concedida Elisabeth Hazin.

\_\_\_\_\_. *Entrevista*. IN: CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: Jorge Amado. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 3, 1997.

\_\_\_\_\_. *Terras do Sem Fim*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

\_\_\_\_\_. *Navegação de Cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2010.

BASATIDE, Roger. Sobre o Romancista Jorge Amado. IN: MARTINS, José de Barros (org.). *Jorge Amado Povo e terra: 40 anos de literatura*. São Paulo, Martins, 1972.

BELLEMIN-NOËL, Jean. Reproduzir o manuscrito, apresentar os rascunhos, estabelecer um prototexto. *Manuscrita*. Revista de Crítica Genética. São Paulo, APML, n. 4, 1993, p. 127-161.

BERGSON, Henri. *Os pensadores*. Trad. Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BRASIL. Constituição (1934). *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro, 1934.

BRASIL. Decreto nº702, de 21 de Março de 1936. Rio de Janeiro, 1936.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: Jorge Amado. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 3, 1997.

CANDIDO, Antonio. Poesia, Documento e História. In: MARTINS EDITORA (Org.). *Jorge Amado: 30 anos de Literatura*. São Paulo: Martins, 1961, p. 168-179.

CUNHA, Eneida Leal. A Casa Jorge Amado. IN: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello (Org.). *Arquivos Literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p.117-128.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: Escrever uma vida*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009.

ESPINOSA, Antônio Roberto. *É preciso viver ardentemente*. Entrevista feita com Jorge Amado, 1981. IN: GOMES, Álvaro Cardoso (org.). *Jorge Amado: Literatura Comentada*. São Paulo: Abril, 1981.

FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO.  
Em:<<http://jorgeamado.org.br>>. Acesso em: 10 de julho de 2016.

GATTAI, Zélia. Ai, que saudades de Jorge! IN: GATTAI, Zélia (org.). *Um baiano romântico e sensual: três relatos de amor*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GETÚLIO VARGAS: Edição Histórica. São Paulo: Editora Abril, sem ano de publicação.

GOMES, Álvaro Cardoso (org.). *Jorge Amado: Literatura Comentada*. São Paulo: Abril, 1981.

HEINE, Maria Luiza. *Jorge Amado e os coronéis do cacau*. Ilhéus: Editus, 2004.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Trad. Bernardo Leitão et. al. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, 421.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. *Os Afogados e os Sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. São Paulo/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

MARTINS, José de Barros (org.). *Jorge Amado: 30 anos de literatura*. São Paulo, Martins, 1961.

\_\_\_\_\_. *Jorge Amado Povo e terra: 40 anos de literatura*. São Paulo, Martins, 1972.

NERY, Hermes Rodrigues. A dinâmica criadora de Jorge Amado, 1990. IN: RAILLARD. Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Trad. Annie Dymetman. Rio de Janeiro, Record. 1990.

PEREZ, Renard. Notícia Biográfica. IN: MARTINS, José de Barros (org.). *Jorge Amado Povo e terra: 40 anos de literatura*. São Paulo, Martins, 1972.

PINHEIRO, Flávio. Instituto Moreira Salles. Em: <<http://www.ims.com.br/ims/instituto/historia>>. Acesso em: 27 outubro 2016.

PORTELLA, Eduardo. A fábula em cinco tempos, 1961. IN: MARTINS, José de Barros (org.). *Jorge Amado: 30 anos de literatura*. São Paulo, Martins, 1961.

RAILLARD. Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Trad. Annie Dymetman. Rio de Janeiro, Record. 1990.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como outro*. Campinas: Papirus, 1991, p.191.

RUBIM, Rosane. CARNEIRO, Maried (orgs.). *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa*. Salvador: Casa das Palavras, 1992.

SALLES, Cecília Almeida. *Crítica Genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística*. São Paulo: EDUC, 2008.

SANTOS, Itazil Benício dos. *Jorge Amado: Retrato Incompleto*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

SARLO, Beatriz. Crítica e testemunho: Sujeito e experiência. In: *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas indiscretas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

TÁTI, Miécio. *Jorge Amado: Vida e Obra*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.

TAVARES, Paulo. *O Baiano Jorge Amado e sua obra*. Rio de Janeiro: Record, 1982.